

A AMEACA CRESCE EM PORTUGAL

CORACÃO

O NOVO INIMIGO MORTAL

Em Portugal, a incidência de óbitos motivados por doenças cardíaco-vasculares aumentou em cerca de 120 por cento, devido às modificações verificadas na existência quotidiana. Pagamos assim, também, o tributo que o progresso impõe aos homens: cada vez mais o coração fraqueja diante da tensão, da angústia e dos problemas de toda a ordem que o mundo moderno multiplica. O que fazer para evitar o enfarte? Um médico francês responde a esta pergunta que interessa a todos, em especial aos homens entre os 45 e os 55 anos. (PÁG. 3)

SIMONE
ACTRIZ
DE
COMÉDIA



Simone de Oliveira deveria estreiar-se em África como actriz na comédia «Uma Cama para Toda a Gente», mas de repente foi preciso substituir Milu e ela estreou-se aqui mesmo. (PÁGINA QUATRO)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



O gigante da derrota

Artur foi um verdadeiro gigante no jogo do Benfica contra o Ajax na Luz. Tal como em Amesterdão, ele acabou com as pretensões de Keizer e de Cruyff. A crítica brasileira já tinha decretado, quando a Académica foi ao Rio: «Esse garoto louro é um super-craque.» Agora os holandeses são da mesma opinião. A história do ex-garoto pobre está no sensacional «DL»/Desportos de hoje.



A VOLTA DAS "TEEN-AGERS"

Na Inglaterra já começaram a aparecer as primeiras concorrentes ao título de Princesa das Teen-Agers. Nas fotos, em cima, Sue Paul, e à esquerda Jenny Coulson. Em Portugal, mais uma vez o «DL» promove o concurso, começando as inscrições no dia 7 e acabando no dia 20 de Maio. As concorrentes deverão ter entre 14 e 19 anos. A Princesa Portuguesa das Teen-Agers participará no concurso mundial que se realiza em Julho em Berlim e na Cidade Olímpica de Munique. Mais detalhes a partir de 3.ª feira no «DL».



A ÚLTIMA CARTADA DE HANÓI

Por
JAQUES AMALRIC
«Le Monde»/«DL»

WASHINGTON — «A última cartada de Hanói»: a expressão faz furor entre os comentadores americanos. Pormenor interessante: não foram os jornalistas a inventar a frase. Esta foi-lhes «soprada» por uma das raras personalidades oficiais que ainda aceitam fazer confidências, em particular. Alguns desses altos funcionários pertencem à Casa Branca.

Em teoria, o presidente Nixon acompanha, por certo, o evoluir da situação, mas não se mostra particularmente inquieto. Pelo menos é o que repete o seu porta-voz, Ronald Ziegler. A ofensiva norte-vietnamita, segundo aquela tese, é uma questão puramente militar; a arremetida do adversário estava prevista de há muito, e há muito tempo também que o presidente havia feito saber que os sul-vietnamitas seriam capazes de resistir. Foi por isso, que, sempre confiante, Nixon se permitiu ir passar o fim-de-semana a Key-Biscayne (Flórida) logo na quinta-feira, dia 6 de Abril, sem esperar pe-

la tradicional sexta-feira. Teria mesmo dado, nesse dia, um passeio de barco com o seu vizinho e amigo Bebe Rebozo. Subentendido: uma pessoa não vai dar um passeio de barco quando se encontra em jogo o destino de um país membro do mundo livre...

O PASSEIO

A verdade, porém, é que os dirigentes americanos estão mais inquietos do que aquilo que deixam transparecer. Nixon talvez tenha dado um passeio de barco durante aquele fim-de-semana, mas o certo é que tinha pedido a Henry Kissinger que o acompanhasse na sua saltada à Flórida. Kissinger regressou no sábado a Washington, mas depois de ter deixado junto do presidente o seu adjunto número um, um homem muito discreto de quem pouco se fala, mas de quem é grande a influência: o general Alexander Haig. Foi o general Haig quem presidiu, no dia 8 de Abril, a uma reunião do Grupo de Acção sobre o Vietnã, organismo que compreende membros do Departamento de Estado, do Pentágono, da C.I.A. e da Casa Branca, e que está encarregado de, durante toda a crise, apresentar diferentes «opções» ao presidente.

O TEMPO

Se é impossível saber-se o que pensa Richard Nixon (o único membro do Gabinete a comentar os recentes acontecimentos foi Melvin Laird, secretário da Defesa) já é mais fácil fazer-se uma ideia do que pensam alguns dos seus conselheiros. Como encaram eles a situação? Para eles, Hanói estaria a jogar «a sua última cartada». Sentindo que o tempo deixou de jogar a seu favor, os dirigentes norte-vietnamitas teriam reunido o essencial das suas vacilantes forças para lançar uma última ofensiva, sem a esperança de uma vitória militar definitiva mas para tentarem melhorar a «mão» na mesa das negociações. Porque, sempre segundo a mesma análise, a ofensiva actual, seja qual for o seu remate, será, sem dúvida, seguida por um reatamento das negociações americano-norte-vietnamitas.

PERSPECTIVAS

Os defensores desta tese apontam para isso duas razões:

- «Os norte-vietnamitas assumiram enormes riscos ao lançarem a ofensiva, desguarnecendo perigosamente o seu território;
- Tal como tinham pensado em 1968, calculam agora que um período pré-eleitoral lhes é favorável para o estabelecimento de negociações. Se estivessem apenas interessados em vitórias militares, acrescenta-se em Washington, teriam esperado, antes de lançarem a sua ofensiva, pelo fim do programa de retirada das tropas americanas. Mas não é esse o caso.

A análise é discutível. Mas, certamos, é a que se faz em certos meios muito chegados a Nixon. Daí o seu interesse. Reside aí também a importância de uma declaração feita, no dia 8 de Abril, por Ronald Ziegler, em Key-Biscayne. Ziegler, que, durante muito tempo, procurou fugir às perguntas dos jornalistas sobre o Vietnã, teve desta vez de acusar de falsas as declarações norte-vietnamitas segundo as quais os Estados Unidos não estariam interessados em negociações a sério.

MUITO CEDO

Sempre segundo as mesmas fontes, seria demasiado cedo para se ter uma ideia precisa sobre os próximos acontecimentos no campo militar. A frente mais importante, pensa-se em Washington, é a da região setentrional do Vietnã do Sul. A ofensiva do adversário pode ser facilmente repelida nos Altos-Planaltos, na região de Saigão e mais ainda no delta do Mekong. Com efeito, os norte-vietnamitas operam nessas regiões longe das suas bases, tendo problemas de abastecimentos, e as suas dificuldades vão aumentar com o início da estação das chuvas, dentro de duas ou três semanas.

A situação é considerada mais delicada na região ao Sul da zona desmilitarizada, dada a proximidade do Vietnã do Norte. A curto prazo, o objectivo americano é evitar a queda de Hué e Da-Nang. Estas cidades são autênticos símbolos e, além disso, estão defendidas por unidades sul-vietnamitas consideradas de elite. É, portanto, muito importante que consigam aguentar-se. Será fornecido todo o apoio aéreo americano, mas o presidente Thieu não deve contar com a ajuda, em terra, das tropas americanas. Só existem, segundo se calcula, seis mil soldados americanos no Vietnã do Sul e, de qualquer modo, está posta de parte, em período eleitoral, a possibilidade de os fazer participar nos combates.

REPAROS

São estas as «confidências» que se podem ouvir em Washington, nesta altura. Há dois reparos a apontar-lhes:

- Os que as fazem, indivíduos muito chegados a Nixon, pretendem, manifestamente, que tal análise, verdadeira ou falsa, seja conhecida do adversário;
- Alguns especialistas não-governamentais contestam o aspecto «larga ou dobra» dos motivos atribuídos a Hanói. Nada é decisivo nem definitivo neste género de guerra, fazem aqueles notar, tanto a ofensiva do Tet como esta de agora. Acreditar que o Vietnã do Norte está nos limites das suas forças e que joga a última cartada é um erro grave. A utilização de blindados nesta ofensiva de Hanói (ao contrário do que foi feito em 1968) permite ao Vietnã do Norte poupar grande número de vidas humanas. Hanói, em contrapartida, nenhuma dificuldade terá, nesta altura, em obter material de substituição, fornecido por Moscovo.

SETE DIAS NO MUNDO

A LUA E OS POBRES

Apesar das dificuldades que sempre surgem durante as viagens espaciais, a Apollo-16 lá foi à Lua, devendo regressar na quinta-feira. O público começa a habituar-se a estas periódicas idas ao nosso satélite natural, sempre muito parecidas e monótonas para quem as vê sentado na poltrona de espectador de televisão, claro está. A capacidade de entusiasmar, de emocionar, de chamar sobre si as atenções começa a desaparecer. Contudo, muita gente ainda fica presa por essa coisa extraordinária que é o simples (?) facto do homem sair do seu espaço habitual aventurando-se no desconhecido. Talvez até o presidente Nixon tenha pensado nessas pessoas quando ordenou o bombardeamento de Haiphong e Hanói ao mesmo tempo que a Apollo-16 se elevava no espaço sideral. O «frisson» de uma avariazita até ajuda a concentrar atenções. Mas não é isso que nos importa agora.

Certo que as pessoas que, no princípio, acusavam soviéticos e americanos de malgastarem o dinheiro quando havia tanta coisa a fazer de mais importante para os homens de hoje, não terão deixado de ter essa opinião. O que eles perderam foi as ilusões de que algum dia o dinheiro eventualmente poupado no espaço fosse empregue nas actividades caritativas que preconizavam. Alguns, poucos com certeza ter-se-ão até convencido que o futuro de cada um está muito mais nas suas mãos do que na caridade alheia.

SEGUNDA-FEIRA

Pedindo aumentos de salários 290 mil ferroviários iniciaram em Inglaterra uma greve de zelo que, naturalmente preocupou muito o governo do sr. Edward Heath. É mais uma dor de cabeça para um governo que, parece vai mantendo uma certa popularidade não porque a sua administração se caracterize pela eficiência e pelo bem estar do povo, mas porque os trabalhistas se dividem em volta da questão europeia.

Num início em que estiveram 350 mil pessoas o presidente Salvador Allende do Chile anunciou que tinha enviado para o Congresso uma proposta de expropriação de todos os bens da ITT no país. Durante o comício, organizado em resposta a um da oposição conservadora que reunira 250 mil pessoas, o presidente do governo popular anunciou também, que no próximo ano plebiscitaria um projecto de Constituição, o qual legalmente encaminharia o Chile para uma legalidade socialista. Este anúncio tem especial importância pois a oposição tem andado recentemente a pedir com insistência que um plebiscito desse género seja efectuado. A Unidade Popular, ao marcá-lo para 1973 deve ter consciência das suas possibilidades de vitória.

TERÇA-FEIRA

Depois de Rogers ter afirmado que os bombardeamentos ordenados por Nixon contra o Vietnã do Norte eram essenciais à retirada e destinavam ao mesmo tempo, a dar a Saigão possibilidades de defesa, a guerra no Sueste Asiático conheceu um novo agravamento, ao qual os EUA não responderam como seria de esperar pelas declarações do secretário de Estado. Foi a batalha naval que opôs navios da poderosa Sétima Esquadra a Migs da aviação de Hanói. Pelo menos dois navios ficaram danificados. Um deles era o navio almirante. A au-

sência de uma resposta americana só poderá ser entendida num contexto mais geral. Na verdade, depois de Haiphong e Hanói terem sido bombardeados e suspensos esses bombardeamentos após os protestos que levantaram, só o recomeço deles poderia servir de retaliação à escalada representada pelo ataque de Migs à Sétima Esquadra. Algo se deve ter passado atrás da cortina. O tempo (ou Jack Anderson) nos dirá. No sul a guerra continuava a agravar-se para o regime de Saigão, tendo sido aberta a frente cambojana.

QUARTA-FEIRA

A situação militar no Vietnã do Sul torna-se «preocupante» para o presidente Van Thieu e para a política de «vietnamização» do presidente Nixon. Apesar do emprego indiscriminado da aviação (na véspera em Genebra, a Inglaterra opusera-se ao projecto soviético de proibição das armas químicas) a norte e a sul da zona desmilitarizada não quebraram o impeto dos guerrilheiros na sua ofensiva. Em redor de Saigão, na parte oriental do Camboja nos Planaltos Centrais, a FNL está francamente ao ataque. No território khmer, ao longo da

SEXTA-FEIRA

Em Atenas, os militares do regente Papadopoulos comemoraram o sexto aniversário da sua tomada do poder, contra a democracia parlamentar que então vigorava na Grécia. Apesar das repetidas afirmações de que o regime evoluirá num sentido mais representativo, os artigos da Constituição que garantem aquele mínimo de liberdades necessárias ao exercício da democracia continuam suspensos «sine die».

Em Hanói, o Ministério dos Negócios Estrangeiros convocou os diplomatas para os aconselhar a enviar em as famílias e o pessoal não estritamente indispensável para fora da cidade. Os habitantes da capital norte-vietnamita foram também avisados de que se deviam preparar para novos bombardeamentos preconizando também a saída de todos os que não são indispensáveis na cidade. Este procedimento não é novo naquela capital que já conheceu experiências ainda mais duras, por mais prolongadas. Durante os bombardeamentos ordenados por Johnson, as autoridades norte-vietnamitas viram-se obrigadas a entregar a cidade quase só áqueles que a defendiam. As fábricas chegaram a ser desmontadas para serem reerguidas, algures na selva mais abrigada. As escolas passaram para subterrâneos, o país reorganizou-se para continuar o seu processo sem quebrar a determinação de combater.

SÁBADO

Nos Estados Unidos começam a sentir-se os primeiros efeitos da actual fase por que passa a guerra da Indochina.

Os protestos verificaram-se numa centena de locais, demonstrando bem que o movimento pode alargar e vir a causar sérios embaraços à política do presidente. As prisões são já muito numerosas.

Além disso, estas manifestações têm um carácter diferente daquelas que levaram Johnson a desistir da reeleição. Os protestos não se devem ao aumento do número de vítimas americanas. A posição é agora mais ética, mais política, se se quiser. Este facto deve procurar a Casa Branca que planeou a sua política em função da diminuição do número de baixas.

KIRK DOUGLAS DIRECTOR

Kirk Douglas vai iniciar-se na realização com uma película que rodará na Jugoslávia a partir de Junho, intitulada «Scalawag», da qual será, também, o protagonista.



Isabel da Nóbrega

VIVER
COM OS OUTROS
(3.ª edição)

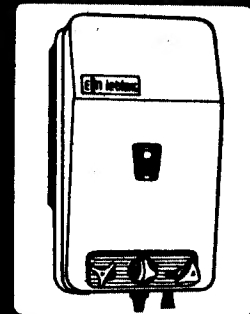
ÚLTIMO PRÉMIO
CAMILO CASTELO
BRANCO
(1966)

45500

PRELO EDITORA, SARL
R. da Misericórdia, 67
Lisboa — Tel. 370691

E.L.M. leblanc

Os esquentadores Franceses de classe internacional mais vendidos em Portugal POR ALGUMA RAZÃO É!



MULTI-GÁS
SEGURANÇA TOTAL
IGNICAO AUTOMATICA
MODELOS DE 6, 10 e 13 Lit.
E.L.M. leblanc
água quente barata

Repres exclusivos
EST M SIMOES JR SARL
Div de electrodomesticos
LISBOA-PORTO

Coração, a grande ameaça

Já não restam dúvidas de que a arteriosclerose é, para empregar as próprias palavras da Organização Mundial da Saúde, «a epidemia mais desastrosa do século XX».

A sua manifestação cardíaca, o furo, tornou-se, em todos os países industrializados, a causa mais importante de mortalidade e invalidez nos homens, numa idade em que a sua actividade é particularmente útil à sociedade.

Por esta razão é que 51 países participam, durante todo o mês de Abril, numa campanha de informação destinada a esclarecer o público sobre as causas e as possibilidades de prevenção destas doenças que já não são, como se julgava outrora, a expressão inelutável do envelhecimento.

Preço da prosperidade, reflexo do modo de vida inteiramente novo que a rápida urbanização mundial e a mecanização implicam, a arteriosclerose só será travada, e as suas consequências mortais ou causadoras de invalidez evitadas, através de profundas alterações do comportamento. Ao contrário da vitória sobre as doenças infecciosas, alcançada graças a poderosos auxiliares técnicos (as vacinas e a quimioterapia), a luta contra a degenerescência cardiovascular só pode ser o fruto das vontades individuais: com efeito, o agressor já não é um microorganismo estranho, mas

sim a angústia íntima, física ou moral, provocada nos homens por um meio ambiente que criaram à pressa, sem compreenderem as suas consequências.

O objectivo da campanha mundial em que se empenham, em França, a Liga do Coração e a Fundação Nacional de Cardiologia, é dar a cada um os meios para travar esta luta e informações precisas sobre uma fatalidade que é, frequentemente, um suicídio por ignorância.

Pelo dr. ESCOFFIER-LAMBIOTTE
Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O TRIBUTO

Aproximadamente uma pessoa em cada duas morre, nos países prósperos, de doenças cardiovasculares, e a frequência destas afecções não deixa de aumentar, como o revelam os registos da Organização Mundial da Saúde (O.M.S.). A taxa de mortalidade observada, nos homens com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos, devota a uma arteriosclerose coronária (enfarte), aumentou, em França, de 1955 a 1967, em 47 por cento. Em certos países cujo desenvolvimento começa a acelerar-se (Portugal, Grécia, Polónia), verificaram-se, durante o mesmo período, aumentos que vão até 120 por cento, enquanto

que a situação parece estabilizar-se na Suécia ou na Suíça. Os homens — mais do que as mulheres — pagam este tributo à prosperidade, mas parece que os acidentes das artérias cerebrais (apoplexia) afectam estas últimas com uma frequência cada vez maior.

É provável que o aumento da longevidade, o desaparecimento das doenças infecciosas e os progressos conseguidos nos processos de diagnóstico sejam parcial-

mente responsáveis por este fenómeno.

Todavia, o «rejuvenescimento» das vítimas e o facto de a arteriosclerose apresentar um carácter quase epidémico em numerosos países aconselham a multiplicidade dos esforços visando a compreensão das suas causas e a sua prevenção.

Foi há relativamente pouco tempo que a medicina se começou a preocupar em estudar os efeitos do meio ambiente sobre o homem, e mesmo em reconhecer a sua realidade.

ANSIEDADE

A comparação de camadas de população de idade e nível de vida iguais e a observação pro-

longada de grupos de indivíduos habituados a regimes alimentares diferentes revelaram, em primeiro lugar, que a arteriosclerose ataca todas as camadas da população e não apenas, como se pensava anteriormente, os «dirigentes». As estatísticas soviéticas mostram que, entre os 50 e os 59 anos, um homem em cada cinco sofre de alteração das coronárias, e um em cada quatro de hipertensão. A proporção é maior nos cidadãos do que nos agricultores e a relação com o estado de tensão psíquica é particularmente eloquente.

A importância dos factores nervosos é confirmada pelos inquéritos franceses (Marselha, professor Jouve); estes revelam, porém, inequivocamente que nem todos reagem da mesma maneira às agressões e que estas são mais ou menos nocivas consoante a receptividade dos indivíduos; os mais vulneráveis à arteriosclerose são aqueles cuja personalidade se manifesta por uma necessidade de acção, um carácter meticuloso, escrupuloso e a noção precisa e permanente, quase obsessiva, de que o tempo passa, ou seja, nos ansiosos.

A doença desenvolve-se tanto mais facilmente quanto diversos factores ditos «de risco» se conjugam. Os que se encontram em todos os inquéritos mundiais são, além da tensão nervosa:

1) O tabaco, que multiplica por quatro a frequência das afecções cardiovasculares;

2) A sedentariedade, que estorva a acção da circulação e o desenvolvimento dos pequenos vasos que secundam a artéria coronária;

3) Os erros alimentares, que dizem essencialmente respeito a três excessos: calorias globais, açúcares e gorduras. Os exames biológicos permitem verificar se o sangue contém demasiado colesterol, açúcar e certas gorduras. Se assim for, impõe-se um regime, mesmo na juventude, caso se deseje evitar o acidente ulterior.

4) A hereditariedade pode ser igualmente um factor suplementar de «risco». Existem indiscutivelmente predisposições familiares às perturbações vasculares, mas as razões da fragilidade arterial assim manifestada são ainda mal conhecidas. Endócrinas, sem dúvida; metabólicas, certamente, em certas perturbações da degradação das gorduras ou dos açúcares, e mesmo na vulnerabilidade particular às emoções.

5) A hipertensão, finalmente, de que sofrem em França (e na maioria dos casos sem o saberem) sete milhões de pessoas, é, sem sombra de dúvida, um dos factores mais importantes das lesões vasculares. Pode aparecer muito cedo, sem causar perturbações evidentes.

A diminuição da esperança de vida que a hipertensão implica justifica que ela seja sistematicamente detectada e tratada, e isso a partir do momento em que a elevação ultrapassa 9 cm de mercúrio (mínima) e 16 cm (máxima).

O tratamento consiste, essencialmente, num regime (sem sal e pobre em calorias), na rejeição do tabaco e em medicações sedativas e hipotensoras.

PREVIDÊNCIA

As estatísticas dos dispensários americanos reservados aos antigos combatentes são eloquentes quanto à eficácia destes tratamentos. Indivíduos cuja idade média andava pelos cinquenta anos e que sofriam de uma hipertensão moderada (mínima variando de 9 a 11,4) foram divididos em dois grupos e vigiados durante cinco anos.



Continua na pág. 18

animatógrafo apresenta



Quero fazer um drama alegre.
É a ambição da minha vida.

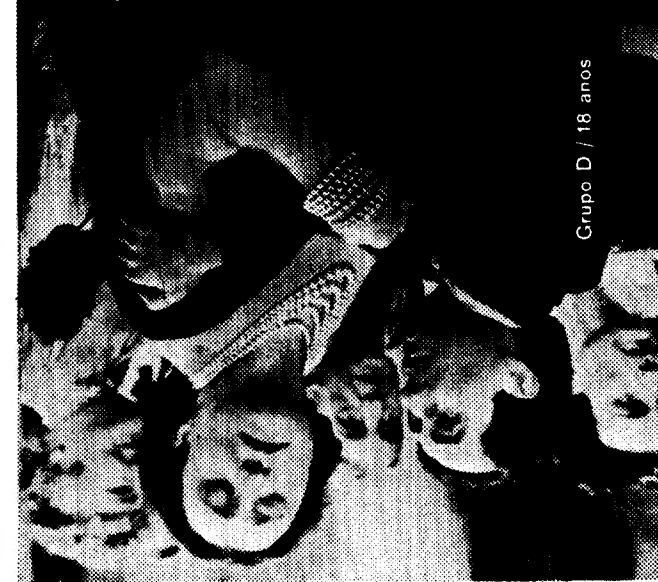
LA RÉGULE DU JEU

(La Règle du Jeu)

a obra-prima de

Jean Renoir

UM DOS DEZ MELHORES FILMES DE SEMPRE
Sight and Sound, 1972



Grupo D / 18 anos

SATAM

BREVEMENTE

ISABEL DA NOBREGA

A mulher olhava com ar de censura a onda grossa e teimosa que ora recuava arripiando a pele da água, ora avançava, estendendo-a sempre um pouco solta, pronta a ser de novo repuxada.

A mulher não gostava de água doce ou parada, sempre procurava a do mar. Mas desde que em menina lhe tinha acontecido aquela espécie de afogamento — o grupo, com a alegre ferocidade dos treze anos, mantendo-lhe sem aviso a cabeça debaixo de água a ver até quando é que ela aguentava — nunca mais pudera furar uma onda, não aguentaria, pensava, a sensação remota da água fechando-se por sobre a sua cabeça, o estrodo abafado a prolongar-se em asfixia, como da outra vez, e em morte. Há pequenas nevroses contra as quais não vale a pena lutar. Com as quais nos acomodamos bem. A mulher acomodava-se mas olhava impaciente e desapontada a onda grossa que lhe fora invisível da janela do comboio e que parecia ter escolhido de propósito a mesma praia.

A onda tinha desculpa, era ainda tempo de marés, lá porque a primavera aquecia e se incendiava assim de repente em calores de verão, o resto do corpo da terra, o corpo líquido da terra, não tinha obrigação de acompanhar esse afogamento extemporâneo, e não alterava o ritmo próprio — o seu tempo era de marés.

Raciocinando, as coisas aceitavam-se melhor. E não tendo poderes para fazer amainar as águas em seu proveito, a mulher estendeu-se disposta ao sol e a não pensar em nada.

Sempre desconcerta as pessoas com o que lhes parecia mais uma contradição. Se a sua relação com a areia e com o mar era feita de uma entrega exaltada e absoluta, como podia ela ser ao mesmo tempo tão



QUADRATIM

consciente, alguns diriam mesmo de forma tão aplicada?

Para além do torpor da imobilidade, para além das vozes e das chamadas, e daquele inimitável barulho da onda cantando ao desdobrar-se, veloz, gritando ao atirar-se com força, e só no regresso esmorecendo, como quem geme, a mulher, atenta, de olhos fechados, ia também isolando a sensação física do sol a enfiar-se-lhe pelos poros, como que mil agulhinhas douradas procurando caminho até aos ossos, levando de arrastão a vitamina que dorme sob a pele e só acordava com o sol. Mergulha pois com ele, obediente, e apostos para a sua função única de fixadora do cálcio nos ossos da nossa carcaça.

Ah, o bem-estar de saber o que está a acontecer ali dentro. Respira fundo. Associa de raspão ossos ao Camilo Pessanha («unhas, conchinhas, pedacinhos de ossos...») vê-se no domingo seguinte dentro do mar

sossegado, a rodopiar de alegria, levantando os braços para o ar, chamando os que lentamente avançam pela orla, a fazer caretas e a dizerem «a água está tão fria»; chamando, impaciente, é preciso que eles sintam tudo aquilo, ah; e os oligoelementos a atravessarem a pele já mais dorada, a entrarem todos e recita a lenga-lenga do costume: neste momento estão a entrar em nós os elementos vitais que dá o mar, ouro, cobre, cobalto, níquel, iodo, magnésio... - e na mesma altura se sente tonificada, revitalizada triunfante. Os outros troçam e dizem a palavra juventude. Ela não responde e nada para longe.

— Sózinha?! — alguém lhe toca no pé e a salpica. Abre os olhos. Um casal a escorrer água e a sorrir muito, dentes, pedacinhos de ossos. — Sózinha, sim. Tudo isto é tão bom em bando, como a dois, como sózinha. Hoje não calhava a mais ninguém. A uns porque o melhor domingo seria o de acordarem a meio da tarde, almoçarem molemente, e só saírem à noite; a outros, porque preferiam repousar no silêncio da sala antes de se sentarem à secretária com os papéis — para eles o verão ainda não começou, só o calendário lhes abrirá a porta para a praia. Então vim sózinha, no comboio, sem me afligir o calor nem a multidão. Esta é uma das facetas da liberdade. Não ser impedido por ninguém, não impedir ninguém. Não sobrepor o meu querer, não me sobrepor o seu querer, não renunciar nem levar ninguém a renunciar. A outra é poder estar sózinha, saber estar sózinha...

Também sorria, com muitos dentes. Besuntada de óleo e de areia, despenteada. Perto da cabeça, revistas que não abria. Entendi-a. Concordei com ela.



Simone no seu camarim do Monumental

A nova Simone em teatro e TV

Simone de Oliveira foi convidada para substituir Milu no elenco da comédia «Uma cama para toda a gente», há vários meses em cena em Lisboa. Simone é assim: de repente sucede-lhe qualquer coisa que não estava nas previsões de ninguém. Entrar numa peça é coisa que não lhe acontece pela primeira vez, mas ninguém esperava por esta. Vasco Morgado está na origem de tudo isto. Simone explica:

«Fui convidada para ir a África fazer esta comédia com a companhia e, ainda, uma outra: «Quando ela se despiu». Mas, de súbito, pediram-me para entrar uns dias mais cedo e ainda em Lisboa. Já se sabe como é comigo: muitos nervos, tudo à última hora, mas um grande entusiasmo, que me leva a atirar-me logo a estas coisas».

Dificuldades?

«A pressa, claro! Mas os meus colegas foram excepcionais e ajudaram-me imenso. Só por isso foi possível a minha rápida adaptação. Surpreendia pela rapidez dos acontecimentos, os actores que trabalham na companhia foram a minha tábua de salvação. E cá estou, sentindo-me bem com todos, com o ambiente, e profundamente reconhecida pelo auxílio que me prestaram».

A estreia foi na quinta-feira. A estreia de Simone, entendase.

«Estreei na quinta-feira passada e, ao que julgo, as pessoas gostaram. Chegaram a convencer-me de que tenho um certo jeitinho. Dizem que sou boa rapariga, boa profissional, etc. E a ternura que as pessoas têm por mim toca-me sempre. Acabam sempre por me «pescar» assim...»

Enquanto conversávamos com Simone, ela procedia aos preparativos necessários para a entrada em cena. Eram quase 20 e 45, ia começar a primeira sessão. O dia ainda se notava

pela luz que de fora, espreitava o camarim da cançonetista-atriz-locutora-jornalista. Os últimos retoques na maquilhagem do rosto. Simone está mais nova. Fala-nos através do espelho.

«É uma peça para divertir. Tem a sua graça. E eu gosto muito de fazer comédia, uma boa comédia».

COMÉDIA

«Para drama, não creio muito que possa vir a servir. Nunca pensei fazer drama e julgo que não se coaduna muito com o meu feitio. O máximo que quero atingir é a alta comédia, que aprecio sobretudo. A fazer comédias é que me sinto bem».

Simone gosta de comédia, e acabou-se. Com quem gostaria de trabalhar?

«Há várias pessoas com quem gostava de trabalhar. Com o José de Castro, com o Rui de Carvalho. Mas isto é, provavelmente, uma ambição irrealizável. Com o Ribeirinho já trabalhei e gostei imenso».

Simone está na mesma. Um misto de tristeza e vivacidade espelhado no rosto. Regressou ao Teatro dizendo que sim a um convite de Vasco Morgado, cheia do entusiasmo que, segundo ela própria confessa, estas coisas lhe proporcionam. Mas há outros «regressos». Mais um, pelo menos.

CANÇÃO

Convidada por Carlos do Carmo para reaparecer cantando

Wise homenageado

Robert Wise está a ser objecto de uma homenagem, da parte do cinema francês, que presentemente projecta vinte e um dos seus filmes. Entretanto, assistirá à estreia da sua última película, «O Mistério de Andrómeda»,

e prepara-se para rodar mais um filme, «Two People», com Peter Fonda no principal papel e Lindsay Wagner. Esta película será filmada nos principais locais turísticos da capital francesa.

no «show» que o fadista vai lançar em breve na televisão. Simone de Oliveira aceitou. Em maré de convites, depois de uma ausência que se prolongou por muito tempo e também, em maré de os aceitar. Voltaremos a vê-la brevemente, nos pequenos ecrãs... cantando.

«Canto hoje, a meio tom. Tenho uma corda vocal irremediavelmente perdida. Canto noutra onda... Não mais gritos, elevações de voz, crescendos e explosões. Tenho, necessariamente, um outro estilo. Adapto-me a outra maneira de interpretar, à condição actual da minha voz. Posso regressar, muito naturalmente, cantando dois tons abaixo do que cantava».

Não acha que o público vai notar uma grande diferença?

«Serei uma outra Simone a cantar».

Crescia a azáfama nos corredores. Ia começar o espectáculo. Simone estava pronta. Agradece-nos: «Bem hajam por se terem lembrado de mim» Nos amplificadores do camarim Simone, atenta, levanta-se quando ouve já o familiar: «Senhores actores, faltam cinco minutos para entrarem em cena».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.ª VARA

Pela 1.ª Secção desta 2.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª última publicação do anúncio respectivo, citando a ré, Maria Antonieta da Conceição Pereira Ramos, actualmente ausente em parte incerta e que teve o seu último domicílio conhecido na Rua Mário Lobo, n.º 8-r/c-E.º, no Cacém, da comarca de Sintra, para, no prazo de 20 dias, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, a acção de impugnação de paternidade legítima que lhe é movida por Delfim Albano de Jesus Ramos, bem como a suas filhas menores, Maria Inês e Isabel Rute, cujo pedido é de que seja declarado que o autor não é pai das referidas menores.

Lisboa, 8 de Março de 1972.
O Juiz Corregedor, a) Antero Pereira Leitão.

O Escrivão de Direito, a) António de Sousa Felgueira

ALGARVE

Se comprou casa ou apartamento no Algarve não terá problemas de mobiliário, tecidos e cortinados, se consultar uma casa especializada, associada duma fábrica de mobiliário do Norte. Modelos económicos e estudados para o ambiente Algarvio.

CONFORTALIS — ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA.
RUA DO COMÉRCIO, 39 — PORTIMÃO



diplomat

Novidade em alcatifas de PURA Lã VIRGEM

Uma alcatifa **macobe/guarda**

A VENDA NAS MELHORES CASAS DA ESPECIALIDADE

DE VON RICHTHOFEN A CATLOW

TÍTULO: O Barão Vermelho (Von Richthofen and Brown)
REALIZAÇÃO: Roger Corman, 1971 (EUA)
INTERPRETES: John Phillip Law, Barry Primus, Peter Masterson, Don Stroud, Corin Redgrave, Tom Adams, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filme
ESTREIA: Cinema S. Jorge (20/4/1972)

TÍTULO: Catlow (Catlow)
REALIZAÇÃO: Sam Wanamaker, 1971 (EUA)
INTERPRETES: Yul Brynner, Richard Grenn, Leonard Nimoy, Daliah Lavi, Jo Ann Pflug, Jeff Corey, Michael Delano, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes
ESTREIA: Cinema Monumental (18/4/1972)

Von Richthofen and Brown, último filme desse inesperado e prolífico Roger Corman, define-se desde logo através do seu próprio título: Von Richthofen e Brown: aristocracia cavalheiresca de um, o pragmatismo anónimo do outro. Enquanto, para o Barão Vermelho, o avião representa uma forma desportista de prolongar a caçada aos céus do inimigo, para a Ovelha Negra, a guerra era, onde quer que ela se desenvolvesse, uma tarefa suja que cumpria terminar o mais rápido possível. A todo o custo. Por qualquer preço. As regras (aparentemente) cavalheirescas do torneio mítico, opunha Brown a guerra de trincheiras. A ilusão de uma guerra honrosa,

com troféus que se conservam de proezas lendárias, a guerra impiedosa das modernas tácticas de massacre. Duas concepções de guerra, duas concepções do mundo e da morte. Duas concepções que se opõem nos céus da França, da Alemanha ou de Inglaterra, durante os anos de 1914 a 1918. Duas figuras que realmente viveram e às quais Roger Corman foi arrancar um significado profundo e pô-lo à superfície, perante o olhar do espectador. Com a morte de Von Richthofen acaba uma ideia de cavalaria, uma certa visão dos valores humanos; com os Brown inicia-se a história contemporânea, muito menos subtil nas implicações, muito mais prática e realista. Sim porque em consequências directas, tanto um como o outro definem duas formas de atingir o mesmo fim, de liquidar, de destruir, de transformar os rostos em cadáveres. Mais sincero Brown. Mais lúcido, porque se sabe já morto. Quando em vida. Mas o filme de Corman, se é essencialmente o desenvolvimento deste duelo, é também algo mais, recriando uma época com grande acuidade, através de pequenos apontamentos extremamente definidores de um clima. Neste aspecto, duas conversas de Von Richthofen, uma com o pai (que espera que a guerra acabe para que o filho regressasse a casa e o ajude, nessa tarefa de reconstruir a Alemanha, destruindo socialistas e camponeses que

Estreias de
CINEMA

Lauro António



começam a levantar a cabeça), outra com o estado maior alemão (que, quando presente a derrocada militar, se interessa mais em assegurar a segurança interna do país, construindo defesas contra comunistas, ju-

deus e comerciantes, do que com o resultado dos últimos combates), são profundamente sugestivas e de uma lucidez implacável.

Filme de uma grande austeridade de processos, impável na reconstrução

das batalhas aéreas, inteligente e lúcido na análise histórica de um tempo ainda recente, O Barão Vermelho, é seguramente, das obras mais bem acabadas de toda a carreira de Corman. A descrição, a precisão, a beleza plástica (sem qualquer tipo de concessão), tudo isto tem Von Richthofen and Brown. Um belo filme que vale a pena ver. Uma meditação sobre dois tipos de «heróis» possíveis, que vale a pena acompanhar.

Meditação que, nem de perto, nem de longe, iremos encontrar no último filme de Sam Wanamaker — Catlow, sub-Western, meio humorista, meio a sério, com Yul Brynner no protagonista, um pequeno bandoleiro bem

comportado e bom rapaz que encontra maneira de ser perseguido por toda a gente, ao longo de duas horas inconsequentes: um sheriff; vários grandes criadores de gado (através de pistoleiros contratados); os soldados mexicanos; uma mexicana ardente e despeitada, com o seu grupo de apoderados; várias tribos de índios, qual delas a mais brava; uma multidão de figurantes, correndo atrás de Catlow, para gaudir de uma plateia pouco exigente, Catlow é um Western medíocre de um realizador que nada mais fez toda a vida, do que distribuir banalidade e inépcia. Yul Brynner chega a ser simpático, á força de tão mal representar.

Visita à velha senhora



Ingrid Bergman, que está no Teatro Ethel Barrymore, de Nova Iorque, a representar a peça de Bernard Shaw, «Captain Brassbound's Conversion», recebeu no seu camarim a visita de sua filha Pia Lindstrom Daly, que foi da Europa especialmente para a ver

Para o seu carro
use o melhor PNEUS RADIAIS



OS MELHORES EM: Aderência à estrada
Segurança e conforto
Maior duração
Economia

A VENDA NAS MELHORES
CASAS DE PNEUS EM
TODO O PAÍS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SEDE SOCIAL: CALÇADA DO DUQUE, 20, 1.º — LISBOA



EMIÇÃO DE 130 000 OBRIGAÇÕES

COM O AVAL DO ESTADO

Valor nominal das obrigações	Esc. 1 000\$00
Preço da subscrição e forma de pagamento	Ao par, com pagamento integral no acto da subscrição
Vida máxima	12,5 anos
Vida média	Cerca de 8,5 anos
Vantagens fiscais	Isenção total do Imposto de Capitais, do Imposto Complementar e do Imposto de Selo
Import. líquida de cada cupão	32\$06,25
Pagamento do 1.º cupão	1 de Julho de 1972 (por inteiro)
Vencimento de juros	1 de Janeiro e 1 de Julho
Amortizações	20 semestralidades, com início em 1 de Julho de 1975

DA TAXA
NOMINAL

6³/₄%

RENDIMENTO
LÍQUIDO REAL

6,55%

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta, de 25 a 28 do corrente mês nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães

Banco do Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico

Banco Totta & Açores
Bank of London & South America
Caixa Geral de Depósitos
Crédit Franco Português
Crédito Predial Português
Montepio Geral





JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



"IVONE" E O FOSSO

Não vou falar propriamente da «Ivone» de Gombrowicz, que vi agora na reposição, em noite fria e ventosa de Cascais. A dona Dá Mesquita diz que o espectáculo voltou melhor do que era e que a realização de Carlos Avilez é excelente e que os actores estão todos bem, muito obrigado.

Eu, confesso, tive certa dificuldade para seguir os acontecimentos. Junto aos meus pés havia um enorme fosso de que saíam homens e mulheres aos gritos, à minha frente circulavam praticáveis semelhantes às antigas torres de guerra e de vez em quando um actor vinha literalmente sentar-se ao meu colo, obrigando-me a uma ginástica de encolhe-pernas que me deixou de péssimo humor.

Entretive-me, como quem não quer a coisa, a ler o programa, que tem uns textos instigantes do autor da peça. Logo de saída proclama este terrível polaco:

Quanto mais inteligente tanto mais estúpido.

E explica:

A imbecilidade de que padeço - e cada vez mais violenta, de uma forma cada vez mais humilhante - a imbecilidade de que me ataca, que me atormenta, desenvolveu-se terrivelmente desde que cheguei a Paris, a mais «estuprificante» das cidades. Eu não creio ser a única vítima; parece-me que todos os que tomam parte na caminhada, gigantesca da consciência contemporânea não puderam escapar à imbecilidade que a acompanha, nem à armadilha que a imbecilidade lhe prepara.

Não diria, como Gombrowicz, que a imbecilidade do pensamento ocidental me contaminou desde que, há meses, voltei do trópico ou que Lisboa se tornou, por obra e graça dos grupos e clãs, uma cidade «estuprificante». Mas enfim, de vez em quando recebo umas cartas que me dão a medida



ARMINDO BLANCO

de uma certa imbecilidade que se insinua sob a capa da inteligência e se tenta impôr pela intimidação, subtil como um elefante.

Escrevo uma coisa, entendo outra. Pessoas que não leram o que escrevo atribuem-me afirmações que não fiz. Imaginem só se eu fosse o Vítor Ramos e dissesse ser «Uma Abelha na Chuva» o re-

sultado da sobreposição de estratos de percepção (linguísticos, irónicos, sonoros) assimétricos - autónomos em si mas que no filme ocorrem numa autonomia parcial relacionável - pela união, pela conjugação, pelo sintagma - e por outro lado correlacionável - pela «memória», pela dijunção, pelo paradigma, com os seus antecedentes (as teorias do cinema, Resnais, Delvaux, Straub), concluindo-se assim que a posição mais correcta para nos situarmos na sistemática do filme é uma leitura não na horizontal (lateralmente) nem na extensão (na profundidade) mas na vertical, a prumo, ou melhor ainda, obliquamente.

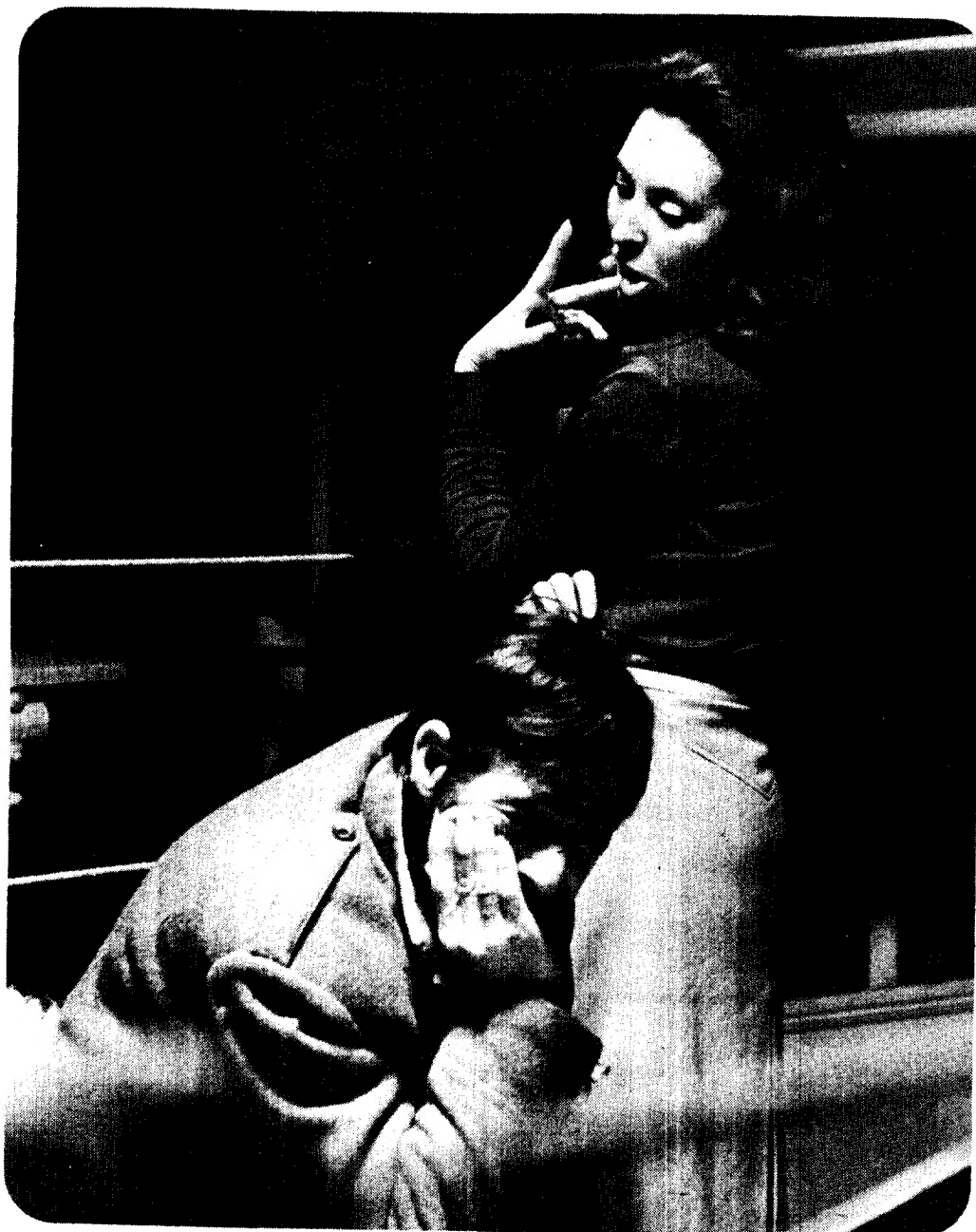
Imaginem, eu a perder-me no sintagma, na dijunção, no paradigma, a propôr leituras oblíquas. Jam logo dizer que eu achava a fita vesga e era contra o Fernando Lopes. Dou-los empaturrados de leituras - diz o Gombrowicz. E acrescenta, uma, duas, três vezes: **Quanto mais inteligente, mais estúpido.** Olhem, vão a Cascais ver a «Ivone» e tenham cautela com o raio do fosso.

BADALO

Lauro António acha estranho que o júri da Casa da Imprensa não tivesse atribuído prémios a realizador de curta-metragem e director de fotografia. E lembra que em 1971 se estrearam filmes de António Pedro Vasconcelos («27 minutos com Fernando Lopes Graça»), Augusto Cabrita («Hello Jim»), Manuel Costa e Silva («A Passagem») e António Macedo («Cinco Temas para Refinaria e Quarteto»).

Olha, Lauro António: pessoalmente acho óptima a omissão do júri, que poupou aos cineastas citados o vexame de caírem neste ridículo culto da personalidade que cada vez se propaga mais por aí.

Meia hora de conversa com José Afonso, meu mais recente amigo de infância, revelou-me um homem amargo, mas extremamente simples e lúcido. Coisa rara, nos tempos actuais.



«A Dança da Morte em 12 Assaltos». Strindberg. Casa da Comédia. Vale a pena ir às Janelas Verdes aplaudir Carmen Dolores e Augusto de Figueiredo neste surpreendente espectáculo. Para quem já viu, as opções são várias: Lorca no Capitólio, Albee no Laura Alves, Molière no Villaret e Storey no Vasco Santana. Textos estimulantes e alguns intérpretes de primeira ordem.



Zita Duarte: amor de perdição em «Uma Abelha na Chuva»

O SÚBITO ROSTO DE ZITA

De repente, na paisagem árida, um rosto diferente: Zita Duarte. Presença dominante no filme «Uma Abelha na Chuva» e uma inquietante «Ivone» na peça do mesmo nome. Fazem-se poucos filmes, teatro é um negócio incerto; no momento, Zita está em cinema e em teatro ao mesmo tempo. Obrigado pelo seu talento, Zita, e veja se consegue sobreviver ao canibalismo do meio, que se entretem a devorar na sombra as vocações que despertam com força demasiada.

RECTA FINAL

Dentro de uma semana a Assembleia Nacional terminará os trabalhos da terceira sessão legislativa, entrando assim em férias parlamentares. Após estas, isto é, em 15 de Novembro, os deputados terão apenas mais uma sessão de trabalhos para terminarem o seu mandato e a presente legislatura — a décima — pelo que, para o ano, deverá haver eleições gerais. A presente Assembleia prepara-se para entrar na «recta final», se nos é permitido utilizar uma expressão mais ou menos desportiva.

Aproveitando a oportunidade, perguntamos ao «leader», o deputado e antigo membro do Governo, dr. Almeida Cotta, qual a sua opinião sobre a forma como tem decorrido a presente sessão legislativa.

— Em minha opinião — disse-nos — esta sessão legislativa tem decorrido como as anteriores, em ordem a satisfazer os fins que a Constituição marcou à Assembleia Nacional, tanto no que diz respeito às suas funções legislativas, como no tocante às suas actividades político-administrativas. Julgo dever sublinhar a crescente consciencialização da Assembleia perante um facto que reputa da mais alta importância. Na realidade, sem prejuízo da independência conferida aos órgãos de soberania, o espírito de colaboração entre todos vai-se impondo na correcta interpretação do funcionamento das instituições parlamentares pois, afinal, todos são responsáveis pelo bom andamento dos negócios públicos, e a Assembleia Nacional

não é com certeza, apenas, a zeladora da forma como se exercem os poderes do Estado.

Aproveitando a oportunidade, quisemos saber ainda qual a opinião do «leader» sobre a vivacidade com que alguns assuntos têm sido debatidos e se isso, em seu entender, seria ou não inconveniente. O dr. Almeida Cotta deu-nos o seu ponto de vista sobre o assunto, que nos parece bastante significativo:

— Em princípio, a vivacidade é seguro sinal de interesse pelas coisas e pelos acontecimentos. Ora as pessoas, singulares ou colectivas, precisam de viver intensamente os seus problemas para lhes encontrarem as soluções adequadas. Neste sentido, a vivacidade é, sem dúvida, útil e salutar.

Nestas breves palavras do «leader» podemos ver o elogio de uma certa vivacidade nos debates da Assembleia e compreender alguns factos passados nas semanas que findaram.

Efectivamente, a Câmara (depois de uma discussão bas-



tante arrastada sobre Fomento Industrial), votou rapidamente a proposta de lei sobre o trabalho de estrangeiros, que até aqui era «rigidamente condicionado» e agora foi «liberalizado». A rapidez das decisões dever-se-á tanto à pequena dimensão da proposta de lei, como aos remoques feitos pelo deputado Magalhães Mota,

acerca da forma «pachorrenta» como se discutiu uma proposta de lei tão importante como a que estabeleci a uma nova política industrial. E é curioso que a propósito disso, o referido deputado Magalhães Mota e o seu par Pinto Castelo Branco (ambos na mesma posição de apoio à proposta governa-

ses irónicas a propósito do ritmo de trabalho dos parlamentares e do «cansaço» dos deputados.

E também merece a pena notar que o mesmo deputado Magalhães Mota, apesar de ter levantado uma certa celeuma, a propósito da proibição da peça «A Mãe», foi elegantemente elogiado pelas suas qualidades parlamentares, quer pelo deputado Cotta Dias, ao contradi-lo e ao defender o comportamento das entidades oficiais no caso, quer por outros parlamentares que entraram na contenda, que constituiu uma espécie de «fogo de palha» que a ninguém chamuscou. Mas propriamente na semana finda, a Câmara começou a discutir, na ordem do dia, os dois assuntos com que terminará os seus trabalhos: as Contas Públicas e a revisão da Lei Orgânica do Ultramar, que decor-

re directamente da revisão constitucional última. Por isso se explica a discordância de deputados como Casal Ribeiro e Moura Ramos, que já na discussão da Constituição discordaram da atribuição da categoria de «Estado» às províncias de Angola e de Moçambique.

Fora da ordem do dia houve alguns factos salientes: a homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral; três projectos de lei do deputado Sá Carneiro e, mais uma vez, uma contestada intervenção do deputado Miller Guerra acerca da forma insuficiente como funciona o sistema hospitalar.

Assim, a oito dias do seu encerramento, a Assembleia parece estar «dentro do horário» e é bem possível que o presidente não precise de convocar desdobramentos de sessões para terminar, sem pressas, os assuntos que estão na agenda.

Se tem um espírito prático económico e descontraído...



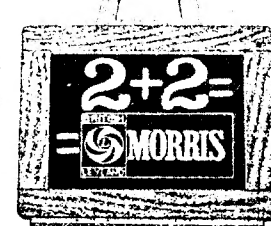
a segunda família mais importante da Inglaterra (a British Leyland) tem o carro exacto para si: o MORRIS 1000.

É evidente. Qual é o carro mais prático, mais económico, mais fácil de manejar, mais fácil de conduzir, mais fácil de arrumar e onde cabem cinco pessoas à vontade?

Evidentemente que é o Morris 1000. É tão simples como dois e dois serem quatro.

Não está de acordo? Descubra para si coisa melhor, se for capaz. Mas primeiro, faça prevalecer o seu espírito prático, como é óbvio.

A.M. ALMEIDA, LDA. — Av. Liberdade, 11 / Av. 5 Outubro, 168 / Av. Guerra Junqueiro, 16 R. Escola Politécnica, 39 - Lisboa - R. Sá da Bandeira, 501 - Porto - Agentes em todo o País



MORRIS: Tão óbvio para si como 2 e 2 serem 4.

NOVO CASINO ESTORIL



JEAN PAUL CARA

VEGETA DA CANÇÃO FRANCESA

EVA ET TANYA TOVARICH

DO "OLYMPIA" DE PARIS

AMÉRICO LIMA

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET



"NUEVOS AMIGOS", "OS MOZAMBEAT'S"

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

PATT

SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.

Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

O PRIMEIRO PORTUGUÊS QUE TEVE CARTA DE CONDUÇÃO

Noticiaram, há dias, os jornais, em meia dúzia de linhas, o falecimento do Dr. José Tavares de Melo, ocorrido na quinta que dava o nome ao seu morgadio, próximo de Caria, vasto domínio com cerca de novecentos hectares de terras centeeiras e de regadio, sem dúvida, a maior unidade agrícola, daquela região da Beira-Baixa. Perante o laconismo da notícia do seu falecimento, ninguém poderá imaginar a singular personalidade, sob tantos aspectos, que este homem representou na vida, e até na morte, uma vez que, como se dizia, na sua vaga necrologia, veio a falecer aos 95 anos de idade, sem família, isolado e esquecido de todos.

Contudo ele foi sem dúvida, uma das figuras mais interessantes da sociedade do seu tempo.

Desportista exímio em diversas modalidades, precursor do automobilismo, lavrador e homem de salão, ligado às primeiras famílias de Portugal e parente próximo de João Franco, o Dr. Tavares de Melo manteve, quase até ao final da sua longa existência, o aprumo cavalheiresco, que lhe granjeava na mocidade o cognome do «fidalgo antigo», e ao mesmo tempo a admirável lucidez de espírito e perfeita sensatez que lhe permitiu realizar na vida tudo o que ambicionou.

Na grande quinta do Morgado de Santo Amaro, onde me recebeu por diversas vezes, guardava recordações preciosas, duma vida vivida intensamente, como só os fortes, de corpo e alma sabem viver, tendo a par disso a lembrança, sempre presente, da esposa que lhe faltou em plena mocidade, e do único filho que um dia partiu para o Brasil, e de quem nunca mais voltou a ter notícias.

Seu pai, o Dr. Eduardo Tavares de Melo, tinha a paixão pela mecânica, e foi isso precisamente, que o atraiu para o automobilismo que então ensaiava os primeiros passos, e se limitava a um desporto e nada mais.

Em 1892 já era, com 15 anos de idade, um entusiasta do ciclismo, possuindo o que então se considerava

raridade, uma bicicleta em «borrachas ocas», pois a anterior tinha rodas maciças. Isto permitiu, mais tarde, aquele que havia de entrar ao lado de José Bento Pessoa depois campeão do mundo, nesta modalidade, realizar habilidades invulgaes, na «Filarmónica Académica de Coimbra», cidade onde iria granjear a alcunha do «Dr. Gasolina», ao concluir a sua formatura, e dada a paixão pelo automóvel.

Em 1896 aparece em Portugal, o primeiro automóvel com pneus Michelin — o anterior, do conde de Avilez, em 1893, tinha ainda rodas com aro de ferro — e foi adquirido pelo pai do Dr. Tavares de Melo. Tratava-se dum «Daimler», construído por Panhar Lavassor, de mecânica extremamente rudimentar, como pode imaginar-se, e que atingia a velocidade de 10 Km horários...

Na Alfândega, esta viatura com pneus, ali desembarcada, criou problemas compatíveis com os da múmia do faraó, que Fradique trouxe do Egipto... Acabou porém, por ter a designação de locomóvel, e ao preço de cinco réis o quilo, foi-lhe atribuído o imposto alfandegário de 180\$00. No fim de pagas todas as despesas, o carro veio a ficar ao Dr. Eduardo Tavares de Melo, por 1.800\$00.

Contava-nos o Dr. Tavares de Melo que demorou uma vez, nesse ou noutro carro daqueles tempos, 16

horas da Figueira às Caldas da Rainha, tendo nessa viagem ocorrido um episódio deveras engraçado: uma mulher do campo, que seguia pela estrada, com um molho de lenha à cabeça, ao ver aquilo, deitou o molho ao chão, ajoelhou-se e começou a rezar de olhos postos no céu, ao mesmo tempo que fazia figas a tão estranha abantesma, que tinha de considerar, claro está, como obra do diabo...

As cartas de condução começaram a ser exigidas em 1903. Desse ano datava então a número 1, de que era possuidor o Dr. Tavares de Melo, e ali se determinava que a mesma seria válida até 1961.

Em 1902 estabelece o «record» Porto-Lisboa, em motocicleta, e logo em 1903, se classifica em primeiro lugar no «circuito da Beira», a primeira corrida de automóveis que se realizou em Portugal, e em que foi disputada a «Taça D. Carlos».

Em 1904, com um desmultiplicador, de sua construção, o Dr. Tavares de Melo, num carro de um cilindro e com oito pessoas dentro, subiu, em Lisboa, a Calçada da Glória, perante multidão computada em cerca de duas mil pessoas.

Em 1905 realizou em 13 horas, a prova Valença-Lisboa, para logo, no ano seguinte estabelecer o «record» Coimbra-Pedras Salgadas, em 6 horas e quarenta minutos.

No ano anterior, o grande apaixonado pelo automobilismo, funda em Coimbra a primeira casa de reparações de automóveis que houve em Portugal, e que ainda hoje existe, em pleno desenvolvimento.

Finalmente em 1907, cada vez mais entusiasmado com esta modalidade desportiva, realiza a viagem Paris-Coimbra em três dias cinco

horas e vinte nove minutos, acontecimento que foi largamente noticiado pelos grandes jornais da Europa e da América.

Segue-se um período de grande agitação política com a proclamação da República e o Dr. Tavares de Melo teve de se homiziar na Bélgica, começando então o



Tavares de Melo, depois de um Paris-Coimbra

seu vagabundear por todo o mundo, o que havia de criar nele, para sempre, o gosto pelas viagens. Todavia, a despeito de conduzir automóvel, em toda a parte, e ter milhões de quilómetros de volante, nunca sofreu um desastre.

No seu «condado» de Santo Amaro, repleto de velhos e modernos mecanismos, nas tardes da «Arcádia», no Porto, com D. José de Távora, e outros bons conversadores, de saudosa memória, ou aqui em Lisboa, onde eu o encontrava com muita frequência, era vulgar ouvir dizer ao Dr. Tavares de Melo: — parto brevemente, para a África do Sul; cheguei há dias, dos Estados Unidos; muito lhe

tenho que contar, da minha última estadia na Austrália...

Isto se passava com um homem que já atingira a casa dos oitenta anos.

E para concluir estas breves considerações, sobre a invulgar personalidade do Dr. Tavares de Melo, aqui deixamos transcrição de uma notícia do jornal alemão «VEL SONNTAG», de Hamburgo, que dá bem a ideia de como era conhecido no estrangeiro:

«Hamburgo, ponto de reunião do viajante mundial — Cheio de elasticidade e juventude, veio, há dias, de Portugal passando por Hamburgo, um senhor que contempila com amabilidade pessoas e terras, o Dr. Tavares de Melo, advogado, lavrador e viajante mundial. Advogado pelo seu diploma, lavrador porque ele próprio administra as suas terras, e viajante mundial por paixão a que se pode chamar, também, alegria de viver. Um homem de 75 anos que respira vida! Fala um francês brilhante um alemão polidamente cativante e não consente que outro qualquer lhe leve da mesa o seu par!... Diz, quem o acompanha que é o centro de todas as reuniões.

Cremos nisso, sem dificuldade, e ficamos a saber o que se passou com o automóvel alemão, que se encontra na exposição, pois há três dias que o nosso hóspede anda em volta da empresa que tem patente o belo carro.

Deve comprá-lo? Certamente que não o fará. Sabendo o alto preço do veículo, os seus amigos dirão que está louco adquirindo, aos 75 anos, um automóvel tão caro. Todavia, já nele se sentou e está o que se chama entusiasmado. O carro tem um «rosto», a sua mecânica, diz o Dr. Tavares de Melo.

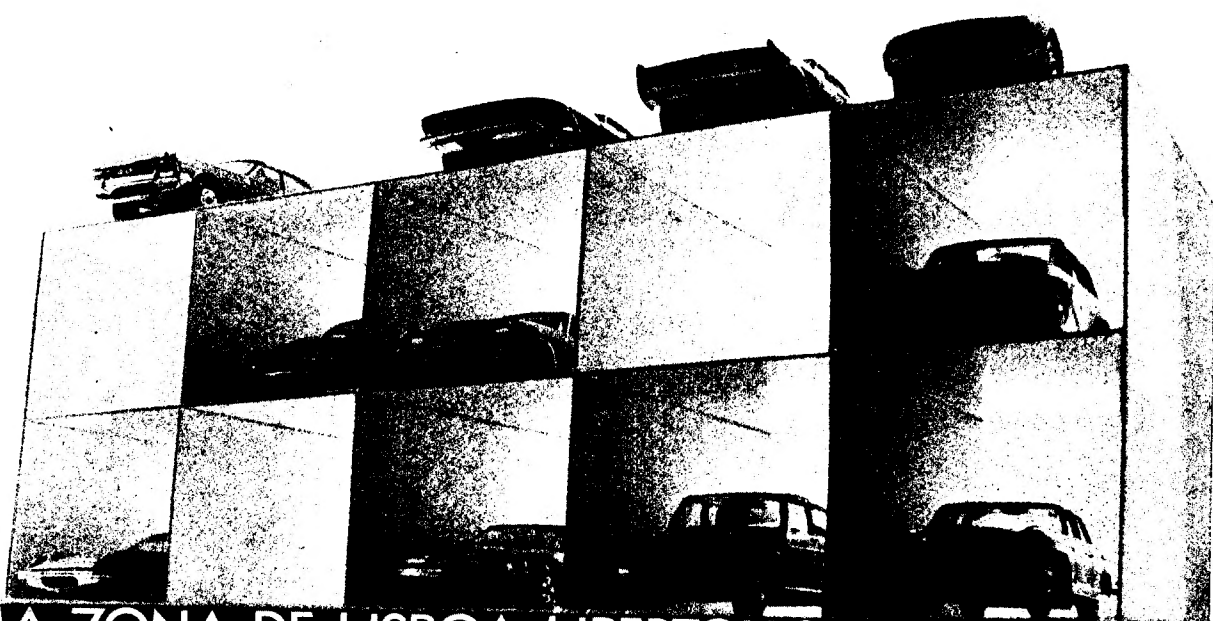
Artigo de Rui Tovar

Quem alguma vez se deixou seduzir por um automóvel, sabe onde costumam levar tais simpatias. E pode, proventura, surpreender-nos a sua admiração por um automóvel, se ele guiou o primeiro carro em 1896, recebendo, nessa altura, a alcunha do «Dr. Gasolina»? Além disso o Dr. Tavares de Melo não gosta de andar de comboio. Para tanto, costuma ele dizer, não tenho já tempo. A gente nova pode andar de comboio descansada, que não anda mais devagar e poupa muito dinheiro... Mas eu quero viajar muito e — quando já se é senhor de 75 anos...

Assim nos falou o «viajante mundial», durante duas horas de animada e contagiante conversação; depois chamou o porteiro do hotel e por ele mandou vir os programas dos teatros de Hamburgo.

Vamos ver uma opereta, já que me encontro nesta cidade, aconselha o Dr. Tavares de Melo, o qual, quinze dias após, pode estar em Madrid, em Bruxelas ou noutra região qualquer do nosso planeta.

E à semelhança do grande jornal de Hamburgo, qualquer outro órgão de imprensa estrangeira, se podia referir à figura singular, do último Morgado de Santo Amaro, que acompanhou com raro espírito de adaptação, as mutações constantes dos tempos modernos, ao longo de uma existência de 95 anos.



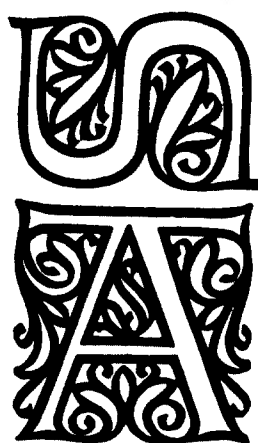
UMA ZONA DE LISBOA LIBERTOU-SE DE UM PESADELO

Se você é frequentemente obrigado a estacionar nos arredores da Rua Braancamp nunca mais sofrerá o incómodo de procurar um lugar para o seu automóvel.

Utilize o Parque de Estacionamento Castil do Edifício Castil (confluência da Rua Castilho com a Rua Braancamp)



ESTACIONAMENTO CASTIL



6º SALÃO DE ANTIGUIDADES

12-23 Abril

Das 17 às 24 h.

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Tavares S. Ferreira, R. Dr. Francisco Borges Cruz — LAGARES DA BEIRA

AS APARÊNCIAS

Vive há não sei quantos anos naquele rés-do-chão, donde sai apenas para fazer umas compras nas redondezas. É uma mulher de cerca de quarenta anos, com bom aspecto, se bem que denuncie no rosto uma certa resignação perante a existência.

Durante muito tempo, pensei que ficara precocemente viúva e, vergada ao peso do seu enorme desgosto, se recolhera a uma vida conventual na própria casa. Imaginei que viveria de alguma renda vitalícia ou de qualquer coisa no género. Claro que pouco liguei ao caso, era só uma intuição.

Aqui há uns meses, porém, ao indagar

Crônica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



da minha mulher a dias se não haveria, perto, algum rés-do-chão em condições que eu pudesse alugar, para me libertar do segundo andar (sem elevador) onde vivo, tive de súbito notícias mais pormenorizadas acerca da misteriosa dama de rosto resignado:

— Bem, de momento não sei. Só se a dona X deixar a casa. Como se zangou com o homem...

— E onde é isso? — perguntei.

Da minha própria janela, apontou-me o rés-do-chão, o tal. Esfreguei as mãos de contente... mas, de repente, lembrei-me:

— Zangou-se com o homem? Mas qual homem?

— O que lhe paga a casa, ora essa, quem havia de ser? Coitada, leva uma vida de escrava, não pode sair à rua, com medo que ele apareça. E às vezes está quinze dias sem lá pôr os pés... Quando chega, seja a que horas for da noite, mete a chave à porta e pronto. Agora estão zangados.

Mudei, rápido, de assunto (detesto saber da vida da vizinhança), mas fiquei, cá por dentro, a pensar que, se é verdade que as aparências iludem, não o é menos que as escravas ainda existem.

1.º prémio atribuído a um trabalho sobre lentes de contacto no Congresso Espanhol de Óptica

No Congresso Espanhol de Óptica realizado em Valência, foi galardoado pela Ordem de Opticos Espanhóis com o 1.º prémio, o senhor Juan Delgado Espinosa, por um trabalho apresentado sobre ortoqueratologia (uma ciência nova na adaptação de Lentes de Contacto).

O trabalho apresentado, tem sido o resultado das investigações feitas no Centro Internacional de Investigação e Adaptação de Lentes de Contacto, situado na Praça Marquês de Pombal, n.º 1, 3.º, Esq.º, Lisboa e em estreita colaboração, com os Centros de Madrid e Sevilha.

Com esta nova técnica, se aperfeiçoaram os sistemas de adaptação que actualmente se estão desenvolvendo no C. I. I. A. L. C. único Centro em Portugal dedicado exclusivamente à adaptação de Lentes de Contacto. As lentes que se adaptam são de espessuras finíssimas e de diâmetros diminutos, resultando adaptações mais fáceis e mais rápidas (4 a 5 dias normalmente) em casos tais como: miopia, astigmatismo, hipermetropia, afaquia (operados de catarata), deformações corneais, Keratoconos, etc.

A Responsabilidade Civil dos Médicos e o Seguro

Amanhã, pelas 21.30 horas, no Hotel Tivoli, o Dr. José Carlos Moitinho de Almeida proferirá a anunciada palestra sobre «A Responsabilidade Civil dos Médicos e o Seguro», organizada pela Secção Portuguesa da Associação Internacional do Direito dos Seguros (A. I. D. A.).

A sessão será presidida pelo Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos, Presidente do Conselho Directivo da A. I. D. A.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

VENDA PARTICULAR MOBILIÁRIO USADO

Recheio de moradia
c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luiz Pinto, «Café Sena» — CEIA

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

S.A.R.L.

CAPITAL 370.000.000\$00

Emissão de 80 mil acções oferecidas à subscrição pública, com preferência para os depositantes, autorizada por portaria do Ministério das Finanças, publicada no «Diário do Governo», III Série, n.º 62 de 14 de Março de 1972.

AVISO AOS DEPOSITANTES

O Conselho de Administração anuncia que tendo sido largamente excedida a subscrição correspondente à emissão autorizada, houve de proceder a rateio para atribuição das acções, o qual teve o seguinte resultado:

ACÇÕES SUBSCRITAS

De	1	a	15
de	16	a	75
de	76	a	175
de	176	a	300
de	301	a	500
de	501	a	700
de	701	a	1000
de	1001	ou	mais

ACÇÕES ATRIBUÍDAS

1
5
10
25
50
100
300
750

Os Senhores depositantes devem apresentar nos balcões onde efectuaram a subscrição as suas cautelas para nelas ser feito o respectivo averbamento e regularizado o movimento das suas contas.

Lisboa, 22 de Abril de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ABRIL EM PORTUGAL

O SOL OS SORRISOS E OS PREÇOS QUE SOBEM

Com a Primavera, começam a chegar em doses maciças. Americanos, canadianos, escandinavos, franceses, novos e velhos, de todas as classes, procurando esquecer, no calor das praias, no ócio das esplanadas, na história dos monumentos, ou na penumbra das casas típicas, o frio das suas ocupações diárias, lá nos seus países onde o sol não aquece tanto, mas onde encontram, em compensação, os meios que lhes permitem passar as férias no estrangeiro.

Vêm à procura do sol, profusamente apregoado em cartazes turísticos e de um «Abril em Portugal» quase lendário. Abrem-se em sorrisos permanentes e mostram admiração desmedida sob o pretexto de uma flor, de uma estátua ou de uma criança descalça. «It's beautiful! Beautiful!» — não se cansam de repetir. Talvez por isso, a vendedeira de bonecas regionais, estrategicamente situada em local onde a visita é obrigatória, e não dispensando um só momento as armas a que chama «sorriso e prestabilidade», não conseguiu evitar a exclamação: «São umas crianças. Os turistas são como as crianças pequenas.» Está contente: turismo é negócio, ou dólar.

No saber empírico da sua vida de vendedora estival (com mais uns conhecimentos teóricos que restam de uma 3.ª classe mal tirada há um ror de anos) não se apercebe, no entanto, de que as campanhas de promoção turística se desti-

nam a algo mais do que facilitar a sua economia familiar. E, se o seu negócio não rendesse uns patacos, nem sequer chegava a dar conta das vantagens do desenvolvimento

Texto
de
REGINA
LOURO

turístico, como contributo para o equilíbrio da balança de pagamentos, factor de aproximação dos povos, intercâmbio cultural...

— Vantagens? Talvez tenha, mas eu não as vejo. Pelo contrário: compro por três ou quatro escudos o que podia comprar por dez tostões.

E a conclusão prática do sr. Joaquim dos Santos, que foi pescador e depois passou à estiva. Agora vive de uma reforma que lhe dá 950\$00 por mês. Nunca saiu do país.

A HISTÓRIA

— Os portugueses constituem o povo mais simpático que conheço — ouvimos pela milésima vez. Agora é uma americana de meia idade quem traça o elogio, corroborado por toda a família. Veio de Massachusetts, numa excursão organizada por uma high-school. Cerca de 120 pessoas — alunos, irmãos, pais, e avós. O que os traz cá?

— Gostamos muito da história de Portugal — responde-nos uma rapariga chamada Sharon. Apelido? Almeida.

— Pois: os meus avós eram portugueses. É a primeira vez que venho a Portugal, tinha um interesse louco em ver de perto os símbolos da história tão maravilhosa do país dos meus antepassados.

E sorri, com muita convicção. Depois, solicitada pela vendedeira, deixa 12 dólares por uma toalha de linho com «entremeios» de renda feita à mão. Não pergunta quem fiou o linho, quem confeccionou a renda, como e para quê. Mas isso é outra história.

BOM E MAU

— Acho que o turismo é bom por um lado e mau por outro — afirma um guarda-fiscal que não pôde identificar-se. Passava em frente dos Jerónimos, à hora em que as figuras dos museus recebiam a visita dos olhares curiosos e bons dos turistas. — É bom, porque damos a conhecer aquilo que temos e somos, mostramos a nossa Pátria. É mau, porque o custo de vida aumenta muito e o ordenado do pequeno funcionário não acompanha a subida.

Nunca foi ao estrangeiro? — Nunca tive possibilidades. Todos os anos vou passar as férias à terra. Sou de Castelo de Vide.

Entretanto, um jovem canadiano, empregado numa fábrica de Toronto, fixa na chapa o gótico manuelino do mosteiro. O que o trouxe cá? Tudo, mas principalmente o sunshine.

Encontramos dois compatriotas seus que não fazem parte do grupo. Vieram sôzinhos, passando por Espanha. Um rapaz e uma rapariga estudantes.

— Ficamos 10 a 14 dias. Queremos ver a paisagem e as pessoas.

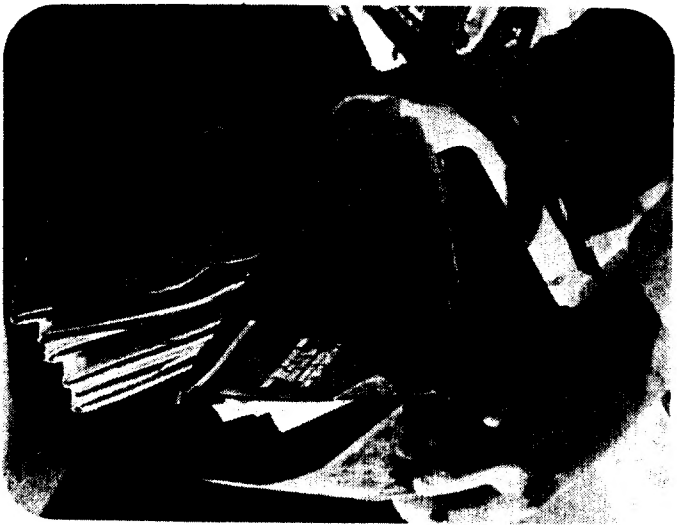
OS «MIRONES»

As esplanadas da baixa são ponto de paragem obrigatória do turista que não viaje em grupos e permaneça algum tempo em Lisboa. E aí que ele espregue o sol, bebendo coca-cola, ante a paisagem de «mirones». Aí encontramos a única escandinava que foi possível «topar» nesta tarde soalheira de Lisboa. Alta, elegante loura e branca (ainda). As pernas descuidadamente nuas, ante a admiração gulosa de jovens e velhos para quem a baixa é também passagem obrigatória.

— Cheguei ontem da Suécia. Venho todos os anos passar férias a Portugal. As



Ver as paisagens e as pessoas. Os portugueses são pobres mas alegres.



Os turistas são como crianças com dólares na mão...

praias, o sol... Os Portugueses são maravilhosos.

— Não há mais nórdicos, por aqui?

— Vão para a praia. E preferem o Algarve. O sol dá-nos uma cor maravilhosa. E os Portugueses são encantadores.

Chama-se Sären. Tem 22 anos e é correspondente numa empresa. Através dos seus múltiplos contactos com Portugueses, já aprendeu algumas palavras do nosso idioma. Português de praia: dicionário galante. E os jovens?

— São maravilhosos, românticos. Talvez um bocado atrevidos mas é do seu próprio temperamento.

(Sären tem aprendido muito sobre o temperamento português).

Encostado a uma árvore do Rossio, mesmo à entrada do metro, um jovem bem vestido não tira os olhos da esplanada. Está ali há uns bons minutos. O que espera?

— Passei aqui por acaso, vi todo este movimento e parei. (Aponta as pessoas que se refrescam com bebidas) — Vêm à procura do Abril em Portugal...

— Que pensa disso?

— O turismo pode contribuir bastante para o desenvolvimento económico do país. Mas suponho que as províncias não estão suficientemente promovidas: há muita falta de hotéis. Claro que este afluxo turístico também tem as suas desvantagens, porque vai encarecer o nível de vida. O turista não olha a despesas e isso provoca uma certa especulação.

— Que pensa dos «mirones»?

— Sabe, a rapaziada habitua-se a vir aqui para o Rossio. É uma tradição... Eu vinha a passar por acaso. O meu nome? Eduardo Galantino. Não tem nada a ver...

A liberdade e a espontaneidade dos seus gestos contrastam com a rigidez protocolar do português. Quem já viu um casal de portugueses de meia-idade e condição social média sentado num degrau da estátua de D. Pedro, no meio dos pombos, lembrando dois adolescentes enamorados?

A SAUDADE

— Estive em Portugal há 20 anos, quando era estudante —



Vlamos de Moçambique... De certo modo, somos turistas. Nas férias, fugimos para a Europa.



Fixar os símbolos mara

SE VIAJA...

POR PRAZER...
EM NEGÓCIOS

VIAGENS «IT»

AVIÃO. HOTÉIS
VISITA DE CIDADE

TRANSNAUTICA

AGENCIA DE VIAGENS
E TURISMO

Rua Duque de Palmela, 35
Telefones 4 26 40 / 4 93 54
5 91 25/6/7 — LISBOA

Pretendem vender ouro,
pratas ou jóias recebendo
o máximo?

GRANDE OURIYESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Vim principalmente por causa do «sunshine»...

tem condições para fazer turismo em Portugal. Nem sequer existem albergues de juventude. E os preços dos hotéis não são acessíveis. Este é um país ideal para o turismo. Mas, as vantagens que este poderia trazer sob o ponto de vista cultural não são aproveitadas, por falta de correspondência entre o português e o estrangeiro. As pessoas não estão mentalizadas.

E sob o ponto de vista económico?

Condições não faltam ao nosso país. Mas estão muito mal exploradas.

Vieram de Moçambique para estudar. Como outros vêm da América, França, Inglaterra, Escandinávia, para se divertir ou conhecer, ainda que superficialmente, as coisas e as pessoas (mais as coisas do que as pessoas) de Portugal.

E onde passam as férias?

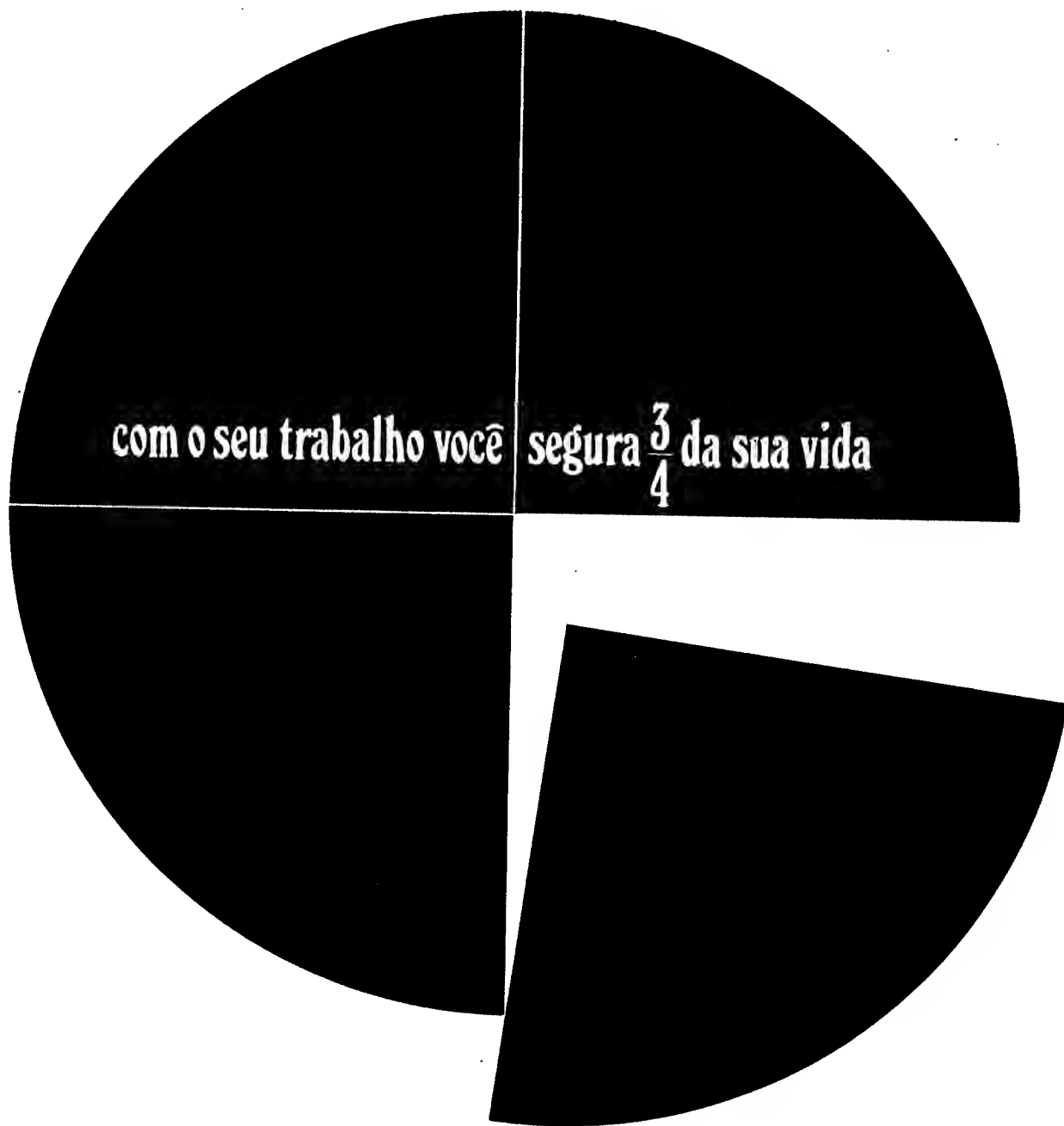
Voltam a Lourenço Marques?

Vamos por essa Europa fora.



As pessoas parecem simpáticas. Não há tempo de aprofundar como vivem.

LATINA



nós garantimos-lhe o restante

A sua constante actividade tem um objectivo: o seu futuro e o da família. É para ele que trabalha. Assegurando com o seu esforço grande parte desse futuro, a nossa função é segurar-lhe tudo quanto constrói, dia a dia, ano após ano. Consulte-nos. Estudámos um completo plano de previdência com as mais variadas e sólidas modalidades de Seguros. Qualquer que seja o



seu caso, temos para ele a solução apropriada. E ainda: a modalidade dos Seguros de Vida Atlas com Valor Progressivo permite-lhe, pela actualização periódica do capital seguro, defender-se da depreciação da moeda e manter assim, ao longo do tempo, o mesmo poder de compra. O nosso programa dirige-se a um fim: transformar o seu presente numa apólice de futuro.

Recorte e cole num postal
Estou interessado em receber, um folheto sobre os Seguros de Vida ATLAS com Valor Progressivo.
Nome
Morada
ATLAS - Companhia de Seguros, S.A.R.L. Rua Andrade Corvo, 27 - Lisboa

ATLAS

COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Conversam, alheios ao movimento. Talvez sul-americanos? Não, somos Portugueses. Viemos de Moçambique, para estudar Pintura.

Turismo interno, então?

De certo modo. Eu sinto-me turista — confessa Manuela Urbaine (descendente de pai italiano e mãe grega).

Comigo, passa-se mais ou menos o mesmo — afirma Ricardo Vissenjou (descendente de pai francês).

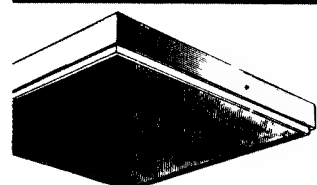
Turismo sem grandes atractivos. A malta nova não

Almoço de confraternização

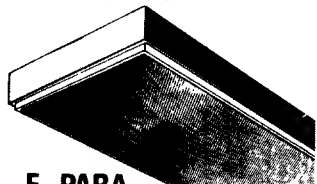
Realizou-se hoje na Ericeira o almoço de confraternização dos empregados das oficinas de canalização e serralharia do Instituto Luso-Farmaco-Paolo Cocco.

Os componentes do almoço enviaram-nos, com destino aos nossos pobres, a importância de cinquenta escudos, que agradecemos.

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



EQUIPAMENTO DOMÉSTICO



E PARA ESCRITÓRIOS

J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

CASA COMÉDIA

Todas as dias às 22 h. Sáb. e domingos, 16 h. PLAY STRIND-BERG. Dança da Morte em 12 As-

salto, de Friedrich Dürrenmatt. C/ Carmen Dolores - Augusto de Figueiredo e Alvaro Benamor.

Direcção de Jorge Listopad. Subsd. Gulbenkian e F. Teatro. Tel. 677299-18-A-Grupo-D

inhosos da História...

O ESTILO LOLITA

CONQUISTA PARIS

Paris, segundo se diz à boca cheia, é uma cidade que morreu, já para a moda. Ora se a afirmação é verdadeira no que diz respeito à alta costura (e daí...) para o pronto a vestir a cidade está tão viva quanto...Lolita!

Quem é Lolita? — pergunta-rão. Pois nada menos que o modelo escolhido pela moda francesa de pronto-a-vestir para espantar as pessoas com os lançamentos que antecipam o que as francesas vestirão no Verão deste ano. Os ingleses, aliás, contam com uma campanha semelhante, de preferência, segundo referem, com a mesma Lolita.

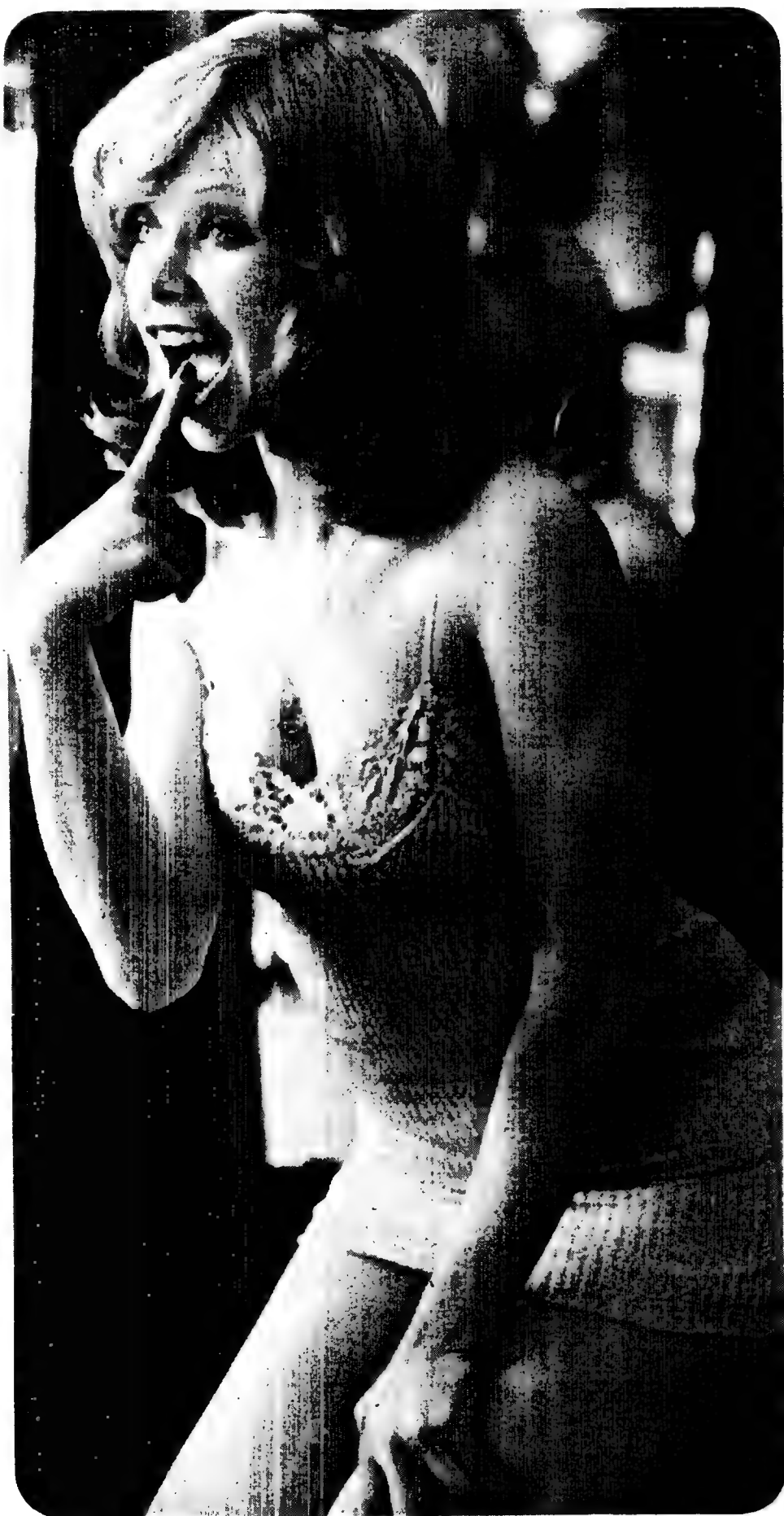
Embora concebidos a pensar, essencialmente, na juventude, os modelos propostos pela moda prática francesa (assinados por Vicki Tiel, Jap e Jo Howard) são normalmente simples, com alguns toques mais ousados, e vão do mini-casaco de peles ao vestido «tipo-colegial» aos quadrados. Todos, porém, têm um denominador comum: a profusão de cores.



Vestido de corte muito simples desenhado por Vicki Tiel



Calças largas com flores estampadas e mini-casaco de peles em cima do corpo



Um «sweater» prateado, da autoria de Jo Howard

Um terço da colecção de pronto-a-vestir de Christian Dior foi dedicada à conservação do fato de casaco e calça. O costureiro Philippe Guibourge tinha banido as calças da sua colecção de alta costura do ano passado, mas as exclamações de surpresa das suas clientes levaram-no a reintegrá-las no seu modelo. A verdade é que as mulheres gostam de ter no seu guarda-roupa um fato de casaco e calça.

Os fatos de calça para o Outono, que estarão à venda nas «boutiques» Dior e noutras lojas, no fim do Verão, são de lã com corte de alfaiate para de dia, de estampados vistosos para a tarde, de veludo para «cocktails», e cetim, veludo ou «chiffon» para a noite.

Um dos fatos desta colecção que despertou maior interesse entre os compradores era de cetim preto, com um casaco comprido apertado com um cinto e uma gola branca de pele de raposa. Muitos compradores encomendaram fatos de veludo estampado em tons de azul ou de verde, com blusas a condizer.

Para os dias de chuva, Guibourge criou um fato de casaco e calças azul claro, com um chapéu de abas largas.

O salão Dior lançou o que pode vir a ser um verdadeiro balão ao apresentar dois vestidos direitos, sem cinto, de lã estampada. Duas outras casas fizeram reviver este «saco» modificado nestas duas semanas do pronto-a-vestir francês, o que indica que os vestidos apertados na cintura devem estar prestes a desaparecer.

A nova cor da colecção Dior foi o verde garrafa. Assim, por exemplo, um dos manequins trazia um vestido camiseiro verde com meias e sapatos do mesmo verde, mas num tom mais escuro.

Mulher

De Paris escreve ALINE MOSBY

A grande feira do pronto-a-vestir

O vermelho do vinho de Borgonha apareceu, tal como acontecera com o verde, nos casacos e fatos de saia casaca, com meias e sapatos a condizer. Um dos lados de um casaco «double-face» era de cor de laranja vivo, mas bastante conservadores, comparados com os monstros de Frankenstein que apareceram noutras casas.

A colecção de André Courrèges, que também foi apresentada esta semana, recebeu muitos aplausos dos compradores e dos representantes da imprensa.

Um dos elementos chave desta colecção foi o plástico. Um dos manequins vestia um fato de flanela cinzento, enfeitado com quadrados de plástico preto e branco e uma carteira a condizer. A saia e o casaco tinham

fechos de correr vermelhos.

Courrèges só tinha na sua colecção um mini-vestido. Um dos conjuntos em que foi utilizado este tecido como de malha, terminavam um pouco acima do joelho. Não apareceu nenhum modelo que terminasse abaixo do joelho.

Os novos fatos de belbutina, apresentados por esta casa, parecem ter interessado muito os compradores. Um dos conjuntos em que foi utilizado este tecido era verde claro, com uma camisola às bolas verdes e brancas, e os bolsos das calças eram cobertos com paletas de plástico. Os fatos de belbutina azuis escuros ou vermelhos tinham fechos de correr brancos, nas costas, com as iniciais na parte de trás do cinto das calças.

Esta colecção estava cheia de ideias para a gente nova, com os seus suspensórios de plástico brilhante, casacos compridos amarelo vivo e casacos curtos brancos debruados a amarelo.

Chloe, uma das maiores casas francesas de pronto-a-vestir, optou pelo tema da Segunda Guerra Mundial, iniciado por Yves Saint-Laurent - raparigas com os cabelos encaracolados com permanentes, maquilhagem brilhante, saias rodadas de cinto alto. Enquanto os manequins desfilavam, um fonógrafo tocava canções de Al Johnson.

O figurinista de Karl Lagerfeld ofereceu uma ideia nova, o vestido blusa - vestidos com camiseiro de manga comprida desabotoados até à cintura, mostrando saias a condizer ou a fazer contraste.

Fez reviver a pele de astracã com fatos de flanela cinzenta. Uma das cores principais foi o cor-de-rosa vivo dos anos «40».

HORÓSCOPO DA MODA



Agora estão na moda as capas, nos mais diferentes tecidos e com os mais variados desenhos. Uma das mais sugestivas é esta, com uma única presilha, um pouco abaixo da linha do pescoço



Se a sua pele é muito gordurosa, use uma base que não contenha azeites, que pode encontrar em qualquer boa loja da especialidade



Os aventais usados por cozinheiros e vendedores de carne serviram de modelo aos que se usam agora, quer sobre os vestidos, quer fazendo parte do corte do modelo



Para usar vestidos que deixam as espáduas a descoberto, é conveniente pensar-se numa alça que rodeiem o pescoço e possam dar (ou não, conforme o gosto pessoal) origem a um laço

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

DIÁRIO A MULHER MÃE

Mães em part-time, chamava-se um artigo que li aqui há tempos. Tratava-se, está bem de ver, da mulher-mãe que trabalha fora de casa porque a sua ajuda é necessária ao orçamento familiar, ou porque, fechada entre quatro paredes, se sente frustrada. Ambas as razões são compreensíveis e respeitáveis. A mulher, lá porque é mulher, não nasceu obrigatoriamente com a vocação do lar-e-mais-nada. Ela é, antes de mais, um ser humano, com os seus deveres, pois claro, mas também com os seus direitos. O direito a uma profissão, o direito a ser útil à

sociedade através do seu trabalho, é indiscutível e digno da ajuda de todos.

Ora essa ajuda tem sido muito lenta. Primeiro porque a mulher não votava e não tinha por isso lugar na república. A política era com os homens. Como iam eles lembrar-se dos direitos dela, se tal coisa nem lhes convinha? Mas elas lembraram-se, elas lu-

taram por isso, lutaram mesmo tanto que conseguiram, em parte, o seu objectivo. Em parte. Porque ainda se encontram na situação de seres que trabalham mais do que é humano (o emprego, a casa, o marido, os filhos) e são olhadas com condescendência (pelos homens, por alguns homens) e com desconfiança (pelas mu-

lheres que optaram pela casa ou que deram por si donas de casa e mais nada, por serem de outra geração).

Às vezes são heroínas, as mulheres que trabalham. Refiro-me às que não têm empregada, nem mãe, nem sogra, que as ajudem. Também não têm creches onde deixar os filhos com tranquilidade de espírito. Creches a preço razoável, quero dizer. E quando as crianças, que ficaram em casa, têm um acidente, há sempre quem diga: «Se ela estivesse ao pé dos filhos nada disto tinha acontecido».

Mas elas as mulheres

do nosso tempo, não se detêm. O tempo caminha sempre e o seu sentido é irreversível. Elas sentem que não podem voltar a ser em tempo inteiro as guardas do templo, as limpadoras do grão de pó, as amas das crianças, as esquecidas, as incapazes, as dependentes.

Esperam só que os homens que governam os países se lembrem delas. Creches em número suficiente e a preços razoáveis é o que pedem primeiro por elas. Pelos filhos.

EMÍLIA BRAVO

O negócio



Todos nos lembramos. Eram 3 bonecos da bola por 1 pião. Uma fiska por 10 berlindes e um contra mundo, etc., etc. Todos os dias havia um negócio a fazer.

E havia os espertos e os menos informados. Uns obtinham rentabilidade, outros ficavam com o menos bom.

Na idade adulta, Você aluga, por

exemplo, um dos copiadores de secretária Rank Xerox* e obtém mesmo rentabilidade.

Especialmente indicados nas empresas e departamentos com um reduzido volume de cópia mensal, os copiadores de secretária Rank Xerox cabem em qualquer mesa de trabalho normal. Com a eficiência do processo xerográfico — e tudo o

que ele implica de limpeza, rapidez e economia — a qualidade da última cópia é rigorosamente igual à da primeira.

Quando o valor das coisas está mesmo naquilo que elas rendem, os copiadores de secretária Rank Xerox são mesmo O negócio!

RANK XEROX

*RANK XEROX e XEROX são marcas registadas de Xerox Corp.

DL
POLICIAL

Os grandes crimes deste século



CRIMINOSA POR AMOR

Ao amanhecer do dia 13 de Agosto de 1949 três buldogues alemães começaram a latir furiosamente, abafando gritos de mulher. Pouco depois, um carro da Polícia parou defronte de uma vivenda situada no elegante bairro de S. Juan Rizal. Eram quatro horas e quarenta minutos da manhã. Os agentes entraram para uma sala térrea onde encontraram a sr.^a Esther Murray e os filhos a chorar. Em silêncio apontaram-lhes o andar superior. No quarto de dormir, sobre a cama, jazia um homem. Era o dono da casa.

QUATRO TIROS

O inspector Faustos comunicou com o Departamento de Crimes, através da rádio do carro, e relatou o sucedido. Depois observou o morto atentamente.

Entre os olhos, sob o nariz, havia um orifício. E sobre o maxilar superior ou-

tro. E na garganta outro ainda. E junto do coração um quarto. Qualquer deles podia ter sido mortal.

Após o segundo tiro, mesmo um atirador pouco experimentado deveria ter percebido que era desnecessário disparar mais. Por que o fez então? A cama não apresentava vestígios de luta, ou mes-

mo de resistência da vítima. Nada indicava um assalto.

Faustos foi à varanda. À luz da lanterna examinou o chão, as paredes, os recantos, sem encontrar qualquer vestígio anormal.

Quinze minutos depois chegaram os elementos da Comissão de Crimes para prosseguirem as investigações. Tanto as impressões digitais como as pegadas encontradas eram dos residentes da casa. O médico legista constatou que a morte ocorrera entre as quatro e as quatro e meia da madrugada. A arma utilizada devia ter sido um revólver de calibre pesado. As cinco e quinze iniciou-se o interrogatório da viúva e dos empregados.

ANGÚSTIA

A sr.^a Murray chorava sem parar. Fazendo grande esforço descreveu o que fizera no dia anterior: o marido tinha ido, ao fim da tarde, à cidade e voltara antes de jantar. Depois pediu uns documentos de que precisava. As dez o motorista perguntou-lhe se ainda precisava do carro. Após reflectir um pouco, dispensou-o pois a reunião que ia ter poderia durar até tarde e ele próprio conduziria o carro de regresso. As dez e vinte saiu.

Ela ficou a ver televisão e à meia noite e meia foi-se deitar. Dormiu mal, acordando várias vezes, com uma sensação de angústia muito forte. Acordeu quando o Cadillac do marido entrou na garagem. Minutos depois ele apareceu bem disposto, tomou banho, beijou-a e deitou-se. Como aumentasse, porém, a sua dor de cabeça lavantou-se e foi à cozinha fazer café.

De repente ouviu vários tiros. Não sabia ao certo se três se quatro. Subiu apavorada e ao entrar viu o marido morto. Gritou por socorro. Ao lado, os cães começaram a latir. Pouco depois apareceram o motorista e a empregada que a tiraram do quarto.

Faustos deixou que se acalmasse. Depois perguntou-lhe se o marido tinha inimigos já que nada indicava que o assassino fosse um ladrão. Tanto a carteira como o relógio de ouro, os anéis de brilhantes e outros objectos de valor não tinham sido mexidos.

Esther Murray descontrolou-se. Naturalmente que sim. Tinha mesmo inimigos perigosos, concorrentes, adversários, invejosos... Não saía nunca sem o seu revólver. Não sabia, porém, coisa alguma a res-

peito dos negócios do marido. Havia sempre dinheiro, os anéis de brilhantes e deixava que nada faltasse. Tinham o Cadillac, um outro carro, o iate «Mistress», para as viagens no alto mar e um carro de corrida.

O MOTORISTA

Aos poucos, a sr.^a Murray recuperou o equilíbrio. Contou várias coisas do quotidiano de Murray, falou sobre as inúmeras viagens que o marido fizera no «Mistress», sobre as suas constantes viagens de avião. Os negócios de importação e exportação

mente enviada à Polícia Central para fazer o seu depoimento.

Pouco depois das 6 horas o carro do Instituto Médico-Legal veio buscar o cadáver de Murray.

Na sua conversa com Esther Murray, Faustos soube que o casal levava uma vida muito dispendiosa. Ao investigar a vida particular e profissional do morto depararam-se-lhe no entanto muitos entraves. Em qualquer lugar que ele e a sua equipa abordssem o assunto a reacção era sempre a mesma: as pessoas re-traíam-se de imediato.

SUBMUNDO

Nenhuma pessoa influente de Manila parecia estar informada sobre os negócios de Murray, que era natural do Kansas City, e fora oficial do exército. As primeiras informações vieram, aliás, de comerciantes de fama duvidosa. A última missão militar de Murray no exército. As primeiras in- tlia em combater o mercado negro de Manila. Tal actividade levava-o a penetrar no submundo de Manila, cheio de perigos, de aventuras... e de lucros.

Levava uma vida desenfreada com sucessivos casos amorosos. Quando seduziu a filha de um filipino, Esther del Rosario, ficou em grandes dificuldades. Mas resolveu rápida-

pois da guerra condicionou as actividades de Murray que se juntou a um grupo bastante hábil de aventureiros interessados na tráfico de armas e narcóticos. Comprou um iate luxuoso, o «Mistress» onde construiu habilitados esconderijos. Graças à sua actividade anterior de agente do exército americano e às suas relações com os filipinos, sabia onde havia possibilidades de encontrar armas. Quando estas fontes começaram, porém, a esgotar-se passou a obter material de guerra de outro modo: utilizava-se de certas personalidades da vida pública e política que, em troca de grandes quantias, permitiam transferências feitas com licenças de importação e de exportação falsificadas. Os concorrentes não gostaram e Murray foi denunciado. Tudo isso fazia com que não tivesse muitos amigos...

Estes factores dificultaram a procura do criminoso. Havia muitíssimas pessoas que podiam, com efeito, ter desfechado um tiro sobre Murray. Mas seria provável que alguém se arriscasse gratuitamente a disparar tantas vezes?

Faustos sabia que muitas pessoas perdem a cabeça quando se deixam dominar pelo ódio ou pela sede de vingança. Informado de que Murray se apaixonara recentemente pela artista de cinema Carol Varga (que tinha 23 anos e era de grande beleza) suspeitou que o crime fosse cometido por amor. Carol causara-lhe uma impressão tão profunda que ele prometera-lhe casamento. Será que Esther pressentira o perigo que a ameaçava?

MAQUINAÇÃO IGNÓBIL

No dia seguinte o inspector dirigiu-se à vivenda de S. Juan acompanhado por dois detectives, um ficou escondido antes da entrada do edifício e o outro a seguir. Faustos tocou a campainha. Minutos depois ouviu vozes. Em seguida uma janela abriu-se no segundo andar e apareceu a senhora Murray.

Quando entrou começou a fazer-lhe perguntas enquanto a observava atentamente. Teve a impressão que os seus gestos traíam um certo nervosismo.

De vez enquanto fazia-lhe uma pergunta relacionada directamente com o crime. Faustos quis saber quais os seus planos para o futuro. Ela ainda não sabia exactamente o que fazer. Queria esperar pela liquidação dos bens pois pensava mudar-se para casa de uns parentes que moravam noutra zona mais modesta, visto não ter possibilidades de continuar uma vida de luxo.

Faustos pediu-lhe que chamasse o motorista pois queria fazer-lhe mais umas perguntas. Mas ele tinha ido à cidade fazer compras e tratar de assuntos seus. A empregada, que até então não tinha feito declarações também não estava.

Faustos tentou recordar e ordenar objectivamente os factos desde o princípio. Na noite do crime depois de entrar no quarto, sentiu que pela varanda entrava uma brisa suave. Portanto, os cães, mesmo que não tivessem ouvido saltar a janela, teriam sentido o cheiro dos



Carol, a paixão perigosa

que George fazia obrigavam-no a viajar para Singapura, por exemplo, Hong-Kong, Djakarta, Colombo ou Macau. Como sempre fizera questão em separar a sua vida familiar da profissional, ela apenas conhecia os seus colegas mais próximos e os sócios da firma.

O motorista, José Tagle, confirmou o depoimento de Esther Murray. Tinha a certeza de que os assassinos haviam entrado pela varanda. Quando Faustos lhe disse que não foram encontrados vestígios, respondeu que os próprios assassinos os tinham apagado. Mas José não soube responder a Faustos quando este lhe perguntou porque é que ao invés de falar de assassinos ele falava em assassinos. Por fim respondeu que era natural que o assassino tivesse um ajudante... talvez alguém tivesse ficado a espera dentro do carro.

Faustos quis interrogar de novo Maria Naraí, a empregada, mas ela desaparecera. A sr.^a Murray disse que talvez tivesse ido a casa de parentes. Certamente que em breve voltaria e, então, seria imediata-

mente o problema casando com ela. A união permitiu-lhe entrar nos meios sociais filipinos que são por norma bastante fechados aos estrangeiros. Nunca se disse que fizera negócios ilícitos. Embora não tivesse dinheiro quando soldado, possuía valores suficientes para se tornar sócio de Equipment Trading Co. A firma, que usava a sigla ETRACO, era considerada uma empresa importante negociando com material pertencente ao exército. Pouco depois da sua entrada na firma foi nomeado director. E assim começou o seu rápido enriquecimento... Se não ficou milionário, passou a levar uma vida de milionário. Pouco depois de casamento com Esther voltou aos hábitos de solteiro tomando-se frequentador assíduo de boites. Baseados nessas informações, os investigadores examinaram atentamente as suas relações amorosas. Os resultados foram deveras interessantes.

DENUNCIADO

A 'normalização económica das Filipinas de-

APARTAMENTOS

EM CASCAIS

EM EDIFÍCIO DE LUXO

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telef.: 28 23 45

CASCAIS

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

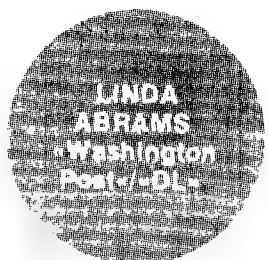
Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000\$00

LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Eq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6
PORTO—R. Passos Manuel, 14-1.º —Telef. 2 03 44/5/6



PARIS — Uma atraente jornalista francesa de meia idade, Danielle Hunebelle, acaba de descrever num livro o seu romance com o homem mais influente de Washington, Henry Kissinger. O livro em questão intitula-se «Dear Henry».

Acabado de publicar por Gallimard, o livro foi já saudado pela imprensa e pela televisão francesa. O «Figaro» dedicou uma página inteira ao caso Kissinger-Hunebelle, preenchendo a maior parte do espaço com citações e opiniões de diversas pessoas ligadas à política.

Danielle transporta-nos ao longo das 242 páginas da sua paixão indomável por um «homenzinho» que, segundo ela, «não é belo, elegante, amigável, do desporto ou sequer educado. Era tímido. Tinha uma pronúncia alemã. E, contudo, ei-lo, frente a frente, destituído de tudo excepto da sua inteligência, que é tudo o que possui».

A sua paixão pelo bom jornalismo levou-a a entrevistá-lo para a revista francesa «Réalités». (Apenas seis meses antes, tinha conseguido entrevistar o disse Alexandre Dubcek) e após esse primeiro encontro com Kissinger apaixonou-se por ele. Na prosa tradicional do século XIX Danielle descreve no livro as noites em claro e a impaciência pela chegada do correio e o tocar do telefone.

Depois da entrevista para «Réalités», tenta ser enviada a

Washington, conseguindo obter autorização para rodar um filme sobre Kissinger destinado à TV francesa. Envia-lhe cartas, mensagens e pequenos presentes, mas Kissinger limita-se a responder em termos vagos.

Efectivamente, Kissinger revela-se um homem pouco dado a questões sentimentais. Um «homenzinho» egocêntrico e complexo, como ela gosta de chamar-lhe. Não hesita em pedir-lhe um dia para levar a sua roupa suja à lavandaria. Recebe-a à porta da sua casa de Washington, às 7,30 da manhã, em pijama. (A capa do livro, da autoria de Lagarrique, mostra Kissinger no seu pijama de listas azuis à porta de casa, pegando no jornal da manhã, na garrafa de leite e no correio).

Um belo dia, convida-a para uma recepção oficial. Danielle arranja-se cuidadosamente, vai

ao cabeleireiro e veste a sua túnica parisiense. Afirma ela. **Tenho a certeza de que podia rivalizar com Sophia Loren ou Greta Garbo, mas Kissinger, quando lhe perguntaram à porta «esta senhora acompanha-o?» respondeu «não, não me acompanha...»; e sem uma palavra ou um olhar, desapareceu.**

Embora já estivesse «farta», vai suportar tudo até Henry a abandonar no Aeroporto de Orly (sem que ela o soubesse nessa altura, Kissinger estivera a tratar dos pormenores da visita de Nixon à China). Nessa mesma noite, insultou-a uma vez mais, ao convidar uma rival, produtora da televisão americana para jantar.

Entretanto, Kissinger torna-se uma celebridade, afirmando-se ser mais poderoso do que o Presidente. As suas companhias preferidas são as estrelas de cinema e não os jornalistas.

A infeliz Danielle é deixada com os seus filmes e vai a Cuba, ao Japão e novamente aos Estados Unidos, a fim de rodar um bem sucedido filme para a televisão, sobre a «sociedade de sonho» de um trabalhador francês. Porém, está sempre preparada para recortar as fotografias de Henry publicadas nos jornais de todo o mundo.

No fim do livro, Danielle tira uma fotografia que guarda na carteira, pronta a fazê-la em

pedaços, mas hesita no último momento. **Levei-a aos lábios e beijei-a.**

Esta história de amor sentimental revela a ingenuidade de Danielle Hunebelle a qual, aliás, é uma jornalista séria e muito inteligente. Foi correspondente de guerra de «France Soir», escreveu para «Le Monde», produziu e dirigiu muitos filmes e é autora de duas novelas e mãe de duas filhas crescidas.

Danielle admite. **Coloquei-me na posição de uma rapariga estúpida para agradar a Henry. Este livro é um trabalho de amor. As mulheres podem apreciá-lo, os homens não. Tudo nele é subtil, muito divertido, inconcebível.**

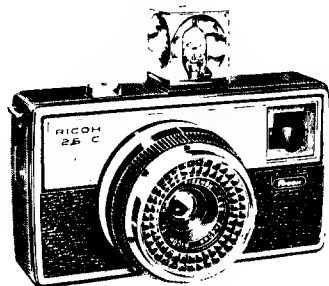
Kissinger levou Danielle a Nixon para ela lhe oferecer o livro



RICOH

Modelo 126-C-EE

Uma máquina fotográfica de alta qualidade apenas por Esc. 990\$00 (com estojo).



Completamente automática com célula foto-eléctrica.

Carregamento instantâneo. Objectiva de grande classe sem necessidade de focagem dando sempre fotos de absoluta nitidez. Flash incorporado usando o moderno flash-cubo.

À venda em todas as boas casas de artigos fotográficos. Representantes exclusivos:

Estabelecimentos

M. Simões Jr. S. A. R. L.

Departamento Foto-Cine

Rua dos Douradores, 10

LISBOA-2

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Senhor Mário Gomes Brinca e Fernando Nunes Lopes ARROTEIAS - ALHOS VEDROS

CRIMINOSA POR AMOR

Continuação da pagina anterior

desconhecidos e dado o alarme. No entanto eles só começaram a latir depois dos tiros, o que provava que não tinha entrado ninguém estranho. Esther Murray ficou calada durante muito tempo. Depois perguntou-lhe se suspeitava do motorista. Faustos respondeu-lhe que os cães também não ladrariam se se tratasse de uma mulher da vivenda...

De repente a campainha da porta fez-se ouvir. Os dois detectives entraram empurrando Maria Nara e contaram que depois de se terem separado a jovem esgueirara-se pelo jardim indo esconder-se na propriedade vizinha.

Faustos conduziu a rapariga para a sala de estar aconselhando-a a que dissesse a verdade. Ela acedeu. Acordara assustada com os tiros. Mas não encontrou ninguém no andar térreo. Ouvindo barulho no andar de cima subiu as escadas. Deparou-se-lhe a sr.^a Murray de revólver em punho que a forçou a descer falando confusamente num ladrão. Quando o motorista apareceu, atraído também pelo barulho, já ela estava mais calma. Deu-lhe então instruções claras sobre o que havia a dizer à Polícia, tinham sido acordados por tiros e a sr.^a Murray encontrara o marido morto na cama.

A viúva desmentiu o depoimento da empregada afirmando estar a ser vítima de uma maquinação ignóbil em que a Polícia colaborava. Faustos nada disse. Tentou distraí-la até que lhe perguntou com to-

da a naturalidade se achava que Carol Varga tinha pressionado a empregada para fazer um depoimento falso. Esther respondeu que sim.

Ela sabia, assim, que o marido tinha uma ligação com a actriz. Sabia também que se tratava algo de sério. Saberia igualmente que Murray tentava divorciar-se?

Nesse instante entrou o motorista. Confirmou as declarações da empregada e informou que vira a patroa deitar fora um objecto para o jardim, na direcção do canil.

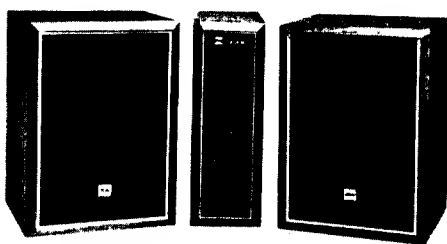
O MEDO

Um ano depois o juiz pronunciou a sentença. Foi ré, Esther del Rosário, foi condenada a prisão perpétua. Os advogados esgotaram inutilmente todos os meios legais pelo que a sr.^a Murray começou a cumprir a pena no dia 26 de Outubro de 1959 na prisão local. Anos depois foi indultada e posta em liberdade condicional. Durante o tempo em que esteve presa não cessou de afirmar a sua inocência.

Não há dúvida, porém, que praticou o crime. O revólver encontrado no canil era a arma do assassinio. Nele não havia impressões digitais, mas numa luva direita de Esther foram localizados vestígios de nitrato de composição química igual à pólvora das balas não disparadas que ficaram no revólver. O medo de perder o homem que amava perdura-a a ela.

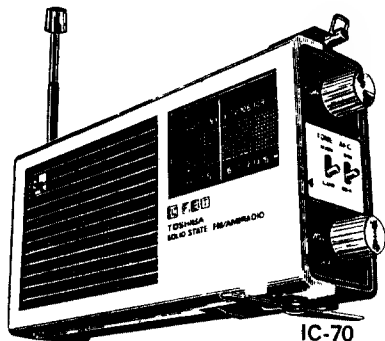
Toshiba vai consigo!

incomparável variedade de modelos

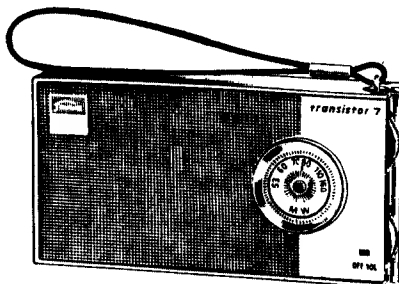


550 C

RÁDIO MESA ESTEREO
24 transistores e 14 diodos
AC (110/220 V)
MW/FM/estéreo
Potência de saída: 4 W
Dimensões: 89 x 259 x 175 mm

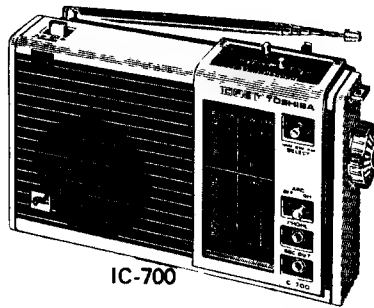


IC-70



7 P-70 A

RÁDIO PORTÁTIL
Elegante rádio portátil de Ondas Médias com 7 transistores, som claro e amplo com duas tonalidades, de fácil regulação.



IC-700

RÁDIO PORTÁTIL
Circuito integrado (IC)
AC/DC (Pilhas, 6 V ou 110/220 V)
MW/FM/SW
Potência de saída: 700 mW
Peso: 1 Kg

Super heterodino de 14 transistores para AM e FM, com circuito ultra compacto (IC) de alta sensibilidade. Antena telescópica para FM e antena de ferrite para AM. Poderoso altifalante de 9 x 6 cm. Controlo de tonalidade. Saídas para amplificador auxiliar e auscultadores. Peso, incluindo as pilhas, 500 g. Alimentação: DC: 6 V (4 x 1,5 V).

cada vez mais **TOSHIBA**

Toshiba
QUALIDADE DESDE 1875

RÁDIOS

À venda em todos os bons estabelecimentos e nos Agentes Toshiba

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

Idade até 35 anos, situação militar resolvida com bom curriculum escolar para grande empresa do Porto. Resposta com o máximo de detalhes à Delegação deste Jornal no Porto ao N.º 182.

PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIR NO CENTRO DE CASCAIS

COM PROJECTOS
OU ANTEPROJECTOS APROVADOS
PARA NOVOS EDIFÍCIOS

PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telef.: 282345 — CASCAIS



PAPEL MODERNO

PARA REVESTIMENTO DE PAREDES.
NOVOS PADRÕES — NOVAS CORES.
COLECCÃO 1972/73

Pessoal Técnico especializado
para assentamento

OXIDEX

Av. João Crisóstomo, 10-B — Telef. 53 23 83

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 23 A 29 DE ABRIL



ARIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Poderá haver estremecimentos com parentes e amigos. Evite impor aos outros os seus pontos de vista aos que discordam do seu modo de ver as coisas. As atitudes arbitrárias tornarão instável a sua posição podendo influir desfavoravelmente sobre a sua popularidade.

DINHEIRO: Embora as finanças estejam sob influências benéficas, não é aconselhável meter-se em aventuras arriscadas. Não gaste mais do que lhe permitem as suas possibilidades económicas. Esta é uma semana propícia para a obtenção de crédito moderado.

PROFISSÃO: Possibilidades verdadeiramente eficazes de progresso na profissão. Os seus empreendimentos serão bem sucedidos, sendo portanto o momento indicado para agir e tomar novos compromissos. Afirme a sua personalidade de uma maneira criadora. Prefira as ocupações que o seduzam.

SAÚDE: Boas condições de saúde. Procure no entanto repousar o suficiente, visto que terá de fazer uso de todas as suas energias, na sua vida de todos os dias.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Sua vida sentimental gozará de um clima benéfico. Acontecimentos imprevistos poderão ter felizes repercussões sobre a sua existência. Mostre-se objectivo no domínio sentimental e afectivo.

DINHEIRO: Conte com lucros materiais decorrentes do rigoroso cumprimento de todos os seus deveres. O principal é saber o que deve realizar primeiro, sem deixar nada ao acaso.

PROFISSÃO: Não se deixe iludir por um colega ou associado num negócio muito demorado resultando incerto e pouco seguro. Continue a seguir a orientação estabelecida anteriormente pela sua intuição.

SAÚDE: Boas perspectivas no capítulo físico. Descanse e divirta-se.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Evite fazer castelos na areia. lembre-se sempre que os mesmos não duram nada. As relações sentimentais apresentam-se incertas e a falta de sinceridade resultará perigosa ou decepcionante. O capítulo sentimental exige prudência e boa reflexão.

DINHEIRO: não alimente ambições demasiado altas, não inicie empreendimentos superiores às suas possibilidades; mantenha o sentido das proporções, pois o seu êxito será mais seguro mais firme.

PROFISSÃO: Imponha-se com diplomacia e inteligência, pois isso permitirá-lhe fazer valer as suas ideias sem indispor as pessoas com quem tem contactos profissionais. Dum modo geral evite as disputas e as controvérsias no campo profissional.

SAÚDE: Cuidado com a anemia; coma coisas fortes, suculentas.

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Procure manter calma e compreensão com a pessoa amada. Os excessos emotivos servirão para anular as boas oportunidades que se ofereçam. Se se manifestar uma certa tensão no seu meio familiar; faça as concessões necessárias, para obter a harmonia indispensável.

DINHEIRO: Os esforços rotineiros e as tarefas de maior responsabilidade podem merecer a sua atenção esta semana. Esteja de ouvidos atentos às novas ideias, que poderão conduzir-vos a posições de relevo. As configurações astrais indicam oportunidades de mudanças para melhor, com recompensas financeiras.

PROFISSÃO: Nos primeiros dias da semana, tudo parecerá desfavorável, começando a melhorar em meados da mesma em diante. Esteja atento aos imprevistos que surgirem no seu trabalho.

SAÚDE: Saiba praticar com regularidade exercícios físicos.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: A felicidade durante este período sorrir-lhe-á nos seus problemas de amor. Haverá mútuo interesse, portanto justifique a sua fidelidade e tome resoluções perduráveis. A boa disposição de espírito a cortesia e a afabilidade no trato com os seus familiares e amigos serão a nota predominante neste período.

DINHEIRO: Período em que terá bons impulsos financeiros. Conte com ajudas e protecções. A actividades que desenvolver será coroada de êxito. Contudo, não faça uma vida desregrada.

PROFISSÃO: Caminhe sem receio na sua actividade profissional, pois conseguirá resultados interessantes. Altura propícia para realizar os seus projectos mais importantes. Aproveite para impor a sua personalidade por meio dos seus méritos.

SAÚDE: Descanse tanto quanto puder. Procure os prazeres, mas adote a moderação por seu lema.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Ideias novas, resoluções, fé e tolerância com uma pequena dose de prudência, eis os ingredientes necessários no momento em que influências benéficas se fazem sentir no signo solar. Muita coisa boa poderá acontecer, em virtude desta semana se combinarem aspectos favoráveis em seu Horóscopo.

DINHEIRO: A situação financeira é francamente progressiva. Os seus lucros e as suas aquisições de dinheiro aumentarão de maneira verdadeiramente satisfatória. Trabalhe com entusiasmo e conseguirá ainda mais.

PROFISSÃO: E absolutamente necessário assumir atitudes decisivas. Não confunda as suas ideias, para não perder tempo e energia com o que é desnecessário. Com o passar dos dias, poderá observar contrastes que lhe serão proveitosos.

SAÚDE: Não alimente ideias pessimistas a respeito do seu estado de saúde, visto que na realidade não há motivos para inquietações.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Uma atmosfera afectuosa prevalecerá no lar e amigos apreciarão se os reunir em sua casa. Dar e receber farão parte da sua alegria desta semana. As reuniões com parentes afastados poderão fazer reviver relações agradáveis. A sua vida não terá uma só faceta esta semana. Interesses de família, problemas amorosos e compromissos com a sociedade pedirão a sua atenção.

DINHEIRO: Dinheiro não deverá ser um assunto urgente, mas os seus negócios financeiros podem exigir-lhe mais tempo do que está disposto a conceder-lhes. O lar talvez exija algumas despesas, mas o seu prazer que terá com os resultados compensará bem o gasto do seu dinheiro e seus esforços.

PROFISSÃO: Se der largas à sua vontade de seguir conforme sua fantasia, poderá vir a se arrependar. As responsabilidades não diminuirão mas poderá fazer arranjos satisfatórios para tomar conta das mesmas por um certo tempo, a fim de que possa descansar e esquecer suas preocupações por algum tempo.

SAÚDE: A intemperança pode prejudicar muito a sua saúde. Cuidado, portanto!



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: As actividades recreativas podem ser muito divertidas com algumas pequenas viagens que poderão resultar em pequenas aventuras. Experiências amorosas poderão ser estimuladas, mas você tirará tanto prazer nas actividades rotineiras da família quanto dos aspectos mais pitorescos da vida. As reacções emocionais tendem a ser muito rápidas, controle-se.

DINHEIRO: Gastará o dinheiro à medida que o for ganhando, mas muito se divertirá com esta experiência. E despreocupado, mas entusiasta em qualquer coisa que realiza. Terá sorte esta semana, mas decida-se a aproveitar qualquer oportunidade que surgir.

PROFISSÃO: Terá optimismo e fé, achando que o caminho que está trilhando é o mais acertado. Não haverá alterações significativas no seu trabalho, mas de uma maneira ou de outra a sua forma de encarar os problemas será feliz, e procurará comunicar a sua águela com quem lida.

SAÚDE: E provável que venha a registar uma certa perda de vitalidade, o que poderá ter como consequência algumas perturbações de saúde.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Certa tendência para extravagâncias ou para o que consideramos extravagâncias, na sua vida conjugal poderá causar-lhe aborrecimentos. Neste período evite discutir o mais que puder. Calma e delicadeza resolvem tudo com melhores resultados.

DINHEIRO: Os astros advertem contra as transacções de carácter arriscado, nas quais poderá perder dinheiro. Diminua as suas despesas e evite jogar ou especular.

PROFISSÃO: A maior cooperação com os seus semelhantes facilitará a concretização de alguns dos seus planos. Dada a sua natural inclinação para as mudanças e assuntos dispersos, terá de usar de paciência, porque este período não lhe dará oportunidades de variar muita coisa.

SAÚDE: Se se excitar demais poderá perder ou prejudicar ainda mais a sua saúde e o seu bem-estar.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: A influência venturosa de Vénus o planeta do amor conduzirá os seus problemas conjugais e amorosos a boas soluções. Enfim, tudo o que até aqui possa ter servido de obstáculos à sua harmonia será removido. Vizinhos, parentes e amigos se mostrarão mais dispostos a ajudar-vos.

DINHEIRO: Pense bem antes de agir, e leia com atenção qualquer documento que tenha de subscrever. As despesas desnecessárias poderão por em risco a sua capacidade de fazer face às suas obrigações anteriores.

PROFISSÃO: Há possibilidades de receber agora a recompensa de favores há muito prestados e aparentemente esquecidos. Se quiser conquistar a confiança de chefes capazes de lhe serem úteis, esforce-se por merecê-la, aproveitando este período.

SAÚDE: Sem exageradas privações vigie a sua alimentação e o seu peso.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Os seus casos domésticos e bem assim os assuntos referentes à família e ao amor propriamente dito, correrão satisfatoriamente. Dentro das suas disponibilidades promova passeios e mostre, sobretudo maior afectuosidade e amabilidade ao ente amado, procure ir ao encontro das suas ambições.

DINHEIRO: A sua mentalidade no decurso desta semana estará aguçada, de sorte que a ocasião será propícia às compras e vendas. Os que estão associados poderão ver os seus interesses financeiros grandemente favorecidos.

PROFISSÃO: As viagens e novas ocupações dar-lhe-ão estímulo para avançar na sua posição profissional. Mas, lembre-se que as coisas devem ser conduzidas com calma. Nada de ilusões: devagar se vai ao longe.

SAÚDE: O seu estado de saúde manter-se-á mais ou menos equilibrado.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: O ambiente amoroso será indulgente. As amizades nesta data podem ser-lhe de utilidade. Consolide a sua posição a respeito das mesmas. Propício aos entendimentos familiares.

DINHEIRO: A questão monetária é resolvida benéficamente. Os assuntos artísticos ou literários proporcionarão bons lucros, tais como o negócio livreiro, as conferências e as exposições de arte, que farão sucesso e darão interesse.

PROFISSÃO: Os assuntos que estejam debaixo da sua alçada podem nesta altura atingir um bom nível de desenvolvimento. Favorável à actividade profissional no geral.

SAÚDE: Não exija demasiado da sua resistência física e terá boa disposição e saúde.



A VOLTA DE PICASSO

Horst Herold, director da Polícia Judiciária alemã ocidental, entrega o quadro de Picasso «Rapariga com duas caras» ao director do museu de Skopje, Boris Petrovsky. O quadro havia sido roubado daquele museu jugoslavo, ao qual tinha sido oferecido pelo grande pintor espanhol após o terramoto que devastou a cidade, em 1965. A polícia alemã encontrou o ladrão e o quadro.



CAROL DAY — Emergency!



by David Wright



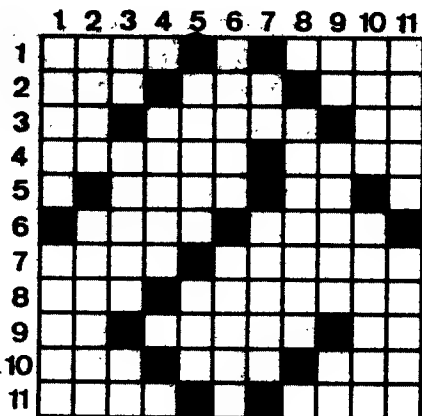
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10 069

HORIZONTAIS:

- Cidade de Itália. Artigo definido. Lágrimas.
- Medida de superfície. Antiga capital da Birmânia. Pronome pessoal.
- Zomba. Terramoto. Sufixo que designa estado.
- Despender. Prédrio.
- Teço. Erbio (s.q.).
- Um dos Estados do Brasil. Cidade da Checoslováquia.
- Pronome indefinido. Poeta.
- Cólera. Repisara.
- Rádio (s.q.). Uma das Cicadas. Reis.
- Vazia. Espécie de formiga (Bras). Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- Banha. Soberba (Fig.).



VERTICAIS:

- Nome de peixe. Região alpestre dividida entre a Áustria e a Itália e que pertenceu aos estados austríacos.
- Andaria. Dialecto da língua sango, falado nas duas margens do Ubumu.
- Pronome reflexo. Transpirada. Fútil (ln.º).
- Pátio.
- Pequeno porto da Pérsia. Título honorífico na Índia.
- Avarento. Sítio.
- Alumínio (s.q.). Aquipélago dos navegadores.
- Imensidades (Fig.).
- Germânico (s.q.). Tontaria. Abreviatura da palavra inglesa mister.
- Gritos. Homem indolente (Prov.).
- Cidade da Suíça. Quinhão (pop.).

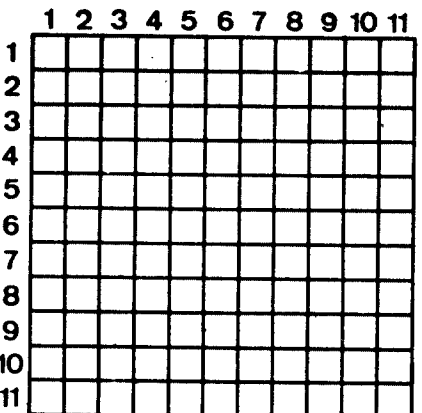
Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6227

HORIZONTAIS:

- Atmosfera Condão Textualmente.
- Artigo definido. Lagoa do estado de Goiás. (Bras). Cântico de Manila.
- Igual. Consentimento.
- Paixão. Adição.
- Magoa. Colocar. Lista.
- Sopro. Equipas. Rádio. (s.q.).
- Gomo (prov.). Conjunto de todas as rodas de um veículo.
- Gastar com o uso. Aparelhos.
- Ligar. Satélite de Júpiter.
- No Oriente, costume moderno. Cachoeira do rio Negro, no estado do Amazonas (Bras).
- Gorgulhos tropicais. Involuntários.



VERTICAIS:

- Silêncio profundo. Grisalha.
- Pertences. Indivíduo sem valor (Prov.).
- Preposição. Agúcar.
- Cidade da Ucrânia. Seguro.
- Oferecer. Vantagens. Arsenito (s.q.).
- Sufixos que designa estado. Homem (Gr. de ciganos).
- Abreviatura da palavra inglesa mistres (senhora). Rói. Viração.
- Suspiros. Cidade do Chile. Maior. Amónio (s.q.). Aparência.
- Prefixo de negação. Freguesia do concelho e distrito de Braga.
- Peixe da família dos escómbridos. Tempo do verbo ser.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 068

HORIZONTAIS:

- Lanças. EM.
- Elas. ASIA.
- Não. CAs. Ar.
- Há. DAmão. An.
- Por. MLI.
- Erre. Bala.
- Ema. Aio.
- Fa. Evora. AC.
- Ura. Aca. Sio.
- Gata. Soar.
- Os. DEZEMBRO.

VERTICAIS:

- LENHA. Ufugo.
- Alia. E. Aras.
- Não. Prê. AT.
- Não. DORME. Ad.
- Careava.
- Riam. Zaco.
- Sambara.
- Ma. Olala. SM.
- Sa. Ito. Sob.
- Erra. Aiar.
- Maina. Açoro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6226

HORIZONTAIS:

- Cá. Braga. Os.
- Ois. Oco. Ato.
- Anos. Alar.
- Cal. Nona.
- No. Idos.
- Ram. Amura. Ar.
- Ado.
- Riem. Real.
- Doces. Corri.
- Olaré. Asara.
- Aarau. Saras.

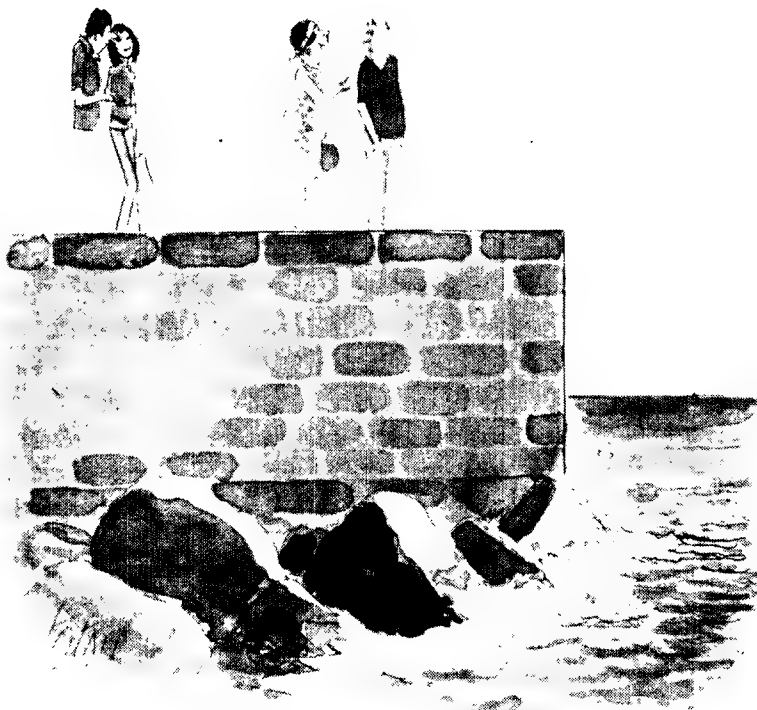
VERTICAIS:

- Coas. Nardo.
- Son. Co. Iola.
- Sono. Pecar.
- Sala. Mera.
- Ro. Romã. Seu.
- Acab. Udo.
- Gó. Oiro. CAs.
- Anda. Rosa.
- Alão. Gerar.
- Ota. Sa. Arrá.
- Sora. Relias.

PROVÉRBO: EM DEZEMBRO: LENHA E DORME.



Desculpe, patrão. Venho a segui-lo desde Lisboa. Era por causa daquele meu aumentozinho...



Agora que estamos aqui podias ser gentil e cantar-me o «La Mer» do Trenet...

CORACÃO a grande ameaça

Continuação da pag. 3

portância numérica da camada da população afectada.

Em 19714 empregados de uma importante administração parisiense, examinados de 1965 a 1970, a proporção dos hipertensos ia de 15 por cento (20 a 29 anos) a 25 (35 a 39 anos), 36 (45 a 49 anos) e 43 por cento (50 a 59 anos anos). Noventa por cento destes hipertensos não eram tratados! Este número dá uma ideia do esforço de informação e de prevenção que deve ser feito.

A epidemiologia moderna levou a rejeitar a antiga doutrina que fazia da arteriosclerose a doença inelutável da velhice. Agora que os factores de risco se encontram, em parte, determinados, resta aplicar em gran-

de escala a experiência adquirida no decurso das primeiras tentativas de prevenção. Além da criação de uma rede organizada de saúde pública, o sucesso de semelhante empresa dependerá muito da atitude dos Governos interessados, por um lado, e das indústrias alimentares multinacionais, por outro. A instrução dietética deveria ser alargada não apenas às escolas, mas também a todos os restaurantes e a todas as organizações femininas, e não exclui que os regulamentos levem a uma modificação generalizada de hábitos de nutrição que já não convêm hoje em dia.

Por outro lado, um conjunto de medidas educativas e legislativas permitiria certamente uma

diminuição maciça do consumo do tabaco e a preparação de cigarros inofensivos.

Um certo número de tradições seria assim abalado pela base: estão em jogo importantes interesses materiais, não apenas no âmbito das empresas, mas igualmente do erário nacional. O «mês do coração» será suficientemente poderoso para que um movimento de opinião pública derrube estes obstáculos? A medicina preventiva, como é concebida pela sociedade moderna, depende essencialmente das vontades individuais, e o futuro mostrará se os homens estão prontos a aceitar a disciplina pessoal e as obrigações colectivas que o «direito à saúde» impõe.

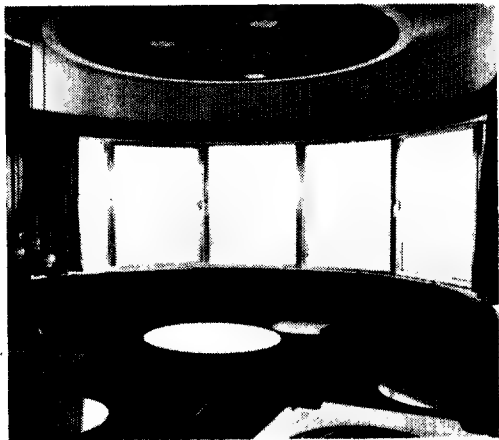
SENSACIONAL

NOVA MODALIDADE

EM J. PIMENTA S. A. R. L.

NA VENDA DE APARTAMENTOS MOBILADOS

INFORME-SE IMEDIATAMENTE, NO SEU PRÓPRIO INTERESSE, DAS VANTAGENS QUE LHE OFERECEMOS



Em Lisboa (Olivais), junto da Est. C.º de Ferro, Amadora, Reboleira, Paço de Arcos, Cascais (Alto da Pampilheira), Coimbra, Porto e Luanda, as propriedades construídas por J. Pimenta estão indicadas para a aplicação das suas economias.

★ ★ ★

25 contos
325 contos
ou outras quantias
podem ser aplicadas em J. Pimenta, S.A.R.L., com elevado rendimento na aquisição, em **COMPROPRIEDADE** ou propriedade exclusiva, de apartamentos mobilados em regime de propriedade horizontal.

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE

180 CONTOS

Informações nos locais de construção e nos escritórios de

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Lisboa — Praça Marquês de Pombal, 15

• Telef. 45843 - 47843

Sede Social — Queluz - Av. António Enes, 25

• Telef. 952021/2

televisão

HOJE

1.º Programa (23.00)
TV Clube
A rubrica desta noite é preenchida com a artista brasileira Elizabeth Cardoso

2.º Programa (23.00)
Série de aventuras
«O Mundo de Jason King»

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.30 Abertura e missa de Domingo.
13.10 Dia do Senhor.
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série Juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV educativa
15.05 TV infantil
16.00 Eurovisão, ciclismo: Transmissão da prova Flecha-Walloume.
17.20 Expedição.
17.45 T.V. Rural
18.30 Eurovisão, 3.ª Exploração lunar.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Domingo Desportivo — 1.ª edição
20.10 Série comédia «Os Mausões de Chicago».
20.35 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.20 Eurovisão, 3.ª Exploração Lunar
23.00 TV clube, com Elizabeth Cardoso.
23.30 Domingo desportivo — 2.ª edição
23.50 Telejornal — Últimas Notícias
00.00 Meditação e Fecho.

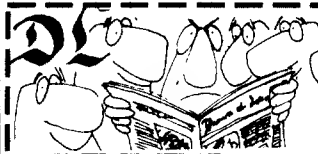
2.º Programa
20.30 Abertura e Dó Lá Si.
21.00 Série filmada «Amor e mau génio»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.20 Eurovisão, 3.ª exploração lunar (Em simultâneo com o 1.º Programa).
23.00 Série de aventuras «O Mundo de Jason King»
23.50 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Uma mãe para Eddie
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cariz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da nação
21.00 Na terra do arco-íris
21.30 Telejornal — 3.ª edição Imagens da missão espacial «Apollo XVI»
22.05 Concurso «O Jogo do Galo»
22.45 Civilização
23.45 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação

2.º Programa
20.30 Um dia com...
21.00 Uma mãe para Eddie
21.30 Telejornal — 3.ª edição
21.55 Boleim meteorológico
22.00 Noite de cinema «Os sarilhos de Annabel»
23.20 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aquas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Combos	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco moderado predominando do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11.º
P. DOURADAS	4.º
COIMBRA	19.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	13.º
FARO	14.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima 20.º

P. DA SAÚDE

Mínima 1,6.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,4.º
Atmosfera 14.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.21 3,4 m	6.35 1,4 m
12.59 3,3 m	18.47 1,5 m

Dia 24

1.16 3,5 m	7.20 1,2 m
13.46 3,4 m	19.20 1,3 m

Dia 25

2.02 3,6 m	7.56 1,1 m
14.28 3,5 m	20.07 1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado em especial durante a tarde com possibilidade de aguaceiros fracos ou trovoadas em alguns locais; vento moderado de Noroeste podendo soprar por vezes com rajadas.

AMANHÃ

Nascer às 6.49
Ocaso às 20.22

Dia 28 Dia 6 Dia 13 Dia 20



rádio

EMISSORA 1.º Programa

15.30 Tarde desportiva — rádio desporto — futebol: relato e informações dos jogos da 6.ª Eliminatória da «Taça de Portugal» — actualidade desportiva
18.30 Música sem palavras
19.05 Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Intervalo musical
21.38 Teatro das comédias «O Marinheiro», de Fernando Pessoa numa adaptação de Eduardo Jacques
22.30 A viagem da Apollo XVI, partida da superfície da Lua
22.45 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

2.º Programa
16.00 Onda musical
18.00 Concerto de domingo 1.ª Parte
18.35 Concertos de domingo
18.50 Concerto de domingo 2.ª Parte
19.45 Quinteto em sol menor, op. 56, de Dantzi, pelo Quarteto de Sopros Fracões
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de câmara
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de piano, por Helena de Sá e Costa, Sete Canções Sem Palavras, de Mendelssohn

21.21 Concerto n.º 5 em ré menor, de Jean-Philippe Rameau, por Orquestra de câmara, dir. por Louis de Froment
21.30 Que quer ouvir? programa elaborado por Margarida Brandão, Sinfonia n.º 1
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

MF 2
16.00 Perspectivas da obra de Bela Bartók
17.00 2.º acto da «Ópera d'Aran», de Bécud
17.45 Música de piano
18.00 Fecho

Estereofónica - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical: Festival de Flandres de 1971, em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Belga
23.10 Sinfonia em mi bemol maior, op. 10, de Dvorak
23.50 Quarteto em dó maior k. 485, de Mozart, pelo Quarteto Dinamarquês
00.23 Sonatas. Sonata para harpa, de Hindemith
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

15.55 Tarde desportiva
18.03 Projectão
18.30 Meia hora depois

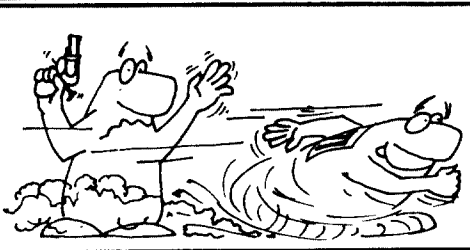
18.45 Rimos em destile
19.02 Revista desportiva
20.00 Nota de abertura
20.07 Selecção para o seu jantar
20.30 De sete em sete dias
21.02 Leitura
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Grande roda
24.00 P.B.X.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MF

16.00 Pêndulo
18.00 O nosso programa
19.00 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gô-Gô
24.00 Em órbita-dois
01.00 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.20 Boletim litúrgico
18.30 Terço e Missa Vespertina do Basilica dos Mártires
20.00 Zona verde — espaço ocupado pela família
20.30 Notícias — no final: variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Zarzuela
23.00 A 23.ª hora



farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944)

ALCANTARA
Bairro, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 661321)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); Roma, Av. de Roma, 85-B (Tel. 772466)

AMOREIRAS
Britânica, Tv. da Légua da Póvoa, 5-B (Tel. 689250)

ANJOS
Confiança, Av. Alm. Reis, 46 (Tel. 821653); Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104A (Tel. 831504)

AREIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Tel. 727300); Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

AVENIDAS NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar 47 (Tel. 773043); Dava, Av. Duque de Avila, 125 (Tel. 45225)

BAIRRO ALTO
Barreto, Rua do Loreto, 30 (Tel. 327284)

BAIRRO DA ENCARNADO
Ascesso, P. do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, Rua B. 75-A (Tel. 683694)

BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Áurea, 154 (Tel. 324816); Oliveira, Rua da Praia (Tel. 321415)

BENFICA
Alegria, Est. de Benfca, 180-A (Tel. 781511); Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Tel. 708242); União, Est. de Benfca, 592/4 (Tel. 700092)

CAMINHO DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua Infancia, 16 98-B (Tel. 688807); União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610)

CASTELO
Ziler, Rua de S. Tome, 54 (Tel. 862835)

CHELAS
Banha, Est. de Chelas, 173 (Tel. 382241)

CHILE
Verat, Rua Morais Soares, 109 (Tel. 821732)

ENTRECAMPUS
Alcântara, Av. da República, 74-A (Tel. 771379)

ESTEFÂNIA
Mundial, L. D. Estefânia, 10 (Tel. 45578)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971)

LAPA
Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105 (Tel. 664414)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 75 (Tel. 790480); Douro, Alm. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131)

OLIVAIS

Oliveira, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimen- to Costa, 16-A (Tels. 728395-720703)

PICOAS
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Tel. 553468)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zolimo Pedro- so, 11 (Tel. 381136)

REGO
Baptista, Rua Francisco To- más da Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTA APOLÔNIO
(Ver Caminhos-de-Ferro)

SANTA MARTA
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638625); Biotfar, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

S. BENTO
Castro, Rua de S. Bento, 199-A (Tel. 660513)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebas- tião da Pedreira, 1 (Tel. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pin- to, 186 (T. 2432034)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Resi- dencial dr. Augusto de Cas- tro-Lote 10 (T. 2430691)

PARADE
Macau, R. José Elias Gar- cia, 60 (T. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (T. 261186)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. J. Ferreira, J. A. 15 (T. 2600116)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T. 280078); A. Costa, R. Frei- tas Reis, 24-C (T. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (T. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (T. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5- Reboleira (T. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121)

QUELUZ

Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lo- pes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)

MEM MARTINS
Quimica, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (T. 981155)

COLARES
Colares, Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 221-B (T. 224141)

BARREIRO
Santa Maria, R. dr. Pacheco Nobre, 44-B (T. 2272141)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)

SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (T. 22484); Nova, R. General Gomes Freire (T. 22052)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coe- lho, 38 (T. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A
Boavista (da), Rua da Boavista, 601; Cosme, Rua Costa Ca- bral, 584; Guarani, Rua Pe- dro Hispano, 367; S. Diniz, Rua S. Diniz, 428; Soeiro, Rua Santos Pousada, 71; Vi- tália, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB-TURNO B
Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520; An- tões, Rua do Bonjardim, 485; Cardona dos Santos, Rua D. Manuel II, 90; Hercu- lano, Rua Alex. Herculanio, 384

COIMBRA

Silva Soares, R. M. de Al- buquerque, 26-28 (Tel. 26554); Vilaça, Ld., R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 22043); Cruz e Costa, R. A. Vasconcelos, 71-71-A (Tel. 22715).

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)

15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«O BARÃO VERMELHO» com John Phillip Law.

CONDES (Tel. 322523)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«A ÚLTIMA GRANADA» com Stanley Baker, Alex. Gord e Honor Blackman.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.00
(Grupo B - 10 anos) 4.ª semana
«OS DEZ MANDAMENTOS», uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Hes- ton e Yul Brynner.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«DUELO A BEIRA DO RIO» Com Peter O'Toole e «CALMA, FREDDY! Hoje às 18.30 (6 anos) «O MELHOR DE ES- TICA E BUCHA».

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 5.ª Sema- na «O RECAPO» O drama de uma geração com Maria Ca- bral e José Viana

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)
18.30 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
«O CATEDRÁTICO».

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUNUEL
Cinema Snack-bar-Pub «The Flag»
Faça três coisas num só: vá ao

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O SOLITÁRIO DO RIO GRAN- DE» com Gregory Peck e Pat Quinn na obra-prima de Henry Hathaway em 2.ª Sema- na

EDEN (Tel. 320768)

15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos). 2.ª Sema- na «GOLPE DE MESTRE» com Dean Martin, Carol White e Hnor Blackman

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Sema- na «BULEVAR DO RUM» com Brigitte Bardot e Lino Ventura

LIDO
15.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O GOLPE» com Jean-Paul Belmondo e Omar Sharif

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«ENCRUZILHADA DE SENTI- MENTOS» com Gianni Moran- di e Stefania Casini

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Sema- na «PARIS VISTO POR DE CIMA» com Claude Chabrol, Jean-Luc Go- dard, Jean-Dan e Poit, Jean Rouch e Jean Deuchot

LYZ (Tel. 48560)
14.45 - 21.00
(Grupo D 18 anos) 4.ª Sema- na «A ORGANIZAÇÃO» com Si- dney Poitier e «DOUTOR TENHA MANEIRAS».

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«O CAÇADOR DE BRUXAS» com Vincent Price, Patrick Wymark, Robert Russel Nicko- Henson e Hilary Dwyer.

ROYAL (Tel. 885037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
Com Marina Vlady e Renan- do Verley «A MULHER E O DE- SEJO» e «CARNAVAL DE ASSASSINOS» com Stewart Granger

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C (14 anos)
CATLOW com Yul Brynner e Richard Crenna

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupos D - 18 anos)
«O MALANDRO» com Richard Burton

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos) 5.ª Sema- na KRUTE com Jane Fonda (Gio- bo de ouro dos críticos de Nova Iorque e premiada com o Oscar da Academia) e Donald Sutherland

ESTÚDIO (Tel. 585134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
2.ª Sema- na «UMA ABELHA NA CHUVA» com Laura So- veral, João Guedes e Zita Duarte.

APOLLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Sema- na O último filme de Mito For- man «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
O JARDIM ONDE VIVEMOS Com Dominique Sanda e Hel- mut Berger

AVIZ (Tel. 47173)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 13.ª Sema- na O Western do ano «TRINITA» «COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
10.ª Sema- na NAO DESEJAS O DELÍCIA DINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sore, Ira de Fustemberg e Isabele Garcia

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª Sema- na de ex- to Com Re- nato Rascel, G. Granaia e G. Guiffre «A TRANSPLAN- TAÇÃO».

outros espetáculos

LISBOA Teatros

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu aparta- mento».

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virgi- nia Woolf».

VILLARET
21.00 - 23.30 (18 anos)
«O Tarluto».

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

A.B.C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Viva a Pandilha».

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Ivone, Princesa de Borgo- nha».

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir».

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em 12 assaltos».

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A casa de Bernarda Alba».

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Mola diplomática para o cai- ro».

ARCO IRIS
21.00 (14 anos)
«Por um punhado de dólares».

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Sete vezes sete».

MAYER
21.00 (10 anos)
«O gigante».

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Num mundo novo A Pandi- lha».

PARIS
21.30 (18 anos)
«Morrer de amar».

RESTELO
21.30 (14 anos)
«Ivan o terrível».

OLIMPIA
21.00 (10 anos)
«Tarzan e os piratas».

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS Stadium
21.30 - 14 anos
«Não desejas o delicadinho do 5.º»

OEIRAS Oeiras Cine
21 - 14 anos
«Numa árvore empoleirado».

FAREDE Royal Cine
21.15 - 10 anos
«O Enigma da Estinge».

ESTORIL Casino
18.30 e 21.30 - 10 anos
«O Catedrático».

Palácio
21.30 - 18 anos
«A última fuga».

CASCAIS S. José
21.30 - 18 anos
«O Mensageiro».

LINHA DE SINTRA

DAMAIA D. João V
22.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!».

VENDA NOVA Cine Nova
21.15 - 14 anos
«O Reverendo Colt» e «Lon- dres é de gritos».

AMADORA Recreios Desportivos
21.15 - 10 anos
«O Distraído».

MEM MARTINS Cine Chaby
21.30 - 18 anos
«Os Diamantes são eternos».

SINTRA Carlos Manuel
21.30 - 10 anos
«Os abutres têm fome».

OUTRA BANDA

ALMADA Incrível
21.15 - 18 anos
«Sol Vermelho».

BARREIRO Ginásio
21 - 10 anos
«Tempos modernos».

BARREIRO Cine-Barreirese
21 - 14 anos
«Vida nova».

TRAFARIA Pavilhão Jardim
21.15 - 10 anos
«Livre como o Vento».

LARANJEIRO Instrução e Recreio
21.30 - 14 anos
«Cidade violenta».

PORTO Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Ora bolas pro pagod».

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«O Benefício da divindade».

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Não desejas o delicadinho do 5.º».

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Remorso».

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Os Piratas do Arquipelago».

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Imoral».

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«4 noites de um sonhador».

ÁGUA D'OURO
21.30 (14 anos)
«A grande odisséia».

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Amante».

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Clegg Salário de Sang».

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Sem motivo aparente».

NUNO ÁLVARES
21.30 (10 anos)
«Com a fortuna às costas».

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Cantadas o Bom Pastor» e «A Estrela do Sol».

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Viúva Conderc».

GIL VICENTE
21.30 (M. 18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã».



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Salva de 21 tiros saudou a chegada dos restos de D. Pedro

AMÉRICO THOMAZ VISITA BRASÍLIA

BRASÍLIA, 22 (ANI) —

Amanhã, segunda-feira, chega a Brasília, em avião da Varig, o presidente da República Portuguesa, almirante Américo Thomaz, no prosseguimento da sua visita ao Brasil, aonde veio associar-se às comemorações dos 150 anos da independência do País.

Na estação presidencial da base aérea de Brasília, o presidente Américo Thomaz, esposa e comitiva são aguardados e cumprimentados pelo governador do distrito federal e senhora de Hêlio Prates da Silveira, à testa de outras individualidades.

Seguidamente, o Chefe do Estado português é visitado, nos aposentos que lhe foram destinados no Hotel Nacional, o maior de Brasília, pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Gibson Barbosa, visita esta a que se segue a do almirante Américo Thomaz e esposa ao presidente da República do Brasil e senhora de Garrastazu Médici, no Palácio da Alvorada.

Do Palácio da Alvorada encaminha-se depois o Chefe do Estado Português para o Palácio do Itamarati de Brasília, onde recebe os cumprimentos do corpo diplomático. No mesmo palácio efectua-se o banquete que o presidente brasileiro oferece em honra do presidente português, banquete a que se segue uma recepção.

No dia seguinte, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, visita no Palácio do Itamarati o chanceler Gibson Barbosa, e o almirante Manuel Pereira Crespo, ministro português da Marinha, o almirante Adalberto de Barros, ministro brasileiro da mesma pasta.

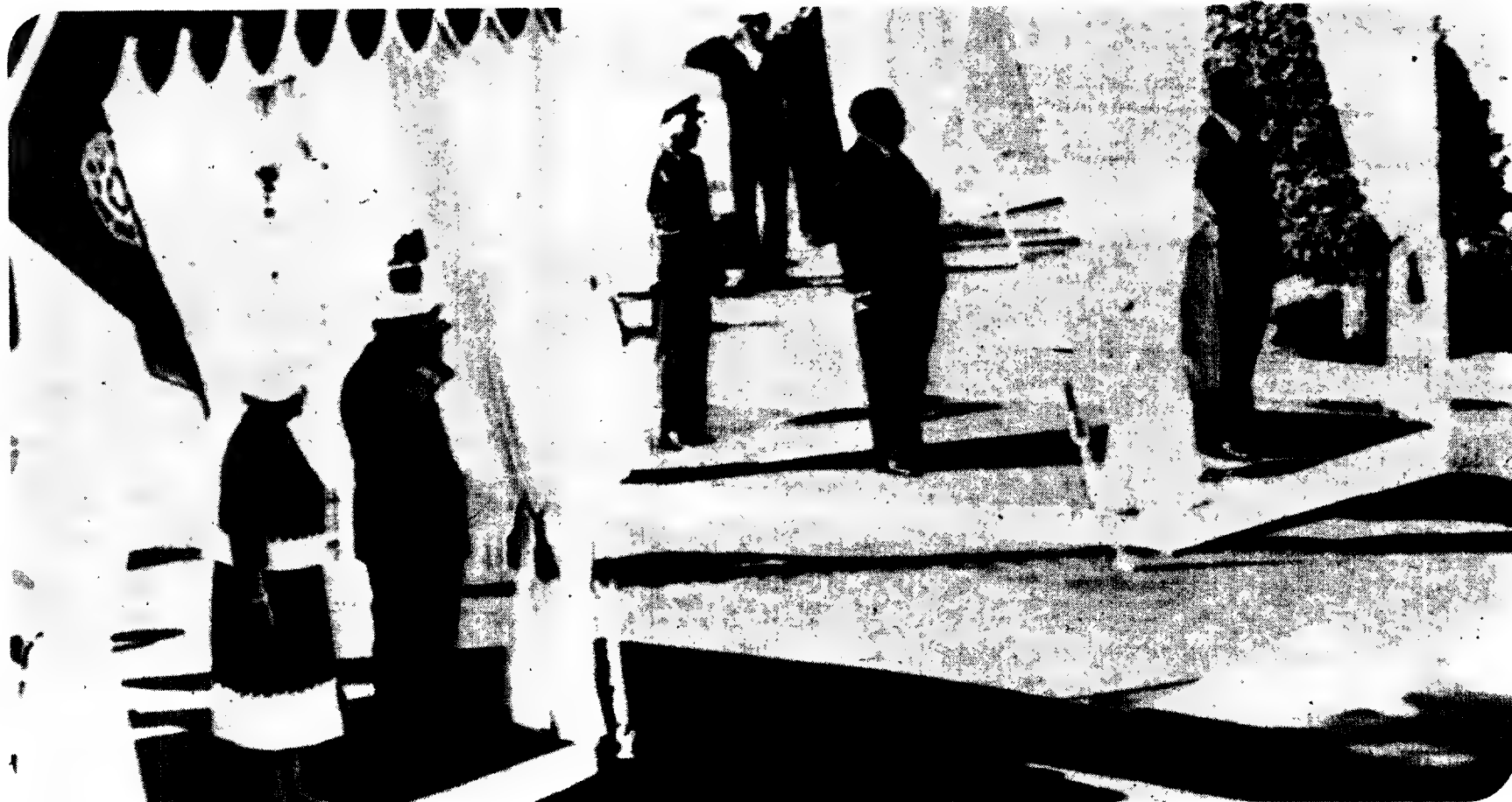
Pouco depois, os dois presidentes encontram-se no Palácio do Planalto, seguindo-se a inauguração, pelo almirante Américo Thomaz, da Praça de Portugal, onde se ergue o monumento ao infante D. Henrique. É sobre esta praça que se abrirão as janelas do futuro palácio da embaixada de Portugal em Brasília.

Outra inauguração tem lugar imediatamente depois — o descerramento, num dos pátios do Palácio do Itamarati, pelos dois presidentes de um antigo marco de fronteira, em pedra lioz da região da Batalha, em Portugal.

O almoço é oferecido ao presidente da República Portuguesa e à senhora de Américo Thomaz pelo governador do distrito federal e senhora de Prates da Silveira, na Granja das Águas Claras.

Terminado este almoço, o presidente Thomaz visita, sucessivamente, o Supremo Tribunal Federal, reunido em sessão plena, onde é saudado pelo ministro Moacyr Amaral Santos, e o Congresso Nacional, onde o saudam o senador João Calmon e o deputado Tancredo Neves, após o que é, por sua vez, o Chefe do Estado Português visitado pelo vice-presidente da República do Brasil, almirante-de-esquadra Augusto Rademaker Grunewald.

O dia fecha com o banquete e recepção oferecidos pelo presidente português.



O Presidente Américo Thomaz chegando ao monumento aos mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

MÉDICI EXALTA O DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL



Ospresidentes Américo Thomaz (à esquerda) e Emilio Médici (à direita), com as respectivas esposas, no momento em que eram executados os hinos nacionais dos dois países, após o desembarque do Chefe de Estado português ao Rio. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

RIO DE JANEIRO, 23 (ANI/FP/R/ e enviado especial do «DL», RIBEIRO CARDOSO) — Ao entrar, pelas oito horas e trinta (meio dia e trinta — hora de Lisboa) na baía de Guanabara, entre os fortes de Santa Cruz (em Niterói) e das Lajes — fortaleza do antigo sistema defensivo do Rio de Janeiro), a escolta portuguesa do «Funchal» salvou a terra, tendo correspondido o aviso oceanico brasileiro «Baependi», com uma salva de 21 tiros.

Depois a urna contendo os restos mortais do imperador D. Pedro foi transferida do paquete «Funchal» para o navio-patrolha brasileiro «Piraque», em cerimónia que se revestiu da maior simplicidade.

O presidente Américo Thomaz desceu do «Funchal» para a vedeta que o conduziu a terra, no cais da Bandeira, cerca de 14 horas (Lisboa).

Ao mesmo tempo, acompanhado por sua esposa, pela sua casa militar e por membros do governo brasileiro, chegava de automóvel ao cais o presidente Garrastazu Médici.

Os dois chefes de estado dirigiram-se depois para o Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde chegaram cerca das 14.35 (hora de Lisboa).

Anteriormente, a urna contendo os restos mortais de D. Pedro fora conduzida àquele monumento num carro blindado.

O Presidente Américo Thomaz entregou então, oficialmente, ao Presidente Médici, os restos mortais do imperador.

Acabada a cerimónia, formou-se um cortejo até ao Museu da Quinta da Boa Vista, antigo Palácio Imperial, onde os restos mortais de D. Pedro estão expostos.

DISCURSO DE MÉDICI

Ao receber, do presidente Américo Thomaz, os restos mortais do imperador D. Pedro, disse o presidente Médici:

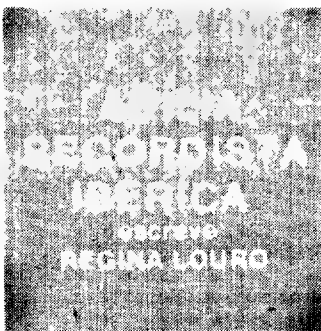
«Retorna ao solo brasileiro o defensor perpétuo do Brasil, aquele que, por amor da nossa gente renunciou ao trono da nação, que ajudou a construir. Os seus despojos mortais estarão divididos, doravante, entre a cidade do Porto e a cidade de São Paulo, como divididos estiveram sempre o seu espírito e o seu afecto entre as duas pátrias que igualmente amou.

O cerco do Porto e o grito do Ipiranga — os dois maiores momentos de sua grande vida — marcaram o seu destino histórico».

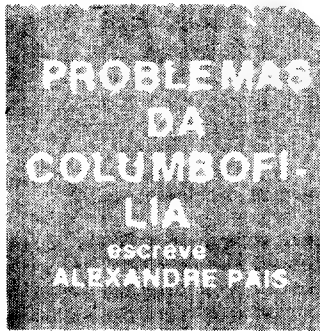


DESPORTOS

Nas páginas
interiores
deste suplemento
oferecemos
(entre outros)
três assuntos
palpitantes.



REQUIEM
POR UM
HOMEM
escreve
NEVES DE SOUSA



ARTUR O GIGANTE DA DERROTA

Foi o maior, na hora amarga do desaire
Toda a Europa viu esse lutador louro
que subiu num ápice a escada da fama.

RENASCENÇA GRÁFICA, S. A. R. L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Vimos submeter à vossa apreciação e deliberação o Relatório, Balanço e Contas respeitantes ao ano de 1971.

Se bem que não esteja inteiramente terminada a total remodelação técnica e administrativa da empresa, conseguiu-se, com um enorme esforço e a colaboração de todos, iniciar, no dia 6 de Outubro de 1971, o arranque do equipamento adquirido, dia em que saiu a público o primeiro exemplar do «Diário de Lisboa» impresso pelo novo sistema gráfico.

Enfrentámos mais uma vez uma grande alta de custos ao longo do ano, com especial incidência nas remunerações de pessoal, e contribuições e impostos, além do agravamento do preço da matéria-prima principal, o papel. Por outro lado, o arranque da nova instalação só foi possível depois das necessárias experiências que avolumaram os encargos globais, como é evidente.

De qualquer forma e apesar de os resultados ultrapassarem já as nossas previsões estamos certos de que, baseados no excelente equipamento técnico que nesta data se encontra já praticamente afinado, poderemos encarar com esperança os anos que se avizinham e confiar na realização de lucros que nos permitam amortizar nos prazos normais o encargo que representou a renovação total da empresa.

Ao aumento de despesas correspondeu, felizmente, um aumento de receitas, resultante basicamente do crescimento da venda do «Diário de Lisboa» em 1971, verificando-se que o aumento sensível dos gastos financeiros resultou apenas da compensação dos créditos que nos foram concedidos para o investimento feito.

Assim, o balanço exprime claramente a situação financeira da empresa em face do referido investimento.

É-nos grato reconhecer a dedicação, zelo e esforço de todo o pessoal ao serviço da empresa e desejamos exprimir o nosso agradecimento ao Conselho Fiscal pela sua prestimosa actuação.

Com profunda saudade evocamos a memória do nosso querido Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Dr. João Ruella Ramos, há dias falecido, e que foi durante quase vinte anos Presidente do Conselho de Administração desta Empresa.

Pela actuação que teve na Renascença Gráfica, à qual dedicou as suas extraordinárias qualidades de Administrador, conferindo-lhe um prestígio e um crédito invulgaes, a ele se fica devendo o equilíbrio financeiro e a solidez económica que permitiu agora à empresa lançar-se numa nova fase da sua vida.

Pela sua inteligência superior, capacidade de trabalho, prudente mas esclarecida visão do futuro e pelas qualidades humanas que possuía no mais alto grau, o Sr. Dr. João Ruella Ramos criou nesta casa uma imagem que jamais desaparecerá da nossa memória.

O Conselho de Administração recorda por isso neste momento com a maior saudade a figura querida do Dr. João Ruella Ramos e congratula-se com o facto de ele ter vivido o suficiente para assistir ao funcionamento regular do novo equipamento e a total renovação da empresa, que tanto lhe fica a dever.

Para o saldo final dos lucros propomos a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Legal	9.534\$50
Para Conta Nova	85.310\$53
	94.845\$03

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dr. António Pedro Pinto de Ruella Ramos, Presidente
Cap. Felisberto José Tavares
António Augusto Dias do Souto

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

ACTIVO

GASTOS DE ESTABELECIMENTO			
Gastos com aumento de capital e arranque do novo equipamento			
Amortizações efectuadas	7.140.778\$60		7.097.036\$60
IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
CONSTRUÇÕES			
Edifícios	7.523.537\$22		
Amortização a deduzir	-475.288\$62	7.048.248\$60	
Grandes reparações de edifícios	7.300.550\$40		
Amortizações a deduzir	-115.425\$30	7.185.125\$10	14.233.373\$70
MÁQUINAS E FERRAMENTAS			
Máquinas	27.312.392\$21		
Ferramentas	295.355\$60	27.607.747\$81	
Amortização a deduzir		-6.286.477\$45	21.321.270\$30
VEÍCULOS			
Veículos automóveis	3.267.597\$60		
Amortizações a deduzir	-836.837\$40		2.430.760\$20
OUTRAS IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
Móveis e utensílios	2.541.389\$29		
Instalações	6.135.141\$80		
Acessórios e tipo	356.954\$30		
Biblioteca e Arquivo	89.922\$00		
Artigos de decoração	65.204\$40	9.188.611\$79	
Amortização a deduzir		-885.559\$12	8.303.052\$67
Imobilizações Incorpóreas...			180.580\$00
			46.469.036\$90
DEPÓSITOS E CAUÇÕES			
Depósitos diversos			48.650\$00
MATÉRIAS-PRIMAS			
Existências			515.080\$30
MATÉRIAS DE CONSUMO			
Matérias gráficas			63.677\$00
RESÍDUOS E SUCATAS			
Resíduos e mantas			4.615\$80
PRODUTOS ACABADOS			
Jornais sobranes			38.979\$20
REALIZÁVEL			
CLIENTES			
Saldos diversos	17.709.889\$37		
Letras a receber	454.001\$80	18.163.891\$17	
DISPONÍVEL			
Bancos	4.129.620\$66		
Caixa	853.580\$53	4.983.201\$19	
			77.384.168\$19

PASSIVO

CAPITAL		
Capital Social		9.000.000\$00
RESERVAS		
Fundo de Reserva Legal	246.794\$37	
Fundo de Reserva Especial	495.000\$00	
Reserva para reavaliação de material e máquinas	1.171.558\$71	
Reserva para cobranças duvidosas	31.430\$80	
Reserva para aquisição de acções	482.790\$55	
Reserva de reavaliação	3.808.267\$10	6.235.891\$53
PROVISÕES PARA PERDAS E ENCARGOS		
Provisão para incobráveis	155.550\$95	
Provisão para reinvestimentos	700.000\$00	855.550\$95
EXIGÍVEL		
Letras a Pagar	53.566.159\$40	
Fornecedores	2.756.923\$50	
Devedores e Credores	3.861.455\$71	
Estado	542.432\$00	
Filial	470.910\$07	61.197.880\$68
PERDAS E GANHOS		
Saldo Credor — Lucro		94.845\$03

77.384.168\$19

O TÉCNICO DE CONTAS

António Rodrigues

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dr. António Pedro Pinto de Ruella Ramos
Cap. Felisberto José Tavares
António Augusto Dias do Souto

Personagem
da semana

ARTUR: PARA TI, O MEU APLAUSO

Por DANIEL REIS

O elogio do treinador do Ajax consagrou-o definitivamente. «ARTUR É O MELHOR DA EUROPA», disse Kovacs logo que terminou o jogo da Luz, impressionado com a estuante energia física, com o seu indomável temperamento de homem duro e impossível de superar. Artur é o melhor defesa da Europa. Por partir de quem partiu, por significar o que significa e a juntar ao que Artur realizará durante os noventa minutos da pressão benfiquista, a fase do treinador dos campeões europeus decisivamente o loiro defesa para a glória. Faz dele a personagem da semana, quando nos ativermos aos acontecimentos desportivos realizados no país.

No início da época, quando Artur Manuel Gomes Correia se transferiu da Académica para o Benfica, por somas um tanto distantes (para menos) do que receberam Rui Rodrigues e Artur Jorge, não foram poucos os que pensaram ter

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Central, Lda., Largo Comb. Grande Guerra - CANTANHEDE

o Benfica adquirido um bom reservista. A defesas laterais havia o Malta e o Adolfo, qualquer deles intocável. A médios, um trio de monstros sagrados não davam «chances». A guarda-redes não constava que Artur jogasse; e, como tal, um lugar na reserva era o que lhe destinavam. Mas o Benfica foi jogar à Inglaterra. Apanhou uma sã grande no campo do Arsenal; e Hagan pensou meter fogo no

meio do terreno e impedir (de vez) que naquela zona se cavasse a sepultura do seu «quadro». Jogava-se em Newcastle: Artur foi escalado para o meio-campo e, embora sem a rotina do lugar, encheu de tal modo os olhos de todos quantos o viram que não mais largou a primeira equipa. Daí para a frente, Hagan estimulou-o. Escolheu-o em detrimento de Adolfo, quando ninguém acreditava que tal fosse possível. Sacrificou Toni em seu favor: quando todos jogavam no poderoso médio ala. Mete-o no lugar de Malta, quando as lesões tornaram impossíveis as escapadas do homem de Benguela, na lateral direita benfiquista. Em todos os lugares Artur deu tudo o que tinha dentro do seu corpo de jovem. Em todos os lugares Artur desmentiu os que da bancada lhe chama-

vam «menina», impressionados com o seu ar esplendidamente juvenil, com o seu cabelo escandalosamente comprido. Lá dentro, Artur era o mais duro, o mais forte, o mais rápido. Lá dentro, Artur era o símbolo do jovem Benfica, de mais coração que cabeça, era a vontade indômita de voltar aos arlópagos do futebol. E, na noite grandiosa contra o Feyenoord, Artur simbolizou o seu «team», prenhe de ambições e de audácias atacantes. Chegaram as noites decisivas da meia-final. O Benfica baixou ao Estádio Olímpico de Amesterdão, e muita gente receava o pior. Contra os cmplex nacionais apresentavam-se sem Malta, sem Simões, sem Rodrigues, contra Keyser, Swart, Crujff e muitos outros. Só Artur não tremeu. «Keyser, é o onze não é?» terá ele perguntado. «Pois se é, vamos a

ele»; e Keyser não esistiu em campo. Artur (porém) não ficou por aí. Acorreu a todo lado, foi o muro derradeiro onde se perderam as balas do Ajax, foi o corpo último onde bateu a fúria e a classe de toda aquela corte de generais. Na Luz, o objectivo era outro. Havia que conquistar e não que defender. E Artur fez uma coisa e outra: foi ainda o maior. Na véspera havia destejado o seu 22.º aniversário. A prenda seria a passagem à final. Não a conseguiu, mas rubricou uma das mais espantosas exibições que pode fazer um futebolista, no mundo do super profissionalizado e extremamente competitivo jogo da bola. No final, o técnico do Ajax (lapidamente) definia-o como o melhor defesa da Europa. E Artur era figura em todos os

locais onde se escrevem e onde se fala de nomes de jogadores. Apesar disso e muito simplesmente, Artur não se deslumbra. Continua a dar tudo em todos os jogos. Para garantir um lugar entre os «deuses» da bola, entre os que admirava quando (junior ainda) treinava na Luz e viu brilhar Eusébio, Simões, Graça, Henrique e outros dos seus pares. Hoje, ninguém mais duvida da utilidade de Artur: e, igualmente, da sua categoria. Num lugar ou em outro, na esquerda ou na direita, ele é insubstituível: se quisermos formar um Benfica realmente novo e apto a todas as ambições e conquistas. A sua enorme força de vontade, a sua terrível energia física e a sua implacável certeza no desarme, são outros tantos espectáculos numa equipa toda espectacular. Ainda que o Benfica não tenha este ano conquistado o acesso à sua sexta final europeia, Artur é o personagem da semana. Por mérito próprio e porque se bateu para isso como mais ninguém. Artur: para ti, o meu aplauso.

RENASCENÇA GRÁFICA, S. A. R. L.

CONTA DE EXPLORAÇÃO RELATIVA AO EXERCÍCIO DE 1971

EXISTÊNCIAS (No início do exercício)

Matérias-primas	314.189\$75	
Materiais de consumo	35.051\$60	
Materiais subsidiários	625\$00	
Resíduos e sucata	3.825\$00	
Produtos acabados	25.492\$30	379.183\$65

COMPRAS

Matérias-primas	10.386.010\$20	
Materiais de consumo	192.191\$20	
Outros materiais subsidiários e diversos	101.504\$70	10.679.706\$10

GASTOS DE PESSOAL

Ordenados, salários, subsídios, gratificações e outros gastos	14.799.662\$60	
Encargos com órgãos sociais	657.200\$00	
Encargos sociais (parafiscais)	2.878.686\$92	18.335.549\$52

IMPOSTOS E TAXAS

TRABALHOS, FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERIORES	3.273.215\$20	
--	---------------	--

TRANSPORTES, DESLOCAÇÕES E GASTOS DE RE-PORTAGEM

	9.399.254\$80	
--	---------------	--

GASTOS COM CONSIGNAÇÕES

	1.539.328\$00	
	4.094.187\$55	

GASTOS DE GESTÃO

Publicidade e propaganda	186.068\$30	
Outros gastos de gestão	1.255.601\$90	1.441.670\$20

GASTOS FINANCEIROS

AMORTIZAÇÕES DO EXERCÍCIO	2.087.274\$30	
	1.336.507\$92	
Saldo	190.689\$03	

	52.756.566\$27	
--	----------------	--

EXISTÊNCIAS (No fim do exercício)

Matérias-primas	515.080\$30	
Materiais de consumo	60.152\$90	
Materiais subsidiários	3.524\$10	
Resíduos e sucata	4.615\$80	
Produtos acabados	38.979\$20	622.352\$30

VENDAS

	49.839.648\$66	
--	----------------	--

RECEITAS ACESSÓRIAS

Rendas de prédios alugados e Outras receitas acessórias	579.063\$61	
---	-------------	--

RECEITAS COM CONSIGNAÇÕES

	1.107.652\$50	
--	---------------	--

RECEITAS FINANCEIRAS

	7.849\$20	
--	-----------	--

	52.756.566\$27	
--	----------------	--

CONTA «PERDAS E LUCROS» RESPEITANTE AO EXERCÍCIO DE 1971

DÉBITO

Multas Fiscais	7.160\$00	
Multas Penais	6.316\$00	
Perdas e Ganhos Diversos	25\$40	
Impostos S/Lucros	149.244\$00	
Lucro Líquido Total	94.845\$03	
	257.567\$43	

CRÉDITO

Saldo do Exercício Anterior	66.878\$40	
Resultados da Exploração do exercício	190.689\$03	
	257.567\$43	

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Em cumprimento da missão que nos haveis confiado, é-nos grato informar que verificamos periodicamente a contabilidade da empresa, que encontrámos sempre em ordem, e que analisámos o relatório do conselho de administração e a conta de resultados, que entendemos satisfazerem as disposições legais e estatutárias. Os critérios valorimétricos adoptados quanto a existências e imobilizado correspondem aos preceitos legais, tendo-se seguido os mesmos princípios de balanços anteriores. Cumpre-nos agradecer ao conselho de administração a prontidão com que sempre nos prestou os esclarecimentos pedidos e louvar o mesmo conselho pela forma cuidada e progressiva como geriu os negócios da empresa. Este conselho manifesta o seu profundo pesar pelo falecimento do Sr. Dr. João Ruella Ramos, ilustre presidente da mesa da Assembleia Geral, cuja figura será evocada nesta casa com a maior saudade e faz suas, neste ponto, as palavras do relatório do conselho de administração.

Agradecemos as amáveis referências com que nos honra o conselho de administração, e somos de parecer:

- Que aproveie o relatório, balanço e contas da administração, que é digna de louvor, e que se dê ao saldo apurado o destino proposto;
- Que se reconheça o zelo, a dedicação e a actividade do pessoal, que bem serviu a empresa;
- Que na acta se consigne um voto de profundo pesar pelo falecimento do saudoso presidente da mesa da assembleia geral, Sr. Dr. João Ruella Ramos.

Lisboa, 8 de Março de 1972.

O CONSELHO FISCAL

Eng.º Eric Maccario, Presidente
Dr. José Parreira de Sousa Carrusca
Dr. João A. Moraes Leitão

O ESPELHO DA CAMPEÃ



ADILIA SILVERIO

TRES FACES

Quem, há meia dúzia de anos, se lembrasse de dizer a Adília Silverio que ela viria a ser atleta recordista, arriscava-se a levar, como resposta, uma sonora gargalhada. Com efeito, só aos 17 anos a moça começou a pensar seriamente no desporto e, mesmo assim, sem quaisquer pretensões de vir a ser campeã.

Antes, fora o tempo de uma infância apagada e de uma adolescência difícil, dividida entre o trabalho duro do campo e os

sonhos de rapariga ainda embalada pelo lirismo fácil de fotonovela. Tudo isso se passava a não muitos quilómetros de Lisboa,

mas longe, muito longe da cidade — com as suas luzes, a sua agitação ruidosa, que mais não são do que a aparente contrapartida do vazio e da incomunicabilidade.

É claro que Adília ainda não pensava em nada disso quando um dia resolveu trocar a casa de seu pai por um quarto alugado e a labuta do campo por um emprego num escritório. Adília pensava, então, apenas em qualquer coisa diferente: um rompimento de horizontes, um alargamento de possibilidades para a sua vida futura, uma escada para subir a qualquer ponto onde ficasse longe do marasmo e do silêncio da existência que levava até então.

Como bagagem, Adília trazia um diploma da 4.ª classe e alguns sonhos...

Hoje, com vinte e dois anos, bate o «record» ibérico no lançamento do peso. Para além disso, a sua vida tornou-se mais completa, ao mesmo tempo que a sua imaginação (ou ambição?) se foi cingindo aos limites das coisas prováveis. Ficou-lhe,



«Nunca ficarei satisfeita com uma marca.»

AGUA BRAVA



BRAVAMENTE MASCULINA

PUIG

BARCELONA PARIS NEW YORK



polímaia sociedade industrial química, s.a.r.l.
preparador e distribuidor em Portugal

MUITOS LIMITES

no entanto, uma enorme força de exigir, dos outros e de si própria.

Entretanto, muitas coisas se passaram...

A PROFISSÃO

— Comecei a estudar à noite, porque precisava de arranjar um emprego melhor, além de que me interessava alargar um pouco os meus conhecimentos. Consegui tirar o 2.º ano e agora estou a tentar fazer o 2.º ciclo. Mas é muito difícil. O que me custa mais é a História: tem muita matéria para quem trabalha de dia e estuda à noite.

— E o trabalho?

— Sou empregada de escritório na Sociedade de Autores Teatrais. Mas, ganho pouco. E é um trabalho que não me agrada. Mas, sei que não posso ter grandes ambições neste sentido. Mesmo que acabe o 5.º ano, que emprego me dão que não seja num escritório?

— Qual era o trabalho que lhe interessava?

— Gostava de uma actividade que me permitisse uma certa iniciativa e responsabilidade. Nasci para ter responsabilidade, não tenho temperamento para obedecer mecanicamente. Por isso, sinto-me frustrada na minha profissão.

O DESPORTO

— Nesse caso, o desporto é uma forma de extravasar as suas forças reprimidas?

— Faço desporto porque gosto. O atletismo sempre me interessou. E

sei que tenho condições físicas óptimas para o lançamento do peso. Gosto mesmo disso. Levo o desporto a sério: o que me faz sofrer, porque há certas pessoas que não compreendem a minha força de vontade. Estes resultados não são um mero acidente, acontecem porque me dedico até ao sacrifício. Custa-me não ser compreendida neste aspecto. Custa-me que as pessoas não deem valor ao meu trabalho.

Adília tem uma visão do desporto pouco comum entre nós. Daí a sua inadaptação e, também já um pouco, a sua desilusão:

— Acho que todo o atleta deve tentar superar-se. Não se trata de uma questão de competição: até porque, no meu caso, não existe adversário. Não existe sempre... Mas isso não basta. Tenho tendência para me valorizar constantemente, procurar ir mais longe. Nunca ficarei satisfeita com uma marca, sabendo que posso fazer melhor. Até que ponto sou capaz de ir? Não sei, exactamente. Mas tenho a certeza de que sou capaz de muito mais do que aquilo que já dei. Mas que não seja só eu a trabalhar para isso...

A MULHER

Casada com o ex-recordista de salto à vara, Adília Silverio encontra no marido o único estímulo para continuar:

— Conheci-o no Sporting. O desporto foi a primeira coisa que nos ligou.

De parte dele, sei que posso contar sempre com ajuda. Agora está na tropa, em Lanceiros 2. Temos

Esta, a outra face da vida de Adília. Mulher casada, mãe de uma criança. Difícil é conciliar tudo:

— A miúda fica com a minha mãe e a minha irmã, na Póvoa de Santo Adrião. Não tenho criada: não ganho para isso. A miúda tem a quem sair: com 11 meses apenas, já anda!

OS LIMITES

— Acha que o desporto a ajudou a desenvolver-se, psicologicamente?

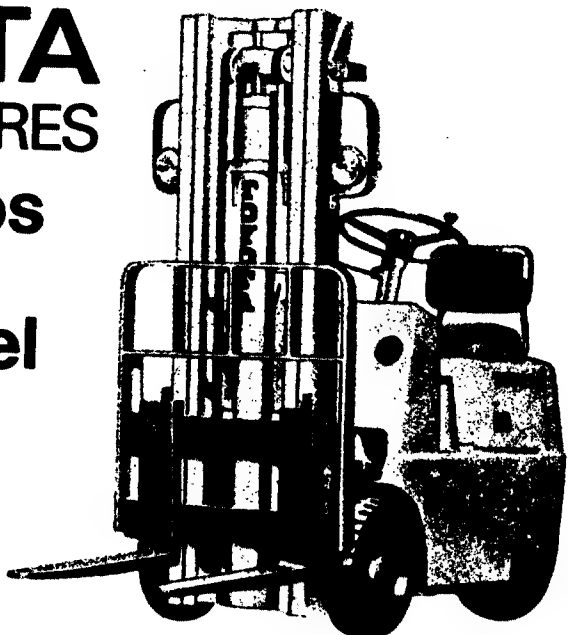
— Ajudou-me muito. Ganhei outra maneira de encarar a vida e as suas dificuldades. Desenvolvi em mim o espírito de iniciativa e a capacidade de luta.

Um último desabafo:

— Sabe? começo a ficar um bocaco desolada pela forma como é encarado o desporto feminino em Portugal. Continuo a dizer que gosto muito de atletismo, por todas as razões. Fisicamente, não me sinto cansada. Tive uma infância difícil: comparado com esse tempo o atletismo, sem ser uma brincadeira, é fácil. O que me cansa são estes limites, esta falta de apreço pelo nosso esforço. Por isso, esta época decidirá se continuo no desporto ou desisto de vez. Afinal, não exijo muito: apenas que me deem condições para treinar e tirar o aproveitamento das minhas possibilidades.

TOYOTA EMPILHADORES eléctricos a gás e a diesel

SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA —
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88



TOYOTA uma força nova para a indústria

COLECTIVIDADES POPULARES

Por ALEXANDRE PAIS

PERSEVERANÇA

VALEJAS ATLÉTICO CLUBE:

Tinham-nos dito em Linda-a-Pastora que a sede da colectividade de Valejas estava instalada num café. Redobrado (portanto) o interesse da reportagem, lá nos metemos, caminho fora, aos saltinhos de foga-foga: que outro recurso não há para quem necessite utilizar a estrada (?) Queijas-Valejas.

Numa cave-anexo do café em questão e em precárias condições de existência, fomos encontrar as instalações sociais da agremiação: o Valejas Atlético Clube. Dele nos fala o presidente da direcção, Artur Ferreira, de 36 anos, empregado de escritório:

«A criação da colectividade data de 1966: mas apenas há dois anos (portanto em 1970) se oficializou a existência do clube com aprovação superior dos nossos estatutos. Contamos com cerca de 150 associados, o que é bastante pouco para as nossas necessidades. As quotas, que variam conforme as idades e consoante o sócio seja senhora ou cavalheiro, vão de 2\$50 a 7\$50, embora haja quem pague mais.»

A actividade desportiva: «Temos secções de futebol, atletismo, ténis de mesa, campeonismo e em breve, de andebol. Há aí um grupo de rapazes interessados em praticar o andebol, mas dois grandes obstáculos se nos deparam: falta o dinheiro para a compra dos equipamentos e também não temos quem oriente os moços. Apesar das modalidades a que me referi serem praticadas no clube, só numa disputamos competições oficiais: em futebol. A equipa de juniores está na 2.ª divisão distrital e a de seniores entra no campeonato de amadores da Associação de Futebol de Lisboa.»

Quem sustenta os gastos do futebol?

«São os próprios jogadores que se cotizam para pagar as deslocações e até para comprar material.»

A sede: «Esta casa, composta do gabinete onde se reúne a direcção e de outra sala, um pouco maior, onde instalámos um pequeno palco para as nossas festas e uma mesa de ténis, é cedida gratuitamente por pessoa amiga do clube. Pagamos apenas com escudos para a água e luz. Pagamos, é uma maneira de dizer, pois as despesas são tantas que até agora nunca satisfizemos essa dívida.»

A limpeza das instalações e a lavagem dos equipamentos:

«Isso está a cargo de uma senhora que faz o favor (e eu digo favor, porque os 500\$00 que recebe não pagam o seu trabalho) de nos resolver o problema. Não é uma empregada; é uma amiga.»

A actividade cultural:

«Estamos a tentar formar uma biblioteca e (com uma máquina de projectar de 16 milímetros) organizamos sessões de cinema para os sócios.»

Os subsídios: «Recebemos anualmente três mil escudos da Câmara Municipal de Oeiras e 500\$00 da Junta de freguesia. A Associação de Futebol de Lisboa concedeu, também, um pequeno subsídio a todos os clubes que disputaram o campeonato de amadores.»

O sr. Artur Ferreira que, acrescentando-se como curiosidade, é árbitro de hóquei em patins, tem levado grande parte da sua vida a pugnar pelo des-

Sporting Clube de Portugal foi tratada por mim, com muitas canseiras, muitas noites em claro. Mas, conseguiu-se a linda verba de 200 contos para o «Linda-a-Pastora»: é uma situação estável para o clube. Entretanto, a vida modificou-se: as pessoas começaram a afastar-se e eu radiquei-me aqui em Valejas. A rapaziada de cá pediu-me ajuda e hoje todas as minhas preocupações vão para este clube. Continuo a ser sócio do «Linda-a-Pastora» mas, como é compreensível, já não sinto a dedicação de outros tempos.»

Artur Ferreira, árbitro de hóquei: infelizmente?

«Não, não digo isso porque se já tenho tido os meus dissabores é certo que também tive alegrias. Aliás, se não gostasse já-me embora. O que me interessa (acima de tudo) é acompanhar o desporto: não por fora mas tomando uma par-



Os mais novos de Valejas

Campo de futebol: é um problema de quase todas as colectividades populares:

«Andamos a ver se arranhamos um terreno. Se o conse-

a todas as entidades oficiais ligadas ao desporto para que ponderassem bem sobre os problemas que atormentam as pequenas colectividades. Na

vezes há certas incompreensões que os regulamentos favorecem. Nós inscrevemos um junior em condições deficientes porque houve uma mudança de impressos que desconhecíamos. No primeiro jogo em que esse atleta alinhou fomos punidos: com falta de comparência e multa de 500\$00. Se essa verba não fosse paga no prazo de 15 dias sofreria um acréscimo de cinquenta por cento! Ora isso não temos nós de cotização. Então, a lei é igual para os profissionais e para os amadores? Eu disse mesmo na Associação que, por este andar, os «malucos», como eu, como nós, como todos os outros, acabariam por desaparecer; e depois queria ver o que se fazia. A resposta do secretário-geral, sr. Simões foi esta: «há sempre «malucos». Vão uns, vêm outros! «Nós só gostávamos de saber para onde é que vão os tais cinquenta por cento; e já nem falamos do dinheiro do Totobola que não se sabe por onde anda. Os dirigentes do futebol têm de ver bem como é que tratam estes pequenos clubes, pois é daqui que saem as grandes vedetas.»

Pronto, já está. Mais uma colectividade popular visitada pela reportagem do «DL». Os problemas são comuns e diferentes são apenas os modos (e as possibilidades) de os apresentar (e resolver). Para quando o apoio efectivo a que fazem juízo os mais humildes, os mais devotados, os maiores trabalhadores do desporto nacional? Talvez um dia. Porque não?



A equipa principal de Valejas Atlético Clube

porto. Em Valejas, ele é a «alma» da agremiação local, como disso fazem prova os outros (muito jovens) elementos da direcção que o escutam atentamente:

«Nascido e criado em Linda-a-Pastora, fui um dos grandes obreiros do arranque do Sporting daquela povoação. Em dois anos passámos da 3.ª à 1.ª divisão distrital. A transferência do Gonçalves para o

te activa.»

Voltemos ao Atlético: como têm reagido os habitantes de Valejas? «A população ainda não correspondeu totalmente. Durante muitos anos houve um certo pessimismo sobre as possibilidades que um clube da terra teria em ir para a frente. Mas, agora, estou convencido que os nossos conterrâneos vão começar a acreditar.»

guirmos, temos o caso encaminhado: o campo ha-de aparecer.»

As finanças:

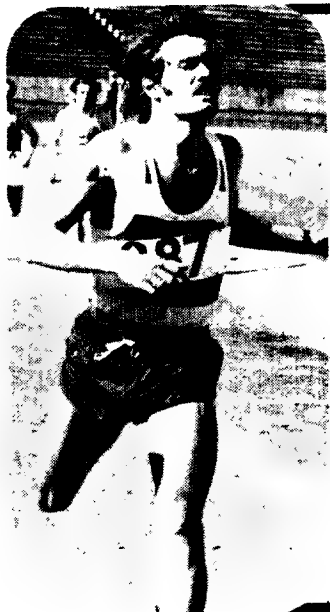
«O clube tem saldo positivo porque não pode ter saldo negativo.»

Há uma pequena dívida de material desportivo que vamos pagando conforme se pode.»

Para terminar:

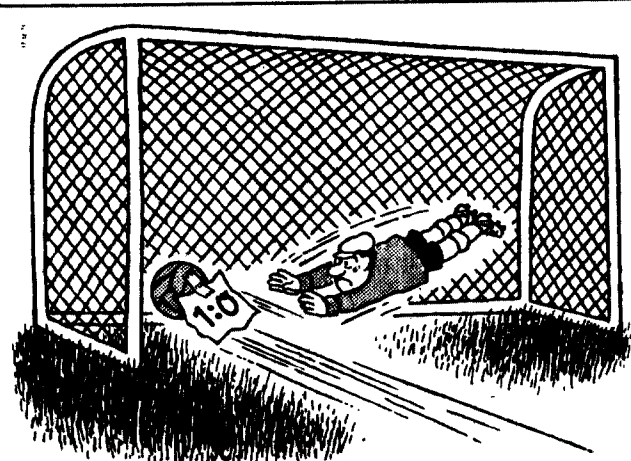
«Gostava de fazer um apelo

Associação de Futebol de Lisboa (por exemplo) há muito boa vontade em colaborar com os clubes modestos: mas esse apoio é insuficiente. E, até, por



NEM TANTO OMAR

Não, não é Omar Sharif, o famoso actor cinematográfico que já esteve por duas vezes (Estoril e Funchal) entre nós. Este é o campeão aporlinguista Carlos Cabral, por sinal vencedor da prova de 1000 metros disputada no Estádio Nacional, no «Torneio de Abertura». Embora muito parecidos (extremamente semelhantes) Sharif e Cabral praticam desportos diferentes. Consta, até, que o atleta português nem sabe jogar bridge



tesa colabora consigo
fitas adesivas



Gostaria de participar nos benefícios dos melhores Restaurantes, Bares, Hotéis, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, etc.?

Eles estão ao seu alcance, proporcionados por importante Companhia Internacional com larga projecção e experiência, num dos campos mais rentáveis do mundo.

Se dispõe de 20 000\$00 ou mais e está interessado em participar num negócio de RENDIMENTO ASSEGURADO, dirija-se por escrito a:

SHARVEN-FRANCE PORTUGUESA, LDA.

Campo Grande, 1 D, 2.º Esq. Lisboa - 5
(escritórios em 11 capitais europeias)

BERNARDO: emprego diferente do FUTEBOL

António Fernando Rodrigues Bernardo nasceu em Lisboa (aos 19 de Setembro de 1946, contando (portanto) vinte e cinco anos de idade. Presentemente ao serviço do Atlético, na sua primeira temporada como profissional, eis como se retrata:

«INTERNACIONAL» JÚNIOR

«Comecei a praticar futebol nos principiantes do Benfica, em 1962, tendo ingressado na época seguinte na categoria de juniores, onde me mantive durante três anos. Foi nesta categoria que atingi várias vezes a internacionalização, ao mesmo tempo de outros jogadores que ocupam hoje uma posição de realce dentro do futebol: casos de Artur Jorge, Damas, Caló, Nelson, Guerreiro e Melo. Em virtude de ser estudante,

fui nessa ocasião assediado pela Académica de Coimbra, onde (ao abrigo da lei dos Estudos) joguei desde 1966 a 1968, sob a orientação de Mário Wilson. Habitualmente no Benfica, jogava no meio campo; mas Wilson, adaptou-me a defesa lateral posição onde me fixe na Académica.

PASSAGEM PELO ULTRAMAR

«Em 1968, frequentava então o sétimo ano dos Liceus, por imposição da vida militar, desloquei-me para o ultramar, fazendo a tropa em Luanda. A convite do Sporting local, ingressei nos seus quadros. Na condição de amador, como (aliás) todos os futebolistas ultramarinos, sendo-me possível (deste modo) não abandonar por completo a prática do fute-

bol e não descurando a minha preparação, embora evidentemente condicionado pelos afazeres militares. Também em Luanda representei variadas vezes a selecção local.

REGRESSO À METROPOLE E FUTEBOL PROFISSIONAL

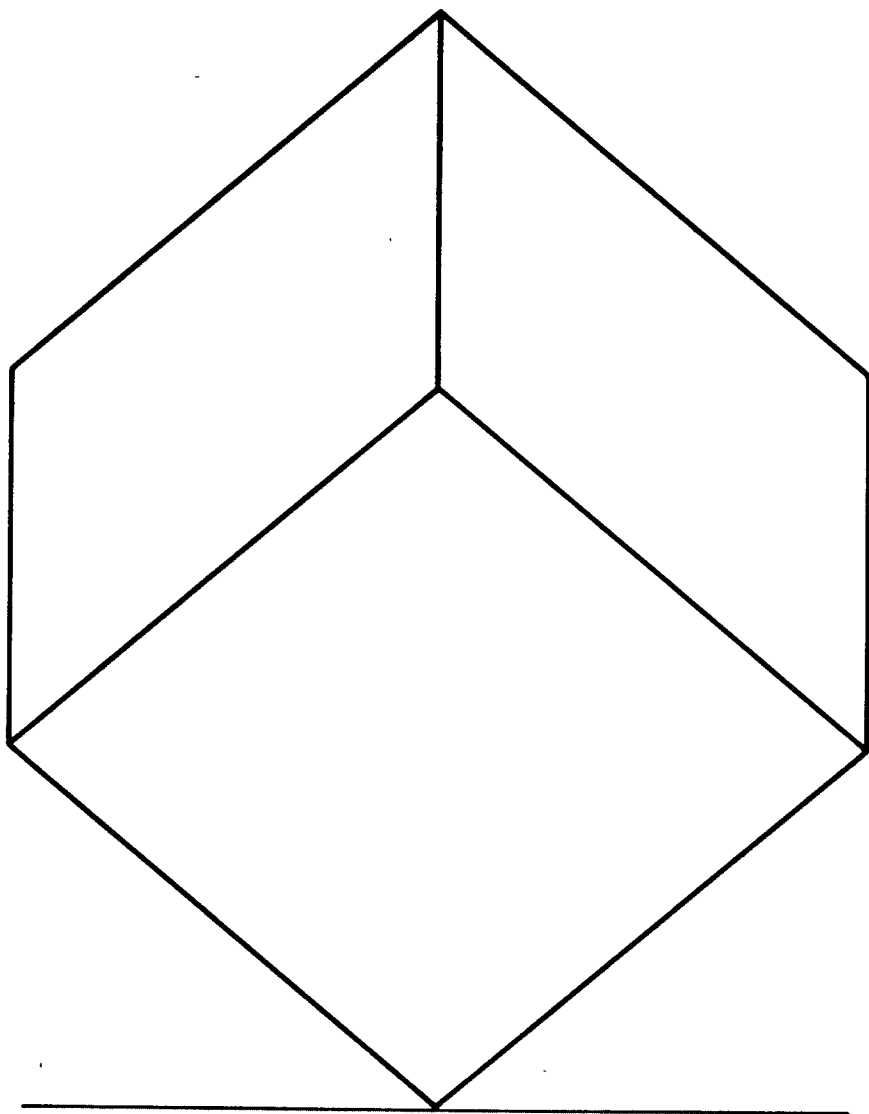
«Terminado o serviço militar (em 1970) voltei de novo à metrópole regressando outra vez de novo à Académica, onde permaneci até ao fim da época de 1971. Gentilmente foi-me cedida pelo Benfica a «carta de desobrigação», pelo que mais facilmente se me deparou a oportunidade de ingressar no futebol profissional. Surgiu o convite do Atlético e decedi aceitar. Não estou, de modo algum, arrependido da decisão tomada, até em função de toda



Bernardo.

a simpatia de que tenho sido rodeado no Atlético, mas cheguei à conclusão de que em Portugal o jogador profissional só é devidamente compensado em dois ou três clubes, pois a restante maioria não tem possibilidades de nos garantir a estabilidade e a segurança, que permitam dedicarmo-nos inteiramente ao futebol. Em face disto, já que a grande oportunidade ainda não me surgiu, penso arranjar um emprego compatível com as minhas habilitações que me garanta uma certa tranquilidade para o futuro mas que me permita (também) jogar o futebol.

C.B.



UMA FORMA POSITIVA DE EQUILIBRAR



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Texto de:
ALEXANDRE PAIS

A criação de pombos (columbicultura) e a sua utilização no campo desportivo (columbofilia) reúnem no nosso país um núcleo cada vez maior de adeptos. Trezentos e dezasseis clubes com cerca de 18 mil sócios e 600 mil pombos correios registados, são os números com que conta actualmente a Federação Portuguesa de Columbofilia. Só na região de Lisboa há de momento em competição mais de vinte mil pombos correios.

AS RAÇAS E A HISTÓRIA

Na opinião de grande parte dos naturalistas especialmente daqueles que estudam com particular interesse o ramo da avicultura as variedades de pombos que se conhecem tiveram origem no pombo comum conhecido por «Biset». As raças mais populares apresentam-nos as seguintes designações: Montauban, Romano, Carneau, Cauchois, Mundano, Maltez, Strasser, Bagadez, Lince da Polónia, Estorninho, Holandês de pôpa e Frizado. Isto no que se refere a raças de utilidade, já que em variedades de luxo ou fantasia temos: Satinette, Turbit, Blondinette, Anatólia, Gravata, Papo de vento, Pavão, Dragão, Cabeça de mouro, Voador, Capuchinho e Cambalhota.

Fora de todas estas espécies, está afinal o motivo da reportagem: o pombo-correio. Como o seu próprio nome indica ele é criado com o objectivo principal de tomar parte em concursos de distância, duração e resistência. Com este fim, os pombos correios são submetidos a treinos intensos: no sentido de apurarem as suas faculdades de orientação e as suas condições de velocidade e poder.

Ao longo da História (momento nos períodos de guerra) muitas foram as ocasiões em que o pombo foi utilizado como mensageiro. A mais antiga citação do aproveitamento do seu instinto de orientação é-nos dada pela Bíblia: a pomba de Noé. Mais tarde, os hebreus, os gregos (que enviavam para longe os resultados dos Jogos Olímpicos) os romanos, os árabes, os egípcios e os chineses recorriam também aos serviços do pombo correio. Seria assim que, muitos séculos depois, Londres tomara conhecimento da derrota de Napoleão. Note-se (todavia) que estes mensageiros voadores não eram ainda os pombos correios que hoje conhecemos. Esses surgiram já com o aproximar do século em que vivemos, em 1870, quando da guerra franco-prussiana; em 1899 no Transvaal, face à luta inglesa contra os boers e no conflito mundial de 1914-18.

POM

MEIO

A CRIAÇÃO

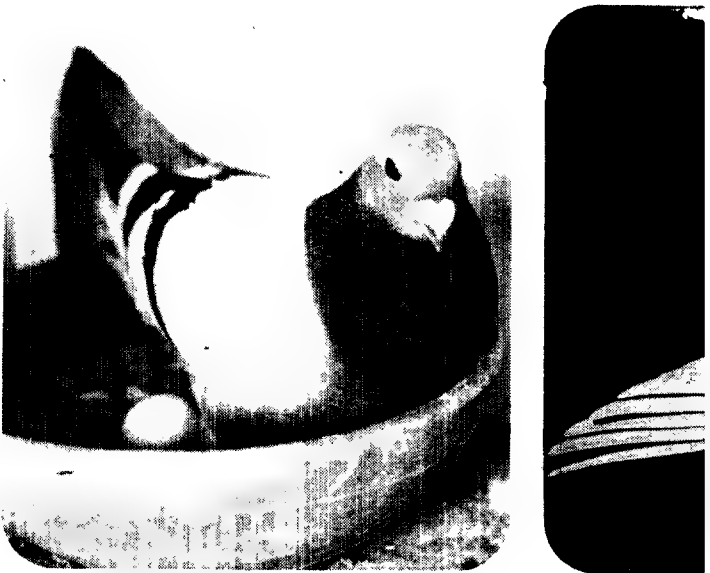
Seleccionados os pombos que se deseja reproduzir, limpo e desinfectado o pombo e guarnecidos de areia, os ninhos, proceder-se-á então ao acasalamento. Coloca-se o macho numa das divisões do pombo (casinha) e só no dia seguinte se lhe junta a fêmea. Se os pombos estiverem em boas condições o acasalamento não demorará mais de 4 a 5 dias e a postura não tarda a efectuar-se. A pomba põe dois ovos em cada incubação e o segundo só aparece 44 a 46 horas depois do primeiro.



O consi

A uma temperatura de 36 a 40 graus, a incubação dura praticamente 18 dias a contar da data da postura do segundo ovo. A identificação do pombo correio é feita pela anilha numerada que entre o 5.º e o 9.º dia de vida se coloca numa das suas patas.

Alimentado pela fêmea nos primeiros tempos da sua existência, o borracho é separado dos pais logo que aprende a comer, entre os 20 e os 25 dias de idade. Com excepção dos borrachos tardios (os criados fora da época normal, que vai de Março a Julho) os jovens voadores concluem cerca dos três meses a primeira muda da pena iniciada entre os 34 e os 38 dias. Estão então prontos para os primeiros voos que não devem ultrapassar os 80 quilómetros.



Dura dezoito dias a incubação.

Uma asa para

OMBO CORREIO: QUILO DE CARNE SEM PREÇO

É o começo da longa jornada pelos caminhos do céu.

A ALIMENTAÇÃO

De digestão demorada o pombo correio (ave granívora) alimenta-se de rações equilibradas no seu valor proteico e compostas numa forma geral dos seguintes grãos: milho, trigo, cevada, arroz, centeio, favinha, ervilha, cizirão, ervilhaca, lentilha, linhaça, cânhamo, painço, aveia, alpista, colza e papoila. Claro que a composição das misturas varia conforme o columbiculor e depende, essencialmente, da época do ano. Além destes alimentos, os pombos necessitam de vita-

portados em camionetas para o local da largada, que só se efectuará caso não se verifiquem deficientes condições atmosféricas. Depois no pombal e á medida que as aves forem chegando as anilhas especiais de borracha são-lhe retiradas e introduzidas numa caixa-relogio que se chama constata-dor. Devolvido cada um destes á sociedade columbófila respectiva as classificações são elaboradas até ser atingido o número que perfaça 20 por cento dos pombos largados.

O COLUMBÓFILO

Para nos falar da actividade de columbófilo contactámos o jornalista Fernando Pires, conhecido também pelo seu trabalho na Rádio e na Televisão. Foi no seu pombal que efectuámos a reportagem fotográfica e recolhemos as considerações de quem dedica aos pombos o escasso tempo livre de que dispõe:

«Sou um amator columbófilo de nível abaixo da média. A dispersão da minha vida não me permite dedicar aos pombos a atenção e os cuidados indispensáveis.»

Como começou a sua vida de columbófilo?

«Os responsáveis pela Empresa Nacional de Publicidade, sabendo que eu tinha tido pombos, lembraram-se que eu poderia assinar uma página semanal sobre columbófilia na «Vida Rural». Aceitei o encargo e, mais tarde verifiquei que tinha necessidade de estabelecer contactos frequentes com as pessoas e com os problemas ligados á columbófilia. Para o conseguir só havia um caminho: fazer-me praticante. Então o sr. Aurélio Prata e Silva teve a gentileza de me oferecer o primeiro casal de pombos que (há cerca de sete anos) inaugurou este pombal. Outros amigos também me ofereceram o melhor de que dispunham. Casos do dr. Aníbal Caeiro, de José Maria da Silva e do eng. Vaz Guedes que foi uma extraordinária figura da columbófilia portuguesa. Claro que isto

exige um grande sacrifício da minha parte e (nos tempos que correm) de todos os que se dedicam á prática da columbófilia. Para além da falta de tempo o problema material põe-se também com especial acuidade: a vida está de tal maneira que existem excelentes colum-



Com cinco dias são bebés os «borrachinhos».

bófilos em situação difícil para conseguirem manter os seus pombos. Á despesa com alimentação e vitaminas junta-se a das inscrições, que oscilam entre cinco e dez escudos por cada pombo para as provas nacionais e atingem os 20 escudos para as soltas de Espanha.»

Fernando Pires gasta 350\$00 mensais para alimentar os seus 42 pombos: 32 concursistas e 10 reprodutores. A mistura granívora apropriada adquire-a no próprio clube onde está filiado e que é um dos melhores do país: a Sociedade do Centro de Portugal. Além de ser mais barata, proporciona total confiança sobre a qualidade dos grãos que a compõem. Vamos agora saber, quais as condições necessárias para se possuírem pombos campeões:

«Muitos anos de trabalho, muita dedicação e uma vocação especial. Não basta ter pombos e perder muito tempo com eles. Se um columbófilo não tiver verdadeira vocação,

Fotos de:
ÁLVARO JOÃO

difficilmente terá pombos campeões. Poderá quanto muito, e por um simples acaso, obter um primeiro lugar: como sucedeu comigo, num concurso de Madrid. Sempre que ao meu pombal têm vindo amigos que são magníficos columbófilos e me dão determinadas orientações e sugestões, os pombos que eles apontam como os que melhor se irão classificar no concurso seguinte correspondem normalmente á essa previsão. Eu devo confessar que não possuo vocação para ser um bom columbófilo. Tenho apenas uma grande paixão pelos pombos. Por outro lado não quero desperdiçar a oportunidade de conviver com alguma frequência com pessoas de todas as profissões e de todas as camadas sociais.»

Problema para o columbófilo constitui a incerteza de largada dos pombos (que enviam a concurso) em perfeitas condições climáticas.

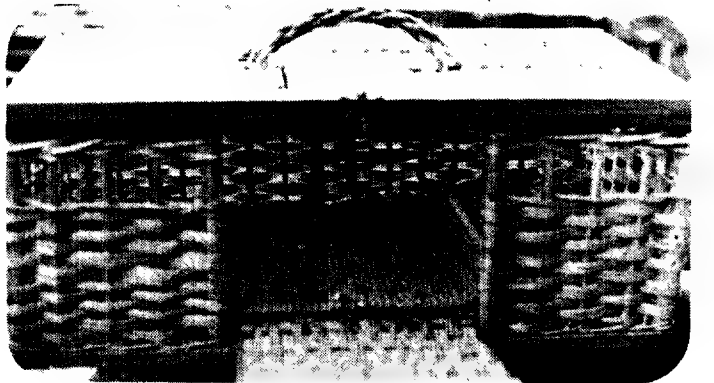
«Sinto ter de dizer que os pombos são muitas vezes largados á sorte. Antes da solta deve haver uma informação meteorológica precisa. Não basta que esteja bom tempo no local da largada, há que contar com as regiões de passagem e com o sítio da chegada. Essa falta de cuidado é tanto menos justificável quanto é certo que existe um Serviço Meteorológico eficiente, com pessoas que gostam de servir, informando bem. Também é verdade que, com muito más condições de tempo, já se fizeram (e não-de continuar a fazer) soltas de pombos correios: e é nessas circunstâncias que se revelam (afinal) os grandes campeões e os pombos de autêntico valor desportivo. Simplesmente desse modo arrisca-se a integridade física das aves.»

Por vezes chegam á nos jornais informações de pessoas indecisas sobre a atitude a tomar com um pombo correio que encontraram. Concretamente o que se deve fazer?

«O pombo, perturbado no seu sentido de orientação por cansaço ou ferimento, abriga-se no primeiro local que se lhe depare. Desde que o animal não esteja ferido (o que implicaria uma recuperação mais demorada, se possível) as pessoas só terão de fazer o favor de o alimentar, dessedentar e deixar repousar. Depois se quiserem colocar na anilha uma pequena mensagem com os elementos necessários, será para nós (columbófilos) uma grande satisfação saber que alguém tratou dos nossos pombos e um dever de cortesia escrever á essa pessoa a agrade-



Aos 15 dias: já anilhados e de olho aberto.



É neste tipo de cestos que os pombos são transportados para os concursos.

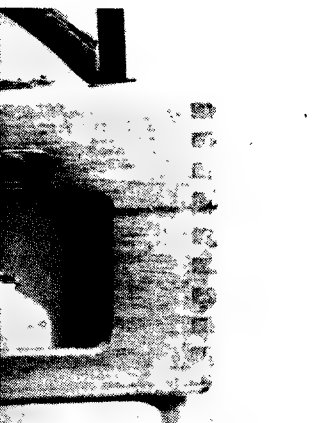


Fernando Pires e «Yaúca»: columbófilo e campeão.

cer a atenção e até, se for caso disso, a indemnizar dos gastos efectuados.

E pronto. Muito mais haveria a dizer sobre essa apaixonante modalidade desportiva que se chama columbófilia. Ficará para mais tarde. Agora, apenas se nos mantém no pensamento as demonstrações de lesa-natureza que constituem aquelas chacinhas de pombos inocentes, exterminados para gozo de quem tem tempo até para isso. A resposta fica nos seiscentos

milhares de correios do ar que cruzam diariamente os céus dum Portugal sôfrego de amor, que se revê hoje (como sempre e mais do que nunca) na beleza alada dos símbolos da paz. Apetece-nos terminar (mediocremente) como aquele papagueante arauto do nacional-cançonetismo: «meus amigos aprendam a conhecer as excepcionais qualidades do pombo correio e vão ver quem...bla, bla, bla...» Então fiquemos por aqui.



ador.

minas, de açúcar, de sal e de um elemento fundamental de formação calcárea, o «grit».

AS VARIEDADES

Não se dividindo em raças propriamente ditas, o pombo correio apresenta algumas variedades que tomaram o nome dos criadores que as apuraram através do «stand» oficial. São exemplo disso os tipos mais conhecidos: Uens, Groeters, Wegge, Hansenne, Sion, Delrez, Fabry, Sels e Lacoste.

A COMPETIÇÃO

Com concursos que ultrapassam por vezes o milhar de quilómetros, o pombo correio, cujo peso varia sensivelmente entre os 400 e os 500 gramas alça-se em situações normais á velocidade média de 70 quilómetros/hora. Entregues pelos columbófilos no clube da sua área, os pombos são trans-



500 quilómetros de contra-relogio.

ATLANTICA LINE

Para:

NEW YORK
BALTIMORE
NORFOLK

o n/porta-contentores «ATLANTICA GÉNOVA»
em 2 de Maio p. ft.

recepção permanente de carga em contentores -

Os Agentes Gerais:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

SURDOS



CASA SONOTONE

JÁ SE LEMBRARAM?
QUE ESTAMOS
NA PRIMAVERA?

É altura de ouvir o chilrear dos passarinhos e os rios correrem num murmurio constante. Que felicidade poderemos ouvir todos os sons! Mas aqueles que não puderem ouvi-los, estamos nós aqui para os ajudar, proporcionando-lhes um exacto auditivo que é gratuito bem como todas as demonstrações, apresentando-lhes os últimos aparelhos próprios para surdez nervosa, a mais difícil de corrigir, mas temos lutado e conseguimos o que há de melhor para suprimir este mal. Temos pilhas de todas as voltagens, FACILITAMOS O PAGAMENTO, e prestamos assistência técnica a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer marca ou de qualquer casa.

Não deixem de nos visitar e, desde já, um grande OBRIGADO.

EM LISBOA, POCO DO BORRATÉM, 33, s/l. — TELEF. 86 83 52
NO PORTO, PRAÇA DA BATALHA, 92 - 1.º — TELEF. 3 56 02
EM LUANDA, RUA ANT.º ENES, 42 - 2.º, APARTAMENTO 26

RECORTE

Com a devida vénia, reproduzimos de «O Norte Desportivo»:
«Quem foi que disse que Joaquim Rocha é jogador de futebol?»

Que foi que viram de especial naquele jovem de cabelos longos e nenhuma habilidade para a prática deste desporto?

Tratar-se-á de um caso pouco vulgar de jogador que brilha nos treinos e não consegue dar a medida exacta das suas possibilidades nos desafios?

Como quer o Sporting ter aspirações ao primeiro lugar (ou mesmo ao segundo) de uma prova importante se os Joaquims Rochas conseguem ser integrados na sua equipa?

Vimo-lo no Lavradio. E com saudade recordámos homens que alinharam na posição por ele ocupada, tais como Vasques, Soeiro, Peyroteu, Martins, Vadinho e Figueiredo. Com certeza que qualquer deles, perante um Joaquim Rocha, terá expressão de comisseração.

Realmente, não se concebe que se deixe de fora um João Lourenço para fazer jogar aquele rapaz.

Para justificar um erro directivo a sua contratação?

Não vale a pena, pois estamos convencidos de que a culpa do Rocha estar em Alvalade pertence inteirinha a quem tinha de dar o parecer final sobre as suas qualidades.

A propósito: o «passe» do Rocha custou mesmo mais de 1000 contos?

Que rico negócio...

VASCO RESENDE

BORBOLETA VELOZ

A «borboleta» mais rápida da Alemanha Ocidental é agora Heike Nagel, pois nos campeonatos disputados em Roma conseguiu a marca de 1m. 05,1s., batendo o anterior «record» do seu país.



LOTES PARA MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS ISOLADAS OU GEMINADAS

Preços a partir de: 100 contos

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.

Telefs.: 282345 - 280749 — CASCAIS

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS

Com 2-3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 380 contos

Próprio: JOAQUIM BARAONA

Avenida Valbom, 28-1.º — Telef. 282345

CASCAIS



ELA ENTRE OS BARBUDOS

Que faz correr Kathy Miller? Na maratona — o caso da fotografia — ou nos pequeninos 50 metros, no desporto ou fora dele, a mulher não esquece femininos cuidados, como o penteado. Sabemos que Kathy Miller deu seu ânimo à Maratona de Boston. Só não sabemos a sua classificação final. Se é que completou a prova...



Vítor Manuel dos Santos Elias, seu nome completo. Dezanove anos de idade. Modalidade desportiva que pratica: hóquei em patins. Equipa: Paço de Arcos. Lugar que ocupa: o de guarda-redes. Começou a jogar há dez anos; portanto, ainda menino e moço já os patins e o «stick». Ihe eram familiares.

Recebeu há pouco um galardão: o do melhor junior que pisou os ringues durante o ano transacto. A cerimónia da entrega desse prémio não decorreu no ringue da Juventude Salesiana do Estoril, antecedendo a derradeira jornada do Torneio Internacional da Páscoa.

E o público, tributando uma ovação inesquecível, corroborou com a escolha do júri. Elias é o seu nome de linha. Quando está na baliza do Paço de Arcos. Quando o entusiasmo dos simpatizantes do popular clube da beira-rio se torna mais vivo, quando os admiradores de Elias enrouquecem a

aplaudir as suas magníficas defesas. Os adversários já o conhecem. Sabem que é um obstáculo difícil de transpor.

Pois, agora, Elias deixou a categoria de juniores e ingressou na equipa principal do Paço de Arcos. Como guarda-redes efectivo, naturalmente.

Não preparámos uma entrevista de grande tema. Elias é um rapaz simples, sem atitudes de galarim. Falámos, apenas. Sobre o troféu recebido e sobre o seu futuro na equipa do Paço de Arcos.

Que representa para si esta distinção?

ELIAS É NOME DE "ESTRELA"

Elias não vacila:

Bom: em primeiro lugar, agrada-me. Agrada-me porque, além do mais, engloba em si a conduta do homem, do companheiro e do jogador. E ser considerado «o melhor» desta maneira é, realmente, uma grande satisfação.

De qualquer modo, este prémio pertence já ao seu passado de desportista. Que pensa do seu futuro?

Continuar a merecer a confiança da minha equipa e dos amigos do clube. Continuar a progredir. Assegurar o meu lugar na equipa principal. E pensar noutras coisas...

Um sorriso. Tímido, mas que faz adivinhar voos mais altos.

A selecção?

Um dia... Não sei. Mas gostava, sabe? Gostava a valer.

Que ideia faz da actual equipa do Paço de Arcos?

Calcule: temos de lutar com a falta de três elementos de primeira categoria. Numa equipa de cinco, é um bico de obra. Mas vamos para o campeonato, apesar disso, a sonhar com uma boa classificação. E tudo faremos para o conseguir. Talvez possa prometer um terceiro lugar...

E acrescenta:

Na verdade, o que eu desejaria de todo o coração era ser campeão. Com o Paço de Arcos, claro. De qualquer modo, não vamos ser uma equipa «simpática» para os nossos adversários. Ainda que desfalcares, trataremos de fazer a vida cara aos mais cotados. Garantia!

Elias é nome de «estrela»? Um prémio (só por si) não diz nada. Mas as actuações de Elias nas redes do Paço de Arcos, o seu comportamento em ringue, o seu brio, isso, sim: dizem alguma coisa. O hóquei português vai com certeza, contar com ele. E por muitos anos.

JOSUE DA SILVA

FERRENHOS, SOMOS NÓS TODOS

Com boa vontade e algum «espírito estatístico» olhamos à nossa volta e constatamos que neste pequeno rectângulo há muito mais campos de futebol que hospitais (o que, aliás, não admira) e muito mais simpatizantes clubistas que espectadores da telescola.

Com efeito, não é necessário apurarmos substancialmente os nossos métodos de observação, para verificarmos (com uma certa amargura) que no terreno movediço das conversas de café é muito mais relevante a validade um «penalty» do que as precárias condições de trabalho em determinadas zonas fabris. Supomos (aliás) que este complicado sistema de prioridades não chega a ser motivo de espanto para ninguém. E, pelo contrário, o pão nosso de cada dia, amassado ao longo dos anos, nas bancadas superlotadas dos estádios ou na relva dos parques: em pachorrentas tardes de domingo.

Muito mais virados à leitura das colunas necrológicas e à discussão das jogadas de meio campo do que à análise objectiva dos problemas que quotidianamente nos limitam, assim vamos nós, alegres como ratos, cumprindo o ritual das maiorias convencidas.

O que nos vale, no meio disto tudo, é que até há sectores bem definidos do desporto em que somos tão bons como os melhores: sem desejarmos as derrotas nem as temermos.

De largura, temos pouco mais que o diâmetro de uma bola de futebol: desenvolvemo-nos ao ritmo vertiginoso das apostas múltiplas do totobola, com um juro de vinte turistas por metro quadrado. Os turistas, aliás, têm muito pouco a ver com «este esboço sociológico» até porque dão larga preferência aos espectáculos tauromáquicos.

Pessoalmente nada tenho contra o desporto em geral e contra o futebol em particular. Sou (de resto) sempre que me é possível, um espectador atento: e, com alguma boa vontade, chego mesmo a ensaiar a sucapa meia dúzia de remates em jogos de carácter quase familiar. Mas, exactamente por isso, reivindico o direito de pensar que o futebol assumirá (de forma tanto mais visível) o seu papel de instrumento de diversão, quanto menos alienar as pessoas dos verdadeiros problemas, dos mais alarmantes. E nisso que continuo a insistir: futebol sim, todos os dias se necessário for, desde que não ocupe demasiado espaço na cabeça das pessoas.

Enquanto isto, continuamos a transmitir hereditariamente as nossas simpatias clubistas: e a perder as estribas sempre que alguém, sem peias, nos diz que o avançado em quem acreditamos cegamente é um acabado «bluf».

Em suma: não me repugna absolutamente admitir que fumo pelo menos um maço de cigarros quando o Benfica está em apuros mas que isso em nada abala as minhas convicções ou compromissos.

No fundo todas as coisas devem ter um lugar certo para as podermos arrumar sempre que necessário. Se isto ficar bem assente, talvez os descobridores do caminho para a fama se convençam que a Europa não tem exactamente o formato de uma taça de campeonato. Depois disto, ponto final.

JJL

CLUBE PORTUGUÊS DE TIRO A CHUMBO

Um ilustre quase desconhecido

Reportagem de ANTÓNIO TADEU
com fotos de NELSON DE VASCONCELOS

Clube. Monsanto de Tiro a Chumbo. Para o repórter, uma surpresa na manhã bonita. É bonito, o Clube Português de Tiro a Chumbo, em Monsanto, Lisboa, cidade aberta — pelo menos vista lá de cima. E vê-se desde os campos para lá de São Do-

mingos de Benfca até aos novos arranha-céus da Fontes Pereira de Melo. E depois, aquele ar de lavado, aquela paz de manhã tranquila!

Manhã tranquila até que as armas (desportivas) quebraram a paz; e os pombos, o símbolo dela, começaram a cair.

Há quem ache bárbaro matar-se o pombo. Mas, para distração, pode ver-se no boxe um homem matar outro. E o pombo não sofre. Morre quase sempre instantaneamente. Depois de morto, é vendido barato ou dado a casas de caridade, a instituições de beneficência. Por vezes querem criar problemas: a Sociedade Protectora dos Animais por exemplo.

Quem assim falou: Gueifão Ferreira, vencedor de provas nacionais em todas as modalidades de tiro a chumbo, possuidor também de vários troféus alcançados no estrangeiro. Troféus ao todo, ao todo, uns oitocentos. Só Gueifão Ferreira, desde os 22 anos, praticante dos 58. Foi a primeira pessoa com quem contactámos no Clube Português de Tiro a Chumbo. Clube em festa. Motivo: a inauguração de mais um campo de tiro, ao lado dos dois já existentes, uma cerimónia a que esteve presente o dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos, e que marcou o início de uma jornada internacional de tiro ao voo que integrou a disputa da «Taça Portugal» «Troféu Joaquim Belchior» — outro prémio para conquista. Razão do nome: Joaquim Belchior, administrador de empresas, em oferta pessoal ao clube, doou-o desse magnífico terceiro campo de tiro, há dias inaugurado. E o primeiro pombo solto no terceiro campo foi dele, que dele foi o primeiro tiro ali disparado.

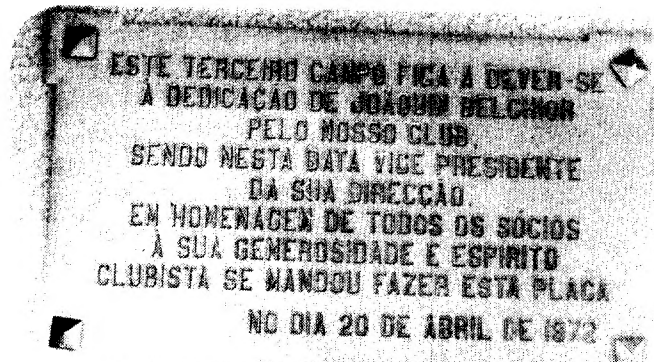
Joaquim Belchior: «O meu pai era caçador e eu sempre gostei muito da caça. Tiro desportivo: tinha 15 anos, quando co-



Pombinho... atenção!



Joaquim Belchior, vice-presidente da direcção do clube e administrador de empresas: a dedicação, a generosidade, o espírito clubista.

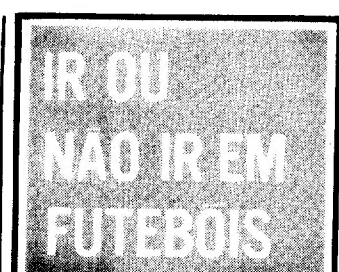


Com os melhores agradecimentos ao sócio benemérito, a placa: pedra branca no historial do Clube Português de Tiro a Chumbo.

mecei a praticar. A primeira prova a sério em que participei foi no antigo campo do Lumiar. Era tiro aos pratos. Em vinte, acertei dois. Não me preocupei muito com o desaire... e no ano seguinte — EM TRINTA E SETE — fui campeão nacional da modalidade.

Interrogámos Joaquim Belchior sobre a situação actual do tiro desportivo em Portugal. Respondeu-nos que apesar de um certo interesse ultimamente registado nas camadas jovens, o tiro vive — ou sobrevive — graças à dedicação de

alguns, à saudade interessada e activa de outros. Há uns quinientos e tal atiradores federados. Um total que, coincidentemente, corresponde ao número aproximado de associados do Clube Português de Tiro a Chumbo: que funciona em Monsanto, Lisboa. Um clube que — apostamos — a maioria dos lisboetas desconhece. Experimente o leitor ir até lá. Experimente, se quiser um tirinho. Mas, atenção! Veja primeiro a folga dos cordões de sua bolsa. O tiro é claro. Quem avisa, amigo é.



«Não ligo nenhuma à bola!», dizia-nos certo senhor carrancudo, muito dono de si, muito dentro do seu papel (decorado) de contestatário de profissão.

Pois muito bem: não ligo nenhuma à «bola»? Faz mal. Isto é: se, de facto, é pessoa que se preocupa com os problemas dos outros (era isso o que queria dizer «contestatário de profissão») faz, mesmo, muito mal. Não são precisos muitos estudos estatísticos para se ter um conhecimento muito aproximado sobre a percentagem de portugueses (o «tal» senhor vivia neste jardim pesgado à beira-mar) que fazem seus os problemas do Benfica e da selecção nacional. O futebol desempenha um papel fundamental na vida de uma enorme quantidade de portugueses. Ao domingo é o que se sabe: milhares, muitos milhares de pessoas, fazem o domingo o seu dia grande. E não só por ser dia de descanso: jogam o Cascalheira, o Avintes, os Bucelenses, clubes da terra, que estão «de afilto» para não descerem de divisão ou que, bem ao contrário, estão a um passo da taça (mais uma!) que é mesmo, uma coisa fundamental. Quem duvida? Quem pode, aliás, duvidar? Se não acreditam, percorram essas aldeias, essas localidades que povoam o país. Não se esqueçam de olhar bem. Depois, hão-de reparar que falta, por exemplo, uma escola aqui, uma farmácia ali, um mercado mais adiante. Um campo de futebol não falta nunca.

«Ai é que está o erro!», dirão. «Devia haver o resto. O campo de futebol era perfeitamente dispensável».

Discordo. Um campo de futebol seria perfeitamente dispensável se:

a) houvesse possibilidades de praticar, com a mesma facilidade com que se pode praticar futebol, qualquer outro desporto, ou seja, desde que fosse dada às pessoas a possibilidade de opção;

b) se as pessoas não soubessem que a grande maioria dos jogadores de futebol começavam com uma bola de trapo, saíam de uma camada social muito semelhante à deles e, actualmente, são «uns senhores»;

c) se as pessoas não gostassem, por milhares de razões, de futebol!

Depois, «devia haver o resto». Muito bem. Creio, até, que o resto era uma das condições para haver menos «bolomania». Mas isso é outro problema: o verdadeiro.

Entretanto, o «tal senhor carrancudo» continuava, impávido e sereno, o seu caminho. Muito senhor do seu nariz. Muito cumpridor dos seus deveres. Muito compenetrado. Com muita sabedoria e cultura. Com muita atenção ao som do «transistor», vindo não se sabe onde, que transmitia o Benfica-Ajax. Que já lá vai.

NGS



DAMAS: UM GUARDA-REDES DE PÉ



Damas: a juventude quer copiá-lo

Emperrada de princípio, a entrevista tornar-se-me-ia depois uma surpresa imprevista devido às palavras que a insuflaram de intenções, de significados.

Vedeta por acaso e por habilidade, Damas (à minha esquerda, em sofá desconfortável do estádio do Sporting) falava com convicção da sua vida de

ídolo-guarda-redes a quem o pai inculcava o vício da bola, e o pai oferecera (oferecia ainda) o pano verde do campo, roleta girando, girando descompassadamente a seu favor e a seu sofrimento.

O êxito e o vácuo rodeavam-no de todos os lados como ilha solitária, brilhante em oceano(s) de desprotecções,

de despeitos, de gloriazinhas miúdas e mudas.

Peças de ouro de uma engrenagem sequeirosa, o famoso e verde guardião era, ali, apenas um rapaz de barro, preocupado com a vida, sua e dos outros, por singular, intuitivo companheirismo.

Sereno, desfiava-me, sugeria-me tudo isso, toda a gran-

de, imensa insegurança que atormenta entre nós os futebolistas, sem futuro nem velhice, nem liberdade para falar quando (quanto) lhes apetece.

Desligara o gravador na promessa ingénua de resguardar confidências esfarrapadas na tarde ressequida: um minúsculo grão de areia (uma queda, uma distorção, um capricho, um rival) podia alterar de um momento para o outro as graças dos deuses e do público, coisas afinal singularmente frágeis, afilivamente imprevisíveis!

Antes de publicar a reportagem enviei-a para a direcção do clube, consoante exigências prévias, que me proibiria pura e telefonicamente dois dias depois. Não pelas frases, limadas de Damas, mas pelas minhas, de introdução, de desengano.

Claro que não apanharia as cartas assim jogadas... Foi então que Damas, na sua naturalidade imperturbável, garantiu as declarações feitas, assumindo-as realifando e apesar dos superiores e desagradados interesses vigentes.

Verticalidade simples, mínima, que não estamos habituados a ver à roda deste ofício onde, nos momentos de aperto, se costumam albardar as culpas sobre as incapacidades, as maldades dos repórteres torcidos e comprimidos.

Dessa vez, já lá vão três anos, um guarda-redes soube estar de pé...

DESPORTIVAMENTE... GANGSTERS

É pena, mas «ganster» lembra Chicago e Chicago lembra os «states»: os Estados Unidos da América.

Lá aconteceu que uma comissão especial foi encarregada pela Câmara dos Representantes (assim uma espécie de São Bento de Washington) de averiguar as forças de pressão que, gagaficamente, influenciam ou ameaçam influenciar certos ambientes desportivos. Certos e determinados. A Comissão de Inquérito concluiu que eram os hipódromos, os ringues de boxe e os rectângulos do basquetebol os campos preferidos pelos interessados em lucros e apostas fáceis: à custa dos bons inocentes, inocentemente ou não.

Por ANTÓNIO TADEU

caídos no «tricot», malha de aranha, tecido na inefável meia-luz de belos recintos menos desportivos mas mais alcatifados. Homens de palha com testas de ferro estabelecem as necessárias ligações.

E depois? Depois, é isto: nenhuma actividade ilegal afecta tanta gente como o gangsterismo no desporto. Esta, uma conclusão a que chegou, já, a Comissão designada pela Câmara dos Representantes dos E.U.A. Uma Comissão que apenas agora vai começar a ouvir personalidades, pessoas importantes, ligadas ao desporto profissional. Acrescenta-se a propósito que não foi citado qualquer nome. E termine-se, repetindo para não haver dúvidas: estas coisas aconteceram e continuam a acontecer longe-na América.

SCHAUB-LORENZ
TELEVISORES COM GARANTIA



SELECCAO NACIONAL:

A ETERNA ENTEADA DO NOSSO FUTEBOL

Assim não, meus senhores.

Já é tempo de acabarmos de brincar às seleções nacionais de futebol. A duas semanas do encontro internacional Chipre-Portugal a contar para a eliminatória do Campeonato do Mundo, realizaram-se até ao presente dois treinos de conjunto, sem que praticamente estivessem presentes os jogadores (Benfica) que como vem sendo hábito (e lógico) formarão a equipa base que actuará no referido encontro.

Com que fim? Vamo-nos apresentar em Chipre com a reserva ou com a selecção B?

De ambas as vezes o Benfica disputava importantíssimos encontros para a Taça dos

Por Correia Branco

Campeões Europeus. Sem dúvida. Mas será que a selecção nacional não é também importante?

Penso que todos (ou quase todos) estamos de acordo.

Então, há alguma coisa que não bate certo. Perece-me que também todos concordamos em que o futebol nacional atingiu um nível e um prestígio internacional que necessariamente terá de ser defendido e respeitado.

Deixemos de lado a organização dos clubes. Primeiro, porque só a eles lhes diz respeito. Segundo, porque também esses (escusado citar quais) têm sobejamente demonstrado não só a sua capacidade de organização como também dignificado o futebol português. Ora, se o futebol ao nível dos citados clubes é orientado por profissionais competentes e devidamente remunerados, porque não o será também e de uma vez para sempre o futebol nacional?

Só assim se compreende que os dois referidos treinos da selecção nacional, não tenham passado duma autêntica «xaxada», sem pés nem cabeça.

Cremos que tanto o calendário nacional como o internacional é (ou antes, deveria ser) devidamente preparado, de molde a que os interesses dos clubes não venham a colidir com os interesses da selecção. Ou vice-versa.

Certo que não se sabia ainda, na altura como no caso presente, se o Benfica estaria (ou não) envolvido na «Taça dos Campeões Europeus», mas não duvidamos que era nessa ocasião um facto já a considerar.



José Augusto: porque não só ao serviço da equipa das quinas?

ressalvadas todas as contingências (bem conhecidas) do futebol.

Para quando, também se decide o debate do problema de contactar um técnico (não vem ao momento discutir qual) única e exclusivamente ao serviço da selecção nacional, pago ao mesmo nível dos técnicos dos clubes, que deste modo esteja livre de quaisquer influências ou pressões, sem a intranquilidade natural dos treinadores que disputam um campeonato por pontos e que poderia, sem dúvida alguma, com mais critério e consciência, apresentar um trabalho e uma equipa pela qual todos ansiosamente esperamos desde 1966?

Cabe-nos, desta feita, defrontar novamente os amadores cipriotas e que, mau grado a péssima exibição do Estádio da Luz, nos fazemos pensar (ainda que com reservado optimismo) num resultado favorável.

Mas, não estará a ser demasiado tarde para abandonarmos as costumadas «improvisações baratas» e debruçarmo-nos seriamente sobre a selecção nacional?



INFORMAL

Mário Nobre

1 O Benfica empatou com o Ajax e perdeu a eliminatória. O Sporting também já uma vez foi eliminado pelo Tirsense, da «Taça de Portugal», não obstante possuir na sua equipa os melhores jogadores de então. Nessa altura, ainda o grémio de Santo Tirso não viajava por relvados da 1.ª Divisão. Todavia, o que mais arreliou o «torcedor» atento e amante do futebol (bom) é constatar que os «encarnados» não mereceram sair da Luz vergados ao peso de tamanho castigo, em holocausto a um «team» bisonho, que de futebol autêntico pouco conhece, jogando do princípio ao fim na «retranca», por carência de classe, técnica dos seus elementos, onde apenas três teriam «chance» de alinhar no primeiro «quadro» dos campeões nacionais (Neeskens, Cruiff e Keizer)... caso Eusébio, Artur Jorge e Simões estivessem impedidos de o fazer.

2 Ainda bem que a Televisão mostrou aos «torcedores» de toda a Europa e até da República do Zaire (ex-Congo Belga) que o Benfica foi a melhor turma sobre o terreno, a que melhor futebol praticou entre todas as que estiveram presentes nas semi-finais da «Taça dos Campeões Europeus» e que o seu lugar era em Roterdão, na final, contra o «Inter» de Milão. Dizem alguns que o Ajax apresentou uma tática inteligente e que o seu «team» está pejado de elementos de grande craveira técnica. Pergunto: que tática apresentou o Ajax? A de se defender de qualquer maneira, com entradas sobre os homens do Benfica a roçarem pela desumanidade, ultrapassando os limites da «dureza desportiva», ante a complacência de um árbitro habituado a todas essas brutalidades que desvirtuam o desporto e aviltam uma competição?

3 A «classe» do Ajax ficou de novo patenteada a todos os que já tinham visto o seu jogo em Amsterdão contra o Benfica: correria desordenada atrás da bola; choques brutais contra os «encarnados», que saíram do campo mais massacrados do que os adversários de Cassius Clay; jogo pelo ar, em disputas ardorosas sem a menor qualidade técnica e uma ou outra boa jogada de Keizer e Neeskens. Nada mais. Todavia, onde o Benfica pecou, por falta de orientação técnica, foi aceitar esse processo de jogo, em vez de baixar a bola, de a fazer correr, entre os seus jogadores, de um para o outro, em passes rápidos, certos. E aí teríamos os holandeses, «na roda», atrás da «menina», como garotos estonteados, na berlinda, em hora de recreio, apanhando bonés...

4 Está o Ajax na final graças a uma «classe» que muitos críticos acabam de «descobrir»

— apenas porque uma bola não entrou nas suas balizas — e se consubstancia em nada menos do que isto: passou duas eliminatórias... porque os defesas adversários marcaram golos nas suas próprias redes. E a sua «famosa» avançada (que possui o «melhor ariete da Europa») marcou apenas um golo em dois jogos contra a defesa do Benfica, que todos criticam por jogar «em linha», como se essa prática não fosse uma armadilha para colocar os adversários «fora de jogo», o que não acontece com o «libero», que dá sempre posição legal aos avançados (que sabem torneir esse sistema «herreriano», que infelicitou o «association» italiano e está agora lançando às ruas da amargura toda a beleza espectacular do futebol cujo epílogo se concretiza com a «bola na rede».

5 Todos os jogos têm a sua história. A deste encontro, na primeira parte, por mais que eu tentasse interpretá-la não a consegui compreender. Do lado «encarnado», um ou outro lance isolado — como aquele de Jaime Graça, que driblou toda a gente, safando-se a repetidas «sarrafadas», por ali acima, até entregar a bola, «rendonda», para Eusébio, que encheu o pé para Stuy defender quando muitos já gritavam golo. Da banda «ajaxiana», nada de especial. Os cabeludos de Amsterdão mais pareciam onze «dopados», caceteando uma bola da forma mais ortodoxa possível, como se o couro da pobrezinha fosse de animal tinho; entrando impiedosamente sobre o adversário, de pé em riste; agarrando-o pela camisola ou pelo tronco; não jogando nem deixando jogar, numa competição desleal, característica, falha de nobreza, ética e decoro desportivo, ante o olhar de 80 mil presentes e milhões de ausentes nos países até onde a TV levou aquelas degradantes imagens. Na segunda parte, os moços do Benfica demonstraram, então, a sua fibra e categoria técnica. Cerraram os dentes e «disseram» a todos que os viam a razão por que constituem o melhor «team» da Europa. E foi uma verdadeira récita de futebol autêntico, moderno, com a bola junto à relva e Graça, Humberto, Toni, Eusébio e esse «garoto de ouro» (que é Artur) enchendo o Estádio da Luz com o clarão da sua raça e génio de predestinado. Que espectáculo de futebol, que figuras de homérica beleza coreográfica foram desenhadas sobre as faixas longitudinais do relvado fatídico! Onde se encontrava então o «todo poderoso» Ajax? Timinho de fazenda, acontanava-se no seu reduto, envergonhado pelo «baile» de que estava sendo comparsa, reduzido à sua verdadeira qualidade de camareiro de Rei, à sua mais ínfima condição técnica e física. Sim,

nessa altura até o «gás» se lhe esvaziara dos pulmões...

6 E foi então que vimos as mais degradantes imagens do futebol-negação: Blankenburg querendo rebater o esférico, com o pé e dar-lhe com a mão («Eu quis dar-lhe com o pé, mas a bola mudou de direcção e bateu-me na mão», disse ele ao nosso colega «A Bola»), sem que o juiz marcassem a competente penalidade; os defesas chutarem de qualquer maneira, como naufragos desesperados de galera sem salva-vidas; todos os «génios» de Amsterdão entricheirados na sua grande área, sem poderem com as pernas, sem centelha nem vislumbres de equipa de eleição. Se nessa altura entrasse um golo nas suas balizas (por 3 ou 4 vezes a bola esteve para ultrapassar o fio de cal, mas a «vaca» holandesa ou os chavelhos de invisível marrafinco a isso se opuseram...), imediatamente a moral dos acérrimos paladinos da «defesa em feixe» cairia por terra e mais dois ou três golos nas suas redes a ninguém surpreenderia. Bastava para tanto que «Mister» Hagan possuísse um pouco mais de vivacidade, fazendo alinhar Victor Baptista ao lado de Artur Jorge, numa frente mais ampla de combate, jogando pelos extremos, em trocas de bola rápidas, sempre junto à relva, para desbaratar os mastodontes de Amsterdão, imbatíveis no jogo aéreo, erro em que o Benfica sempre incorreu ao centrar sobre a «cidadela» de Stuy todas as bolas endereçadas aos seus avantes.

7 Se essa desejada bola tivesse entrado, a estas horas aqueles que tecem loas ao Ajax, estaria dizendo que o Benfica «era o maior» e que o actual campeão europeu errara na forma como pretendeu consolidar a magra vitória de Amsterdão. Concluindo. O Benfica foi mal eliminado. A sorte do jogo, desta feita, voltou-lhe ostensivamente as costas. Mas o «perfume» da classe dos seus jogadores pairou por longo tempo sobre o relvado da Luz como o das rosas de Abril e cintilou, magnífico, nos ecrãs dos aparelhos de televisão por milhões de assistentes por esse mundo fora. Dessa cena uma no início feriu a minha atenção: entrada em campo, meia hora antes dos jogadores do Ajax, para um pré-aquecimento (como costumam fazer os «teams» de «várzea») enuma demonstração grosseira de falta de senso comum e classe sociodesportiva. Imaginem se os actores, antes de iniciarem as suas representações, entrassem em cena aberta e se despiassem e caracterizassem frente ao público... O espectáculo perdia, de imediato, todo o seu encanto e o «mistério cénico» de que se deve envolver. Foi uma palhaçada do sr. Kovacs.



Que selecção trabalha?

BOTAFOGO: A ORIGEM

Já alguma vez tentaram descobrir a origem de Botafogo, nome de um dos bairros do Rio de Janeiro bem como de uma das melhores equipas do Brasil?

Para o historiador brasileiro Raul Pacheco, a explicação é a seguinte:

Nos princípios do século dezasseis, pouco depois da descoberta do Brasil, os franceses, aliados dos índios Tamoios, utilizavam as águas calmas da que é hoje a baía de Botafogo para ancorar os seus navios. Por seu turno, os portugueses ocupavam a margem da baía da Guanabara.

No centro da baía, os franceses ancoraram um barco-farol (em francês, bateau-feu), cuja pronúncia os portugueses deturpavam para Botafogo.

E aí está: nasceu o Botafogo.

FUTEBOL FUTEBOL FUTEBOL FUTEBOL FUTEBOL FUTEBOL FUTEBOL FUTEBOL

MURÇA: O BELENENSES É UM CLUBE SEM SORTE

Ele, Mourinho e Freitas são os representantes do Belenenses nos trabalhos da selecção nacional de futebol (versão de José Augusto, sem Benfica). Para alguns, fora de condição para ser convocado, para outros (caso do seleccionador) com «qualidades visíveis» em número suficiente para justificar a chamada. A sua opinião é de que:

«Não estarei na melhor forma de sempre mas cumprio. Vou à frente sempre que necessário e recupero com facilidade.»

«Nascido na Costa da Caparica, em 17 de Janeiro de 1948, comecei a jogar futebol aos 16 anos, na equipa de juvenis da agremiação da «Praia do Sol». Depois:

«Como junior fiz mais uma época no Grupo Desportivo dos Pescadores e, na seguinte, vim para o Belenenses.»

Chamado aos treinos da selecção nacional de juniores só mais tarde atingiu a «internacionalização». Foi «esperança» por três vezes: duas frente à Inglaterra e uma contra a França. Seria mais tarde, num confronto com a equipa britânica, que atingiria o escalão A, num jogo sem gratas recordações: perdemos por 1-0. Antes da presente convocação voltaria ainda ao seleccionado lusitano na partida com a Dinamarca: desta vez para ficar no «banco». Desde que joga oficialmente quais as posições que ocupou?

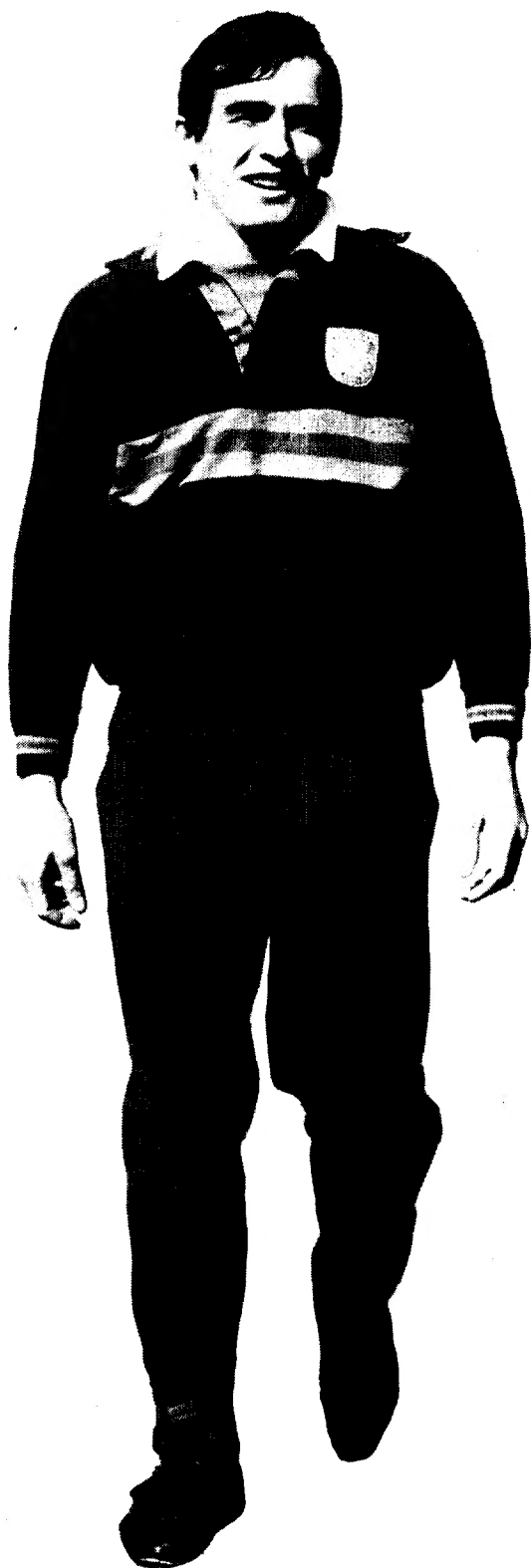
«O meu lugar era no centro: a quarto defesa. Num encontro Norte-Sul (em «esperanças») Juca colocou-me a defesa direita. Quando (na mesma categoria) defrontei a Inglaterra, fui escalado pelo sr. Armando Ferreira para defesa do lado esquerdo. No Belenenses, foi Mário Wilson quem me pôs nessa posição. Finalmente (esta época) Zézé Moreira mudou-me para o lado direito. Devo confessar que a minha preferência vai para um lugar no centro da defesa: aquele (final) onde comecei por jogar.»

Falámos de treinadores. Além dos já mencionados, quais os outros com quem trabalhou?

«José Maria e Albano, na Costa da Caparica. Zubieta, Jorge Vieira, Joaquim Meirim, Ricardo Peres e Manuel de Oliveira, no Restelo.»

Com qual deles aprendeu mais?

«Com Meirim, Wilson e Zézé.»



Murça: filho do mar em terra de selecção

Porque falhou Meirim no Belenenses?

«Não sei, mas um motivo houve: azar. O Belenenses é um clube sem sorte. Veja-se o que aconteceu esta época ao Luís Carlos e ao Serafim... «E aquelas cinco derrotas consecutivas por 1-0?»

Tal como outros colegas de profissão, o nosso entrevistado de hoje não se mostra muito inclinado para uma carreira futura ligada ao futebol:

«Tenho um certo jeito para ensinar, mas por enquanto ainda é cedo para pensar nisso. De qualquer modo, gostaria de

vir a trabalhar por conta própria.»

Casado (e com um filho) não abandona a terra de pescadores que o viu nascer: continua a residir na Costa da Caparica e a gozar o sol e o mar de uma das melhores praias metropolitanas. Admirador de Pietra e Rui Rodrigues, este homem joga aquilo que poderá ser a maior oportunidade da sua vida: com 24 anos, tem mais dez para bem chutar o couro. O nome está no título e vai aqui por inteiro: Alfredo Manuel Ferreira da Silva Murça.

A. P.

O ELOGIO DA FLEUMA

admira porque só são onze), aos 70 000 espectadores que «emolduraram no inferno da Luz» (o que já admira um bocado) e ao resto da população «que viveu suspensa do jogo do ano» (o que espanta!).

A luz deste tipo de manifestações populares espontâneas inúteis (e desviadas) não pode deixar de merecer simpatia e serenidade que Jimmy Hagan conseguiu conservar até ao final do jogo, não se dando sequer ao trabalho de operar as substi-

tuições evidentes para todos os especialistas. Profissional do treino de equipas de futebol (a sua profissão não é ganhar Taças dos Campeões Europeus), a fleuma enfrontou, com uma distanciância que pareceu o único traço de lucidez da grande jornada nacional, a loucura colectiva.

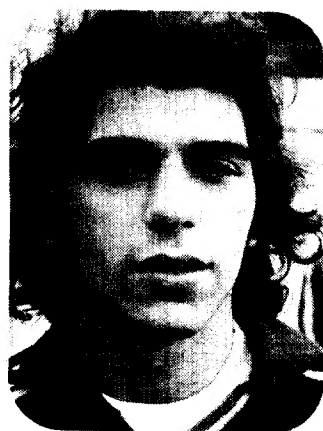
Talvez por suspeitar que na história universal, a poluição, a «Taça dos Campeões Europeus», a mentira e os desperdícios, fica tudo arquivado no mesmo «dossier». E a serenidade não.

P.S. — «Esse tipo não merece elogios. Nem no ponto de vista humano se saba», dizem-me aqui do lado. Paciência, cá fica o recado.

CARLOS MORAIS

LARANJEIRA: NO CENTRO É O MELHOR

No centro da defesa do Sporting, esta é a hora e a vez de João Laranjeira. Quando Mário Lino pegou na equipa, a sua primeira mudança foi colocar Laranjeira como lateral direito. Simplesmente o moço não correspondeu, por baixa de condição física: e Lino ordenou-lhe uma cura de humildade, deixando-o sem jogar durante algumas semanas. De novo incluindo no «team», Laranjeira assentou: e é agora o sustentáculo da defesa leonina e o homem forte na protecção a Damas. Logo, esta é a hora e a vez de João Laranjeira.



Já não é novidade nenhuma jogar a defesa central, pois foi nessa posição que eu ganhei um certo relevo como «internacional» junior. O ano passado, já promovido a senior, e depois de actuar uma vez ou outra a defesa lateral, fiz um período de jogos na posição actual, tendo até ganho a «Taça de Portugal», contra o Benfica. O Caló estava aleijado joguei ao lado do José Carlos. No começo desta época continuei no centro da defesa, mas por saída do José Carlos, e ao lado do Caló. Também foi a central que vesti a camisola da selecção de «Esperanças», pelo que tenho de reconhecer que os meus bons momentos não aconteceram a defesa lateral.

REVELAÇÃO

Laranjeira é, juntamente com o já conhecido Nando e com o quase promovido Álvaro Jorge, um dos poucos elementos criados para o futebol no Estádio de Alvalade, na última meia dúzia de anos de actividade das equipas juniores e juvenis. E não se perdeu, como muitos dos que têm demandado Alvalade, porque as suas qualidades são tão evidentes, que até o mais vesgo em matéria de futebol as notaria. Jogou no meio da defesa até à promoção, e na reserva continuou durante algum tempo a jogar como comandante do sector mais recuado.

No decorrer de uma digressão ao Brasil, porém, Fernando Vaz experimentou-o a lateral-direito: e Laranjeira já deu uma ideia mais exacta do que poderá valer como lateral, pois actuou a alto nível. Parecia que, finalmente, o Sporting tinha encontrado o equilíbrio ideal para a sua defesa. Laranjeira, sendo embora mais jogador que Caló, era no entanto (e com vista ao futuro) o homem indicado para render o brioso e honesto Pedro Gomes, já entrado na casa dos trinta.

É a defesa central que eu mais gosto de jogar. Já houve, no entanto, uma altura em que começava a gostar da movimentação do defesa direito. Mas, quando estava quase integrado, tive novamente que sair e voltar à antiga posição. Para um jogador, tal variedade de posições traz vantagens e desvantagens. Ganhamos mais maleabilidade para adaptação fácil a todos os esquemas, mas nunca se chega a render o máximo por falta de rotina. No futebol, a mecanização num determinado lugar é fundamental para que todas as qualidades do jogador se aperfeiçoem. Isso é que me tem prejudicado.

SELECÇÃO

Nas duas últimas sessões de treino da selecção, Laranjeira, foi novidade. Jamais havia sido visto em tais «sarilhos», mas não deu mostras de perturbação. Antes: jogou ao seu

nível e parece ter agradado a colegas e seleccionador. Pedimos-lhe para comentar a convocatória. Falou:

Desde o jogo com o Porto que eu esperava ser chamado. Já não direi como titular, mas para me ir integrando no espírito da selecção e estar em condições de me incluírem na lista dos vinte e dois quando for o torneio do Brasil. Por isso estou satisfeito e se me continuarem a chamar vou fazer todos os esforços para agradar ao seleccionador.

— A forma instável da equi-

pa do Sporting não o poderá prejudicar um bocado nesse aspecto?

O Sporting não está em má forma. A gente tem feito boas exibições, simplesmente empatámos dois jogos seguidos sem marcar e isso é que intranquiliza as pessoas. Falta um gol. Se ele aparece as coisas vão logo melhor, pois em minha opinião o Sporting até está a subir e a candidatar-se cada vez mais à «Taça».

D.R.



Laranjeira: produto sportinguista ganhou subida

Corre, Manel, corre...

Por
EUGÉNIO
ALVES

E Manuel Joaquim dos Santos Oliveira corria como desalmado, perdido'elas vaias, pelos assobios, pelo passe transviado, pelo remate torto, pelo insulto do colega, pela troça do colega, pelo pai envergonhado.

— **Salta, Manel, salta!**

E Manuel Joaquim dos Santos Oliveira, 18 anos, aprendiz de mecânico, candidato a «estrela», primeiro jogo na equipa, medo total no rosto, no corpo, nas pernas, falha o salto. Troçam uns, irritam-se outros, o pai incita, Manuel sofre.

— **Chuta, Manel, chuta!**

E Manuel, transmontano rijo, dois irmãos na guerra, pai pedreiro, mãe doméstica, namorada secreta, puxa a bola, persegue-a, não há defesa que estorve, guarda-redes para trás, baliza sem ninguém, chuto para fora. A vaia, o insulto, assobios, troça, desgosto do pai que parte.

— **Sai, Manel.**

E Manuel Joaquim dos Santos Oliveira, lágrimas-suor, aprendiz-mecânico, e ex-futebolista já, é substituído.

— **Deixa lá, Manel, na próxima será melhor...**

Manuel não ouviu, as lágrimas continuaram, ficou sentado, olhos semi cerrados, recordando... Os jogos do tempo de escola. Nas ruas, caminhos, terreiros. O professor furioso, mas amigo do pontapé na bola, sem vaias nem insultos. Os companheiros (todos) pé descalço (nem menino rico podia jogar de bota) a bola remendada, a amizade colectiva, rouças pernas, falha o salto, carroceiros de festa... E o fim da escola e de quatro anos de liberdade.

Aos doze o trabalho. A turma era de 37 e apenas seis continuaram por colégios ou liceus...

Foi a morte do sonho de futebolista grande. Com ordenados, prémios, viagens, bons hotéis, andares, de renda. Sonhara tudo isso.

Três dias depois o Manuel Joaquim dos Santos Oliveira deu o «salto». Não se despediu de ninguém. O pai recebeu um dia carta de França.

REQUIEM POR UM HOMEM

Emigrante da sanzala, o mocetão forte que parecia vender saúde fazia do futebol o ganha-pão. Jogava aos domingos, treinava durante a semana, vivia as horas de ócio recordando a sua terra e trocando para lá palavras bonitas que aprendera a alinhar em caligrafia já certinha. Fora isso, só os prazeres naturais de quem se habituou a ter no bolso meia dúzia de contos de réis; e aos 31 anos conhecer uma réstia da popularidade que escapa da sombra dos grandes idolos dos estádios.

No campo da Portela na Marinha Grande, fêz pela última vez a vénia à multidão. Saboreou a derradeira gota do cálice do aplauso. Escutou a assobiadela da linha lateral e o obriga do dos companheiros por mais um dever cumprido.

Treinava como os demais as mesmas voltas ao terreno, os mesmos pulos, as mesmas flexões. Mas, de um instante para o outro, ficou no chão. E já não se levantaria: nem mesmo com a ajuda dos estupefactos colegas de profissão. Como Luciano, como Jorge Orth, morrera a um passo do seu posto: só que a multidão que o distinguia com o favor de uma estima anónima não teve ensejo de estar ali perto, na bancada em que os sócios do Varzim tanta vez elevaram o seu nome como o único salvador de todo um embate.

Era um moço bom e puro, como a maioria dos negros simples e calmos, que só trepam do degrau da sua raça à custa de uma escolha que é marcada pelo destino que rege os espectáculos. Gladiador de um moderno circo, devia à sua destreza no manejo das armas-pés a fuga à mediocridade e à fome

de PRAÇA
a PRAÇA
NEVES DE SOUSA



Enquanto o corpo baixa à sepultura, desenterra-se a outra face do jogador. Que ele bebia. Que ele tomava drogas. Que ele estava preso entre amores comprometidos e paixões mais puras. Que ele temia o futuro: um amanhã que podia chegar na hora do casamento em Angola ou no desfazer de um lar. Ali mesmo: na Póvoa solarenta a espreguiçar-se na praia nesse pôr-de-sol que é convite ao amor ilícito.

Vem à baila a «dopagem»: e quase se afirma (em letra de forma) que os futebolistas treinados por Meirim tomam drogas para superarem as suas natas condições físicas.

Surge a talhe de foice a profissão de futebolista: e quase só falta aparecer gente a querer acabar com o meio de vida desses actores de um espectáculo apaixonante.

Um mundo de conjecturas: e muitas interrogações que vão ficar no ar, ainda por bons tempos.

Pode acreditar-se que existam, no futebol português, treinadores que «dopam» jogadores, sem o menor respeito pela sua condição humana?

Uma preparação levada aos extremos abduzirá a maioria dos futebolistas a um final de carreira abrupto, com queda vertical no leito da incapacidade para a vida?

Até que ponto a necessidade, a ânsia, a procura por todos os meios, dos dois pontos de uma vitória desportiva pode encaminhar o Homem para um abismo?

Em que medida uma sobrecarga de esforços em treinos muito puxados abrevia a resistência humana em lugar de a preparar para caminhadas futuras?

Quantos jogadores como Rico vão esperar só meia dúzia de anos por um eclipse idêntico?

Por
FERNANDO
GUERRA

RÁGUEBI FAZ CONQUISTA

S. MIGUEL: do café ao estádio

Na altura em que o Rúgubi é, cada vez mais, uma modalidade que «explode», em que o público começa a acorrer aos estádios, para o admirar e a informação se debruça sobre os jogos, várias equipas aparecem a aumentar o número de praticantes, e a demonstrar o entusiasmo de que o desporto da bola oval se está a revestir em Portugal.

Uma dessas recém-nascidas equipas é a do S. Miguel. Formada há dois anos por um grupo de rapazes amantes da modalidade, S. Miguel nasceu na mesa dum café, por entre um cigarro e uma bica, numa conversa de horas livres. Mas, a propósito, José Júlio, um dos «Miguelistas», explica:

«Juntávamo-nos num café, na avenida de Roma, onde iam regularmente, por morarmos todos ali perto. Alguns já jogavam rúgubi, mas muitos dos outros associavam-se ao nosso estusiasmo. Assim, começamos a pensar a sério em formar uma equipa, o que fizemos há duas épocas (mais exactamente em Março de 1970) portanto no final da temporada (de 69/70). Era já tarde nesse ano para entrarmos em competição, mas começámos a treinar regularmente.»

O NOME

Um nome. A dificuldade de arranjar um nome que englobe o espírito dum grupo ou que simplesmente o una sob uma vontade que é de todos. O nome que escolheram foi S. Miguel: não pelo arcanjo, chefe da milícia celeste, que é feste-

jado a 29 de Setembro, mas por uma razão muito mais simples. Ei-la.

«Todos (ou quase todos) os que fundaram o clube moram no bairro de S. Miguel, em Lisboa, um bairro situado na chamada zona nova da cidade. Assim, escolheu-se o nome deste bairro, que para quase todos é sinónimo da casa onde vivem.»

Mas, para a formação de um clube, são precisas muito mais coisas que um simples nome: estatutos próprios, equipamentos (com a inevitável e difícil escolha do padrão da camisola) e direcção, por exemplo. Tudo isto foi estudado e pensado pelos rapazes do S. Miguel, que ainda hoje, passados dois anos, mantêm a direcção constituída pelos elementos da primeira hora.

«Uma das cláusulas dos estatutos» - acrescenta Mário Castro, outro dos elementos directivos - «obriga os que querem defender as cores do clube a serem estudantes universitários ou pré.»

Com equipas de seniores, juniores, juvenis e iniciados inscritas nos campeonatos respectivos, outro problema surgiu: a necessidade de uma sede própria, onde se pudessem reunir para discutir assuntos relativos ao clube. «conti-

nuávamos a encontrarmo-nos no café, mas por vezes eramos mais de quarenta o que dificultava um pouco as coisas...»

Falaram então com o presidente da Câmara, que por acaso também mora no bairro. O eng.º Santos e Castro compreendeu o pedido e com a promessa de uma sede definitiva cedeu-lhes uma outra (provisória) constituída por um pavilhão pré-fabricado, de 6 por 6 metros quadrados, na rua Conde de Sabugosa, perto de local onde vivem.

Com quotas de vinte escudos mensais, a ter de pagar equipamentos, deslocações e outras coisas sempre necessárias à vida de um clube, o dinheiro torna-se problema para estas equipas. «Conseguimos apoio financeiro (trinta contos) da Direcção-Geral de Desportos, no fim da época passada» - diz-nos Cunha Lopes, o actual presidente da direcção. Não foi o resolver de todos os nossos problemas, mas ajudou bastante!

«PALMARÉS»

Com dois anos de vida e equipas inscritas em todas as categorias, S. Miguel desde o início que é treinada por um antigo benfiquista, Alberto Borges. E os resultados estão à

vista: Meio da tabela na época passada e campeões nacionais da II Divisão esta época, apenas com uma derrota sofrida. Em juniores, ficaram em terceiro posto no Torneio de Abertura deste ano e encontram-se em quarto lugar no campeonato nacional que ainda decorre, entre 12 equipas inscritas. E as vantagens de ter várias categorias também são bem visíveis: três dos seniores deste ano eram juniores do ano anterior e alguns dos juniores eram juvenis da outra temporada.

Com treinos às terças e quartas (seniores) terças e sextas (juniores) e às quintas (especialmente para juvenis e iniciados), S. Miguel é uma equipa de «sangue» novo voltada ao futuro.

ANSEIOS

Em 72/73 a 1.ª Divisão e a esperança dum boa classificação entre os maiores.

A quem for estudante (que isto de morar em S. Miguel não interessa para o caso e gostar de desporto, aqui fica a sugestão porque não exprimentar uma camisola «azul e encarnada» do S. Miguel num domingo destes, ao lado destes entusiastas, nesta modalidade tão rica que se chama rúgubi?

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

OBRAS DE BENEFICIAÇÃO E LIMPEZA DO PRÉDIO

Sito na Alameda D. Afonso Henriques, 72
LISBOA

Para execução das obras acima mencionadas, aceitam-se propostas, em envelope lacrado, até às 14 horas do dia 24 de Maio de 1972.

O caderno de encargos poderá ser consultado na Alameda D. Afonso Henriques, 45-6.º andar, nas horas do expediente (9 às 12,30 e 14 às 18 horas de segunda a sexta-feira e das 9 às 13 horas aos sábados).

Os concorrentes deverão satisfazer às condições impostas no n.º 1 do art.º 4.º do Decreto-Lei n.º 582/70 de 24 de Novembro de 1970.

As propostas serão abertas no dia 24 de Maio de 1972 pelas 15 horas.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

A equipa de S. Miguel, campeão nacional da II Divisão em Rúgubi. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Carlos Pereira, Luís Pestana, Ernesto, Pimpão, Pedroso, Vasconcelos, Jorge e Simões. De pé: Pintens, Mário Castro, José Júlio, Paula, Passos, Frazão, Daupias, Morgado, Alberto Borges (treinador), José Manuel e Jorge II. Além destes, jogaram ainda esta época José Pedro Barreto, Jorge Monteiro, Luís e José Duarte.

